

Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Linguística
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos

TAÍS INIZ DE PAIVA

FEMININO NA REDE: O CORPO DA/PELA MULHER NO ESPAÇO DIGITAL

Uberlândia/ MG
Julho de 2017

TAÍS INIZ DE PAIVA

O FEMININO NA REDE: O CORPO DA/PELA MULHER NO ESPAÇO DIGITAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Linguagem, texto e discurso.

Orientador (a): Simone Tiemi Hashiguti.

Uberlândia- MG
Julho de 2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P149f
2017 Paiva, Taís Iniz de, 1986-
Feminino na rede : o corpo da/ pela mulher no espaço digital / Taís Iniz de Paiva. - 2017.
107 f. : il.

Orientadora: Simone Tieme Hashiguti.
Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2017.77>
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Análise do discurso - Teses. 3. Violência contra a mulher - Teses. 4. Mulheres - Redes sociais - Teses. I. Hashiguti, Simone Tieme. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

TAÍS INIZ DE PAIVA

O FEMININO NA REDE: O CORPO DA/PELA MULHER NO ESPAÇO DIGITAL

Dissertação de Mestrado Intitulada “O feminino em rede: o corpo da/pela mulher no espaço digital” de autoria da mestranda Taís Iniz de Paiva, apresentado para a comissão constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Simone Tiemi Hashiguti (Orientadora) – PPGEL/UFU

Prof. Dra. Flávia Andrea Rodrigues Benfatti – PPGEL/UFU

Prof. Dr. Bruno Franceschini - UFG

Profa. Dra. Cristiane Carvalho de Paula Brito – PPGEL/UFU (Suplente)

Profa. Dra. Karina Luiza de Freitas Assunção- UEMG (Suplente)

Cleudemar Alves Fernandes
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Uberlândia/MG
Julho de 2017

Dedico...

...À minha família, que é o meu porto seguro.

*Aos meus avós, Iniz e Miguel (in memoriam), que tanto
incentivaram meus estudos e sonharam com este dia.*

*Ao meu amor, marido, companheiro e amigo, Rodrigo,
por sua doçura, paciência, companheirismo e amor.*

*Aos meus alunos, que me motivam a ir ao encontro do
conhecimento e que fazem cada vez mais eu me apaixonar pelo
exercício da docência.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado a vida e permitido que eu chegasse até aqui, abençoando-me, colocando pessoas especiais em meu caminho e me amparando nos momentos difíceis e de incertezas.

Agradeço à minha família, o maior presente de Deus em minha vida: minha mãe, Inês, por todo apoio, incentivo, cafés na cama e carinho. Aos meus irmãos: Tati, Miguel, Rodolfo e Tiago, por serem meu alicerce, meus companheiros, meus melhores amigos, as pessoas que mais amo nessa vida. Vocês são essenciais para mim.

Ao meu eterno amor, Rodrigo Saito, que sempre esteve ao meu lado, dando-me apoio, amor, carinho, consolando-me, acompanhando-me em todas as etapas desse percurso, nas tantas idas e vindas a Uberlândia, sem você, eu não teria conseguido.

Às minhas cunhadas queridas: Priscilla, Roberta, Rúbia e Raquel pela torcida e pelo carinho de sempre. Ao meu cunhado, Kevin, pelas orações e palavras de apoio. Às minhas sobrinhas lindas e amadas: Sophia, Rebekah e Eliza que sempre me trazem muita alegria. Aos meus sogros, Nelson e Sandra, por todo amor, carinho e atenção que sempre dispensaram a mim.

À minha orientadora, Simone Tiemi Hashiguti, por todo ensinamento, paciência, apoio, carinho e, principalmente, por ter acreditado em mim, quando eu mesma não acreditava.

Ao grupo de pesquisa “O Corpo e a Imagem no Discurso”, pelas produtivas discussões e eventos, que muito me ensinaram e me fizeram crescer academicamente.

Às queridas amigas que fiz ao longo dessa jornada e que levarei para a vida toda: Gi e Fabi Lemes, por se preocuparem tanto comigo, por toda ajuda que me deram, pelas palavras de incentivo e carinho que chegavam, às vezes, nas mensagens de madrugada e que me davam ânimo e força para continuar. Vocês são especiais para mim e estarão para sempre no meu coração.

Às queridas amigas e companheiras de viagem: Elizandra, Rowena e Fabiene, pelas idas e vindas a Uberlândia regadas de muita risada e descontração, pelos deliciosos e divertidíssimos almoços no Banana da Terra, vocês fizeram a trajetória mais leve e alegre.

Aos meus queridos amigos- irmãos: Karlinha, Adriano e Jr. por sonharem esse mestrado junto comigo e pela amizade desde a graduação: vocês fazem parte dessa conquista.

Aos professores do programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFU, especialmente aos queridos Simone Tiemi Hashiguti, João Bôsko Cabral, Cleudemar

Fernandes e Alice Cunha que tanto me ensinaram e me fizeram crescer academicamente,
suas contribuições foram inestimáveis.

Aos membros da Banca de qualificação, por quem tenho profunda admiração e respeito:

Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes, Prof. Dr. Wiliam Tagata pela leitura atenta e as
riquíssimas contribuições para minha dissertação.

Aos membros da Banca de Defesa: Profa. Dra. Flávia Andrea Rodrigues Benfatti, Prof. Dr.
Bruno Franceschini, Prof. Dra. Cristiane Carvalho de Paula Brito, Profa. Dra. Karina Luiza
de Freitas Assunção,

pelo olhar cuidadoso e pelas valiosas contribuições, pessoas como vocês nos inspiram.

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL, em
especial às secretárias Virgínia e Luana, por todas as informações sempre gentilmente
cedidas.

À diretora da escola estadual Abadia, Marlene Azambuja e à coordenadora pedagógica,
Teresinha Borges, por toda compreensão, apoio, torcida e ajuda em momentos ímpares.

Ao diretor do colégio cenecista Dr. José Ferreira, Danival Roberto, pela compreensão e
incentivo.

A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, me apoiaram ao longo dessa caminhada.

Muito obrigada!

RESUMO

O presente estudo tem como tema o corpo feminino discursivizado e feito visível no espaço digital de duas comunidades feministas da rede social *Facebook*. Sob a perspectiva da Análise do Discurso de tradição franco-brasileira, nos debruçamos sobre o corpus para verificar, mais especificamente, a questão da violência contra o corpo feminino. A partir, principalmente, dos estudos arquegenealógicos de Michel Foucault, mobilizamos, em nossa análise, os conceitos de regularidade enunciativa, objetivação e subjetivação e dispositivo. Associamos a essa baliza teórica estudos feministas de autoras como Judith Butler e Simone de Beauvoir. Nosso objetivo é compreender como o corpo da mulher é dito e feito visível nesses espaços e materiais. Sobretudo, particularizamos nosso olhar para o corpo feminino que sofre violência física, pois esta se mostra uma questão latente na condição social da mulher na atualidade e deve ter lugar acadêmico e ganhar visibilidade nos estudos sobre a linguagem. O estudo visa a contribuir também para os estudos linguísticos que levam em conta os efeitos do verbal sobre o imagético e vice-versa, e para os estudos discursivos acerca do gênero feminino no Brasil. Nosso *corpus* de análise é constituído por recortes de dizeres e imagens postadas nas comunidades *Marcha das Vadias Sampa* e *Não me Kahlo*. Nesses recortes, analisamos as relações intra e interdiscursivas, os dizeres sobre o corpo da mulher no espaço digital, ou seja, o que já foi dito sobre esse corpo e o que tem sido dito. Analisamos os sentidos já construídos sobre o corpo da mulher e as formulações atuais recorrentes nas comunidades digitais. Nossos resultados apontam que esse corpo continua sendo objetivado como um corpo inferior, mas os espaços digitais atualmente têm possibilitado que os discursos de resistência ganhem visibilidade para ressignificar o corpo feminino, subjetivando-o como um corpo forte e empoderado.

Palavras-chave: análise do discurso; corpo feminino; violência; comunidades; *Facebook*; regularidade enunciativa.

ABSTRACT

This present study has like a theme the discursive female body visible in the digital space of two feminists communities in the Facebook social network. From the French-Brazilian Discourse Analysis perspective, we analyze the corpus to verify, specifically, the violence against the female body. Starting, principally, with Michel Foucault's arche genealogical studies, we mobilize, in our analysis, the enunciative regularity, objectivation and subjectivation and dispositive concepts. We associate to these theoretical goal feminist studies of authors such as Judith Butler and Simone de Beauvoir. Our goal is to understand how a woman's body is said and done visible in these spaces and materials. Above all, we specify our look to the female body that suffer with physical violence because this is actually an important question in the woman's social condition and must have an academic space to get visibility in language studies. The study also aims to contribute to the linguistic studies that take into account the effects of verbal about the imagery and vice versa, and the discursive Brazilian studies about the female gender. Our corpus of analysis consists of words and images clippings posted in communities such as Vadias Sampa and Não me Kahlo. In these clippings, we analyze the intra and interdiscursive relations, the speeches about the female body in digital spaces, which means, what has already been said and what is said about the female body. We analyze the already meanings constructed about the female body and how this is made actually in the digital communities. Our results indicate that the female body is still objectified like a subordinate body, but actually the digital spaces enables that the resistance's speeches get visibility to resignify the female body, so became a strong and empowered body.

Keywords: Discourse Analysis; Feminine Body; Violence; Communities; *Facebook*; Expository Regularity.

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1: Cartaz divulgado na comunidade <i>Não me Kahlo</i> no site <i>Facebook</i>	30
Imagem 2: Imagem-ícone da comunidade <i>Não me Kahlo</i> no <i>Facebook</i>	42
Imagem 3: Imagem-ícone da comunidade <i>Não me Kahlo</i> no <i>Facebook</i>	43
Imagem 4: Foto da capa da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	45
Imagem 5: Imagem de perfil da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	46
Imagem 6: Print Scream da página do dicionário Aulete.....	53
Imagem 7: Print Scream da página do dicionário Dicio.....	54
Imagem 8: Print Scream da página do dicionário Priberam.....	54
Imagem 9: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias Sampa</i> no site <i>Facebook</i>	56
Imagem 10: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	57
Imagens 11 e 12: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	59
Imagem 13: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	59
Imagens 14 e 15: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	60
Imagens 16 e 17: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	60
Imagens 18 e 19: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	61
Imagem 20: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	62
Imagens 21 e 22: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	62
Imagens 23 e 24: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	62
Imagem 25: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	63
Imagens 26, 27 e 28: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	63
Imagens 29 e 30: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	64
Imagens 31 e 32: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	64
Imagens 33 e 34: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	64
Imagens 35 e 36: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	65
Imagens 37 e 38: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	65
Imagens 39 e 40: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	65
Imagens 41 e 42: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	66
Imagem 43: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	66
Imagens 44 e 45: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	67
Imagens 46 e 47: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	68
Imagem 48: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	68
Imagem 49: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	69
Imagem 50: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	69
Imagem 51: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	70
Imagem 52: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	71
Imagem 53: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	74
Imagem 54: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	75
Imagem 55: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	77

Imagem 56: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	83
Imagem 57: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	86
Imagem 58: Comentário na postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site.....	86
Imagem 59: Comentário na postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	87
Imagem 60: Comentário na postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	89
Imagem 61: Comentário na postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	90
Imagem 62: Comentário na postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	90
Imagem 63: Comentário na postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	91
Imagem 64: Postagem da comunidade <i>Não me Kahlo</i> no site <i>Facebook</i>	93
Imagem 65: Postagem da comunidade <i>Não me Kahlo</i> no site <i>Facebook</i>	94
Imagem 66: Postagem da comunidade <i>Não me Kahlo</i> no site <i>Facebook</i>	95
Imagem 67: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	96
Imagem 68: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	98
Imagem 69: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	99
Imagem70: Postagem da comunidade <i>Marcha das Vadias SP</i> no site <i>Facebook</i>	101

SUMÁRIO

Introdução	13
CAPÍTULO I- Percurso Teórico.....	22
1.1. Discurso e corpo, corpo em discurso.....	22
1.2. Regularidades enunciativas.....	33
1.3. Dispositivo.....	35
1.4. Subjetivação e objetivação.....	36
CAPÍTULO II- Fundamentos e Procedimentos Metodológicos	39
2.1. Metodologia de pesquisa.....	39
2.2. <i>Corpus</i>	41
CAPÍTULO III- Feminino e Feminismo no <i>corpus</i> de pesquisa	48
CAPÍTULO IV- O feminismo como dispositivo.....	72
4.1. O corpo que não quer ser docilizado.....	76
4.2. O corpo violentado.....	79
4.3. O corpo padronizado.....	96
4.4. O corpo subjetivado.....	100
5. Conclusão.....	103
6. Referências Bibliográficas.....	105

Retrato do artista quando coisa

*A maior riqueza
do homem
é sua incompletude.*

*Nesse ponto
sou abastado.*

*Palavras que me aceitam
como sou
— eu não aceito.*

*Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.*

*Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.*

*Eu penso
renovar o homem
usando borboletas.*

Manoel de Barros

INTRODUÇÃO

Na pesquisa científica, o objeto ou tema de estudo geralmente é algo que inquieta o pesquisador, que o perturba, interpela, tira-o de sua zona de conforto, tomando-o a ponto de fazê-lo buscar formas de compreender esse incômodo. O interesse pela realização do presente estudo não se deu de forma diferente. Em 2015, deparamo-nos com o tema da redação do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio): *A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira*. Inscritas na posição sujeito mulher- professora- pesquisadora e corretora de redação, tivemos nosso olhar atraído pelo tema a partir da experiência vivida na correção das provas e pela grande repercussão e polêmica que o tema gerou no espaço digital.

O Enem foi criado em 1998, pelo Ministério da Educação do Brasil com o intuito de avaliar o desempenho dos estudantes do ensino médio e a qualidade da educação básica no país. O exame visa a elevar o nível de escolaridade e a melhorar a qualidade do ensino. É o segundo maior exame educacional do mundo¹; Em 2015, teve 8,4 milhões de inscrições, ficando atrás apenas da China, com o exame de admissão do ensino superior, que contou com cerca de 9,5 milhões de inscritos no mesmo ano. Em 2009, o Enem passou a ser utilizado na seleção de candidatos ao ensino superior, passando por reformulações e sendo admitido pela maioria das universidades brasileiras como forma de ingresso ao curso superior. No ano de 2015, o Enem propôs o tema: *A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira* na prova de redação. Como foi possível apreender em noticiários em todo o país, o tema surpreendeu muitos candidatos e foi impactante para muitas pessoas.

A proposta de redação da prova trouxe uma coletânea de textos sobre o assunto, quatro no total: o primeiro era o mapa da violência expondo os números de homicídios de mulheres no Brasil nos últimos 30 anos, o segundo era o balanço 2014 da Secretaria de Políticas para as Mulheres exibindo um gráfico discriminando os tipos de violência relatados e a porcentagem de mulheres que denunciam os agressores, o terceiro texto trazia um cartaz com uma campanha proposta pelo Portal Compromisso e Atitude da Secretaria de Políticas para as Mulheres, da Presidência da República e do Ministério da Justiça tratando da lei número 13.104 do Feminicídio. E o quarto texto da coletânea era um texto publicado na revista Isto é, em 2015, sobre o impacto da criação da Lei Maria da Penha no Brasil, mostrando o número de processos e de pessoas enquadradas a partir de sua vigência; bem como a divulgação do

¹ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Exame_Nacional_do_Ensino_M%C3%A9dio. Acesso em: 16 fev. 2017.

disque denúncia, um número criado para atender as denúncias de violência contra a mulher no Brasil.

“O Portal Compromisso e Atitude é dirigido especialmente aos operadores do sistema de Justiça, mas de acesso aberto a toda a sociedade, é uma plataforma onde são divulgadas informações objetivas e atualizadas sobre legislação, jurisprudência e as políticas públicas que tratam da violência contra as mulheres. Além de subsidiar o trabalho dos envolvidos na aplicação da lei e no atendimento às vítimas, por meio de exemplos de práticas bem-sucedidas e de peças jurídicas de utilidade no dia a dia dos profissionais, o Portal apresenta também artigos e dados de diferentes áreas para permitir a ampliação do conhecimento sobre as questões complexas que envolvem a violência contra a mulher e o ciclo da violência doméstica”².

A escolha do tema da prova do Enem gerou polêmica nas redes sociais, dividindo opiniões e expondo um dos vários problemas sociais do Brasil: a violência contra a mulher. Nas redes sociais houve manifestações de ambas as partes: de um lado, os que reconheceram a importância de abordar esse problema recorrente em nossa sociedade, de outro, piadas e críticas de internautas que acham que dar visibilidade ao tema é uma atitude feminista e desnecessária. A polêmica foi tão longe que até mesmo *hashtags* e *slogans* foram criados para depreciar a escolha do tema. Os mais disseminados foram: “#enemfeminista” e “Enem 2015: o ano em que a doutrinação feminista ocupou o tema central da redação”.

A experiência de correção nos colocou numa posição de “testemunha” da violência contra as mulheres, já que, em muitas redações, deparamo-nos com depoimentos de mulheres que se aproveitaram do espaço concedido pela prova para relatar as agressões que sofriam, ou seja, muitas lançaram mão do espaço e da visibilidade promovidos pelo tema da redação e descreveram com detalhes as agressões que viveram. Isso suscitou em nós diversos questionamentos tais como: Se a redação foi usada, por várias candidatas do Enem, como espaço para poder relatar a violência que sofrem ou sofreram, isso significa que de fato temos sido cegos ou indiferentes sobre essa questão e que de fato faltam espaços para se falar sobre isso? Por que as pessoas são tocadas de maneiras tão antagônicas por esse tema? O que tem sido (não) dito ou mostrado sobre o corpo feminino? Se a prova, como documento obrigatório no exame, funcionou como furo possível numa discursividade em que a violência contra a mulher é um tema tabu, permitindo que ele fosse enunciado por vítimas de violência, em que outros espaços as mulheres têm podido falar sobre isso?

² Texto extraído do próprio Portal, disponível em: <http://www.compromissoeatitude.org.br/o-portal-da-campanha/> Acesso em: 11 jun. 2017.

Movidas por tais inquietações é que o interesse desse estudo se deu, sobretudo, por nos posicionarmos como professoras de português e de redação do ensino fundamental e médio, posição esta privilegiada para poder trabalhar questões como essa em sala de aula. A pesquisa se justifica pela sua urgência como tema social e pela necessidade de abordar o tema sob uma perspectiva dos estudos da linguagem que possibilite compreender a violência funcionando em dispositivos disciplinares. Ela se justifica também por proporcionar uma compreensão sobre o tema que pode dar elementos para professores como nós discutirem e problematizarem a questão na sala de aula do ensino básico, proporcionando um espaço de debates e reflexões que, como podemos concluir em nosso estudo, falta. Há, como é possível concluir pela leitura das redações-relato no Enem, um silenciamento social sobre o tema. Esse silenciamento não ajuda a diminuir a violência e, concordando com o posicionamento crítico de Rajagopalan (2003), a pesquisa na área dos estudos linguísticos deve fazer relação com o social: abordá-lo, discuti-lo e voltar para ele os seus resultados, de maneira a poder afetá-lo de alguma forma. Seguindo uma perspectiva discursiva de linguagem, nas práticas de sala de aula, é possível discutir como perpetuamos e também deslocamos e produzimos sentidos em nossas práticas discursivas e refletir sobre como isso afeta o social.

Como não é possível analisar os dizeres dessas mulheres nas provas, ou seja, não é possível usar as próprias redações para um estudo dos discursos ali funcionando devido a uma questão ética, voltamo-nos para os discursos das redes sociais. A partir de inúmeras buscas e de um olhar mais atento para esse tema, duas comunidades virtuais³ nos chamaram a atenção: *Marcha das Vadias* e *Não me Kahlo*, que são comunidades do *Facebook* que lutam pela autonomia da mulher e se posicionam contra discursos que aviltam as mulheres, sobretudo, a partir do domínio do próprio corpo. O que nos chamou a atenção nessas comunidades foi a maneira como o corpo da mulher materializou uma forma e um espaço para ela se fazer visível e dizível. Por exemplo, na comunidade *Marcha das Vadias Sampa*, o corpo feminino seminu é exposto como forma de resistência para desconstruir o olhar erotizado que existe para esse corpo, olhar esse que o torna um objeto de prazer sexual masculino. O fato de o corpo feminino, nessas comunidades, sobretudo na *Marcha*, ser usado como suporte para os dizeres, ou seja, o de o corpo ser suporte material e funcionar como um cartaz que carrega os enunciados de resistência, também nos chamou a atenção, pois a nudez dos corpos, num espaço que não é dedicado para isso, é algo que pode incomodar, causar um desconforto,

³ Chamaremos de comunidades virtuais os grupos criados na rede social *Facebook* que compartilham dos mesmos interesses. Definição disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunidade_virtual. Acesso em: 16. Fev. 2017.

provocar, deslocar e produzir sentidos. Pensamos, então, que essa deveria ser uma estratégia de saber/poder num discurso, uma estratégia feminina sobre si. Nosso recorte de pesquisa obedeceu, então à ordem do nosso olhar, constituído por questionamentos que formulamos já no contato com as várias comunidades virtuais com as quais iniciamos nosso percurso. As perguntas de pesquisa que nos norteiam são: Numa história ocidental, mais especificamente brasileira e contemporânea, em que o corpo feminino tem sido ainda objeto da violência do homem, como as mulheres em suas comunidades virtuais estão deslocando sentidos sobre o corpo feminino? Quais são suas estratégias discursivas/de visibilidade para resistir à violência? Isto é, como o corpo feminino, como espaço potencial para a violência do homem, é discursivizado e feito visível pela própria mulher nas comunidades analisadas? E ainda, as comunidades analisadas constituem um espaço de resistência contra a violência contra a mulher? Com quem, em termos de posições discursivas, dialogam as mulheres que participam dessas comunidades? Nosso objetivo geral, portanto, é analisar como o feminino é discursivizado e feito visível nos espaços digitais, mais especificamente nas duas comunidades feministas do *Facebook*. Nossos objetivos específicos são analisar os processos de objetivação e subjetivação desse corpo, buscar as regularidades enunciativas visíveis nesses espaços e, por fim, analisar como o dispositivo da violência e o dispositivo feminista funcionam nesses espaços de poder/ saber. Uma descrição pormenorizada das comunidades já em forma de análise, e num segundo momento da pesquisa, em que discutimos sobre esses sentidos será apresentada mais adiante no capítulo II.

Como concluímos neste estudo, a criação de tais comunidades é uma forma de as mulheres resistirem a uma discursividade machista dominante e à violência física que dela decorre, subjetivando-se como donas de seus corpos. Suas estratégias são expor o corpo, expor a violência, expor-se mulher apoiando outras mulheres. É nessa superexposição, juntamente com o dizer de si, que as mulheres se objetivam como corpos livres e não submissos e se subjetivam como senhoras de si. Essas estratégias fazem parte de um dispositivo feminista, como defendemos neste estudo. É exatamente para compreender o que é enunciado e feito visível sobre o corpo feminino nesse espaço digital das duas comunidades que esse estudo se realiza.

Cabe apontar que a questão da violência contra o corpo feminino tem sido abordada no campo acadêmico em diversas áreas. Na Psicologia, por exemplo, estudos como os de Medrado e Mélo (2008) discutem os posicionamentos críticos e éticos sobre a violência contra a mulher. Os autores partem da perspectiva da construção social para discutir as

práticas violentas de homens e as construções sociais tidas como “verdades absolutas” que acabam posicionando os sujeitos em nossa sociedade.

Na área da saúde temos o estudo de Schraiber e D’Oliveira (1999) que aponta que a violência contra a mulher tem sérias consequências para a saúde. As autoras explicam que a violência doméstica, por exemplo, desencadeia problemas tais como as lesões óbvias das agressões, as queixas ginecológicas, os traumas psicológicos, a depressão e o suicídio. Este estudo aponta também que a gravidez da mulher é um fator de risco que contribui para a violência, ou seja, a gravidez provoca a violência, pois nem sempre é planejada pelo casal ou desejada pelo homem que culpa a mulher por ter engravidado e a agride por esse motivo. As autoras afirmam que as mulheres que sofrem violência física ou sexual tendem a usar mais os serviços públicos de saúde, embora não haja tantos registros das agressões em prontuários médicos. As pesquisadoras investigam essa resistência médica em detectar e registrar no prontuário da paciente a violência sofrida.

No campo do Direito, inúmeros são os estudos, como o de Cunha (2014) que defende que o Direito, por mais que tenha reconhecido a mulher como sujeito de direitos assim como o homem, ainda apresenta limitações. Por exemplo, em 1988, a Constituição Federal Brasileira passou a reconhecer a igualdade entre homens e mulheres; em 1916, houve uma alteração do Código Civil que criou o Estatuto da Mulher Casada e estabeleceu o exercício do pátrio poder a ambos os pais e deixou de considerar a mulher civilmente incapaz de cuidar dos próprios filhos. Cunha (2014) afirma em seu estudo que o Direito “se identifica com o polo masculino e o sistema dualista de gênero”, tomando a figura de direito masculinizada, dotada de razão e poder. Cunha (2014) revela que o Direito não rompe com a ordem patriarcal de gênero e sequer admite a complexidade e peculiaridade dos sujeitos. O Direito, como podemos concluir do estudo de Cunha (2014), enuncia uma posição contraditória, já que deveria garantir a igualdade a todos perante a lei.

Na área da linguagem, da mesma forma, há uma preocupação em discutir questões sobre a mulher, especialmente, sobre o corpo e a violência. Podemos citar, por exemplo, o trabalho de Chaves (2015) e o de Milanez (2015), que estudam o feminino e o corpo da mulher sob a perspectiva da Análise do Discurso. Este com foco para as materialidades audiovisuais, aquele dá ênfase à comunidade do *Facebook*, tais estudos dialogam diretamente com o estudo ora apresentado.

Chaves (2015) propõe um gesto de leitura sobre a *Marcha das Vadias* como um movimento dos sentidos na história. Ela expõe sua perspectiva teórico-metodológica e cita

Saussure (1916) para falar sobre o ponto de vista e justificar a escolha pelo *corpus*. Ela inicia o texto com o seguinte questionamento: como os sentidos de ‘*vadias*’ se constituem no movimento *Marcha das Vadias*? A partir da pergunta de pesquisa, a autora busca entender a relação do sujeito “vadias” com a Marcha. Chaves (2015) questiona, por exemplo, a opacidade do enunciado “*Marcha das Vadias*”. De quem é a Marcha? E para responder a esse questionamento, ela resgata a memória discursiva do termo *vadias* que faz parte do nome da comunidade do *Facebook* e que é o seu *corpus* de análise, comunidade esta que teve sua organização inicial feita pela internet, mas que depois culminou em uma marcha que levou o movimento às ruas. A pesquisadora faz uma retomada histórica do termo e discute os processos de significação e ressignificação dessa palavra no decorrer da história. Chaves (2015) retoma a noção de objetos paradoxais em Pêcheux para explicar que não há um sentido de *vadia* originário, esse sentido foi construído ao longo do tempo e ressignificado por vários processos de sentidos, no seu acontecimento.

Chaves (2015) aborda em seu texto os diversos sentidos que perpassam a marcha, tais como a transgressão do movimento, a busca pela autonomia e empoderamento feminino e, sobretudo, a luta pela igualdade de gênero a partir dos discursos políticos enunciados na Marcha. Em seu texto, ela faz uma reflexão sobre o público e o privado e os efeitos de sentido que isso provoca, pensando na relação da Marcha mobilizada nas redes sociais e a culminância do acontecimento da Marcha que saiu às ruas. A autora discorre sobre a censura do dizer, materializa as relações entre sujeito e espaço e as impossibilidades de dizer/ mostrar/ circular e explica ainda a necessidade de o movimento se afirmar como presença física e virtual. Chaves (2015) explora ainda os sentidos da militância em rede e utiliza o conceito de corpografia (DIAS, 2007) para pensar a relação da escrita nos corpos, a escrita digital imbricada com a escrita manual, os corpos seminus com dizeres próprios das redes virtuais, com palavras de ordem acompanhadas das *hashtags*. Como também neste estudo a comunidade *Marcha das Vadias* é enfocada, as discussões de Chaves (2015) são preciosas para a compreensão do que será analisado aqui como discurso digital do movimento feminista.

No estudo de Milanez (2015) há também uma preocupação em retomar a memória discursiva de um outro termo relacionado ao universo feminino: *divas*. Ele faz uma relação do termo com as materialidades audiovisuais e analisa os sentidos emergidos dele. O autor inicia sua análise fazendo uma retomada histórica sobre a maneira como a Língua Portuguesa era tratada enquanto objeto na década de 80. Milanez (2015) afirma em seu texto que o estudo da

Língua Portuguesa oscilava entre rigidez e liberdade. Ao mesmo tempo em que ainda eram cobrados os clássicos da literatura brasileira, outras leituras eram incentivadas e despertavam a curiosidade dos leitores da época, como por exemplo, as revistas.

Milanez (2015) traz a questão da ditadura militar da época e explica que a partir de 1990, a leitura das letras de músicas, a leitura crítica de jornais e revistas, se iniciaram. O autor afirma que havia a presença de um estudo “mutiposicionado da língua e das imagens fixas” (2016. p. 2). Só em 2000, após a virada do século, é que houve uma abertura para o estudo de novas materialidades. Essa retomada histórica é feita no texto para explicar a relação do autor com o seu objeto de análise: as materialidades audiovisuais. O autor defende que as materialidades audiovisuais sempre fizeram parte de nossa vida, mas só agora demos lugar a elas e sugere uma análise em tríade, ou seja, uma análise da linguagem, do som e da imagem.

O estudo de Milanez (2015) traz em suas análises a materialidade e o campo do objeto, ou seja, a nomeação e descrição das materialidades audiovisuais. Ele analisa a espessura histórica desse objeto, seu lugar institucional, o suporte dessas materialidades, ou seja, a forma de registro delas. O autor traz em suas análises também os espaços-temporais e a relação das materialidades com a cor e com o som.

Fundamentando-se em Foucault (2006), Milanez (2015) analisa como a imagem em movimento torna-se objeto do discurso. O corpo é bastante explorado pelo pesquisador a fim de tornar visíveis os gestos e olhares da posição-sujeito *diva*. As mulheres se subjetivam divas, pois os discursos que circulam no meio audiovisual permitem tal subjetivação, num processo de significação e ressignificação que é modificado historicamente. Ele faz um esquadrinhamento dos corpos das divas, analisando desde a cor dos cabelos, até a posição e movimentação dos corpos, os gestos, o olhar e os relaciona com os gestos corpóreos de nossa cultura. Tal relação leva os telespectadores a se identificarem com essas materialidades acionando uma memória discursiva do corpo. Por fim, Milanez (2015) conclui em seu estudo que as divas são divas porque repetem em torno de si gestos e sons que já existem e que fazem os telespectadores acionarem uma memória do já lá, já construída. As discussões desse pesquisador tonam-se, portanto, significativas para a compreensão das materialidades analisadas nesse estudo.

Em meio a esses estudos sobre o feminino, nesta pesquisa, retomamos o tema da violência contra as mulheres com o objetivo de analisar como elas, ao participar das comunidades analisadas, se subjetivam e se objetivam discursivamente. Balizadas por

fundamentação teórico-analítica da Análise do Discurso com referência a autores como Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Michel Pêcheux e de autores que discutem e praticam o feminismo, tais como Simone de Beauvoir, Judith Butler e Teresa de Lauretis, analisamos materiais que foram disponibilizados nas comunidades virtuais brasileiras *Marcha das Vadias* e *Não me Kahlo* – a saber: postagens com imagens de mulheres violentadas durante o carnaval, postagens com fotos de mulheres ativistas sendo agredidas por policiais homens durante passeata da *Marcha das Vadias*, postagens que focam, sobretudo, o corpo feminino. Ao todo, analisamos 70 imagens de postagens variadas e ainda a recriação de uma sequência de imagens de um vídeo.

Para responder às questões pesquisa, tomaremos o seguinte percurso teórico: no capítulo I discorreremos sobre o discurso e o corpo feminino, apresentando os postulados teóricos por meio dos quais desenvolveremos a análise. Explicaremos que corpo é esse, porque ele é considerado o Outro, dominado e disciplinado, para compreender melhor porque o corpo feminino ainda é alvo de violência.

No capítulo II, apresentamos a metodologia usada, bem como a descrição pormenorizada-análise do *corpus*. Conforme entendemos, na Análise do Discurso, não há uma separação em fases de descrição e análise do corpus, porque os dois são desde sempre uma mesma coisa que se dá pelos gestos de interpretação (ORLANDI, 2002, p. 64) do pesquisador. Não há uma relação de neutralidade total entre o pesquisador e seu objeto, pois não se trata de lidar com instrumentos de comunicação, mas de analisar o funcionamento da linguagem em sua opacidade na história.

No capítulo III, discutimos os termos feminino e feminismo, analisamos como o dispositivo feminista desloca sentidos sobre o corpo feminino, subjetivando-o diferentemente dos dizeres que circulam na sociedade sobre esse corpo. No IV capítulo apresentamos a análise do corpus e explicamos os discursos sobre o corpo feminino que compreendemos estarem sendo praticados nas postagens que selecionamos como recorte de pesquisa das comunidades. Mobilizando os conceitos de regularidades enunciativas, dispositivo, objetivação e subjetivação, conforme nos apresenta o filósofo Michel Foucault, analisamos tanto a materialidade linguística quanto a imagética e midiática dos vídeos para entendermos como o dispositivo feminista funciona no espaço digital e como ele dá visibilidade e voz às mulheres e ao corpo feminino.

Por fim, apresentamos nossas conclusões. Nosso estudo permite concluir que o dispositivo feminista busca desconstruir o dispositivo da violência, dando voz e visibilidade

às mulheres violentadas e silenciadas de nossa sociedade a partir do espaço digital que permite furos, deslocamentos de sentidos nos discursos dominantes e machistas.

CAPÍTULO I

PERCURSO TEÓRICO

1.1. Discurso e corpo, corpo em discurso

Em um estudo sobre a linguagem, pela perspectiva discursiva, é necessário conhecer as condições de produção e os aspectos históricos e ideológicos que determinam os sujeitos para entender melhor as suas posições e condições enunciativas. Neste estudo, constitui base para nossas teorizações e análises a Análise do Discurso de tradição franco-brasileira, pautada em autores seminais como Michel Pêcheux e Michel Foucault. Tal perspectiva nos permite os deslocamentos necessários para compreender melhor a relação do homem com a linguagem e com a história.

Para entendermos a ênfase na questão do funcionamento e não de uma suposta função da linguagem, podemos retomar as condições de constituição da própria disciplina no seio de outras disciplinas que se ocupam da linguagem e também da relação com os estudos de Michel Foucault, filósofo que se ocupou da arqueologia dos saberes e da gênese das ciências, que influencia sobremaneira os analistas do discurso. A Análise do Discurso originou-se na França na década de 1960 a partir de inquietações sobre a relação entre o sujeito e o sentido. A AD francesa trata a língua em seu processo histórico e ideológico, levando em consideração as condições de produção e os efeitos de sentidos. Os principais precursores foram o lexicólogo Jean Dubois e Michel Pêcheux. Nessa linha de pesquisa, observa-se que, conforme o próprio nome já diz, seu objeto de estudo, grosso modo, é o discurso. Segundo Orlandi (2002):

A Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (p. 15/16).

Observamos então que na AD as análises se voltam para a compreensão dos processos de produção do sentido, pois têm como objetivo principal compreender a língua em funcionamento.

Michel Pêcheux surgiu como um dos precursores da AD em um período em que o campo epistemológico nas ciências da linguagem era regido pelo positivismo. Sua contribuição para os estudos foi a de trazer uma perspectiva marxista e um novo paradigma

sobre a linguagem, a ideologia e o discurso. Esse novo cenário pêncheuxtiano marcou certa ruptura com a teoria saussuriana, no sentido de ser uma proposta de estudo que não foca somente na análise da estrutura da língua, ou somente na fala, mas que considera o que lhes é exterior também. É a partir desse rompimento com a noção de língua/fala que se inicia um olhar voltado não só para o texto em si, mas também para o entendimento do social, do histórico, do ideológico, ou seja, das condições de produção do discurso.

A análise foucaultiana também não é apenas uma análise estrutural e linguística. Foucault busca entender as condições de possibilidade do discurso, sua emergência e práticas. Para Foucault, grosso modo, discurso é um conjunto de enunciados pertencentes a campos diferentes que obedecem a certas regras de funcionamento de acordo com as condições históricas, ideológicas e de produção. Com relação à análise do campo discursivo, Foucault afirma:

[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. (FOUCAULT, 2010. p. 31)

De acordo com Foucault, o discurso tem uma função normativa e reguladora que se faz visível a partir de práticas. Para entender tais práticas é preciso analisar a “relação que existe entre esses grandes tipos de discurso e as condições históricas, as condições econômicas, as condições políticas de seu aparecimento e de sua formação” (Revel, 2005, p. 38).

Sendo assim, seguindo a linha epistemológica da AD de tradição brasileira, que se pauta em ambos os construtos teóricos pêncheuxtiano/ foucaultianos, ao analisar os discursos presentes nas comunidades do *Facebook: Não me Kahlo* e *Marcha das Vadias*, compreendemos que o sujeito fala ou escreve de um determinado lugar social e que a história desse lugar fornece a ele o que dizer e como dizer, e que ao falar/ enunciar, ele é uma posição no/do discurso. Essas posições são intercambiáveis e funcionam numa constante relação de poder.

Os discursos não acontecem no vazio, eles são perpassados por outros discursos, atravessados por diversos dizeres que são repetidos socialmente e que materializam ideologias dominantes. Segundo Orlandi (2002), a interpretação dos sentidos dos discursos atesta a

presença da ideologia, pois não há sentido sem interpretação. Para compreender os discursos que nos circundam é preciso interpretá-los, é preciso entender seu sentido como sempre ideológico.

Ainda conforme Orlandi (2002, p. 43), “O discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro”. Como explica Michel Pêcheux, a *formação discursiva* é aquilo que está em outro lugar, mas que determina o sentido, é aquilo que, numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de uma posição dada em conjuntura sócio-histórica dada determina o que pode e deve ser dito (PÊCHEUX, 1997). Os discursos praticados nas comunidades analisadas, por exemplo, materializam o movimento feminista, como veremos. As *condições de produção* desses discursos também são importantes para um estudo sobre a perspectiva discursiva. Esse conceito é fundamental na AD porque remete a linguagem para seu exterior: “Elas [as condições de produção] compreendem fundamentalmente os sujeitos e as situações. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, faz valer as condições de produção é fundamental.” (ORLANDI, 2002, p. 30).

No presente estudo, conforme analisaremos no próximo capítulo, nossas condições de produção são as seguintes: referimo-nos a sujeitos que são mulheres ocidentais na contemporaneidade, significando-se a si próprias a partir de seus corpos expostos em imagens e textos verbais no espaço digital. Estas mulheres se organizam em comunidades do *Facebook* que se fazem visíveis na rede social. Essas comunidades são interativas e suas possibilidades de significação digital seguem a ordem da Web 2.0. O posicionamento como mulheres surge na história na relação com o posicionamento machista que as têm subjugado e, em muitos casos, assediado e agredido há muito tempo.

Conforme Pêcheux (1997, p. 161) nos explica, em AD, tratamos de sujeitos de linguagem e analisamos posições discursivas: “os indivíduos são sujeitos de seus discursos pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Notamos que ser um ativista, em nossa perspectiva, é ocupar uma posição discursiva, é ser um sujeito de práticas cotidianas que também são práticas discursivas e que essa interpelação dos sujeitos em ativistas e a necessidade de participar de uma comunidade digital se dão dessa relação entre as imagens dos corpos dessas mulheres e seus dizeres.

É por uma relação de injunção, portanto, que é a que existe entre sujeito e sentido no discurso, que compreendemos mulheres se filiando a redes de sentido que as permitem se

significar por si próprias, numa discursividade sobre si e de si que praticam e regularizam, num processo de identificação com a prática discursiva da comunidade virtual. Ao trazermos o conceito de práticas discursivas, remetemos nossa fundamentação imediatamente aos construtos teóricos de Michel Foucault. Seus estudos arqueogenealógicos são uma base fundamental para entendermos a questão do *poder* e da sexualidade e ampliar nosso entendimento sobre o discurso e sua materialização em enunciados como o imagético e o verbal.

Na obra *A Ordem do Discurso*, Foucault (1999) suscita uma questão ontológica que atinge todo ser humano: o embate com a palavra e o desejo (inatingível) de transparência do discurso. O autor discorre sobre a inquietação do ser humano, sua busca por posicionar-se no mundo como sujeito. Ele nos lembra ainda de que o discurso não é somente aquilo que manifesta ou esconde o desejo, mas também o poder. O poder é entendido por Foucault como exercícios em micro instâncias, não há um só poder em si, há relações de poder em todas as relações entre sujeitos. São ações de alguns sobre outros, ações contra ações, ações simples, mínimas, sutis, que mobilizam sempre uma relação de força, um embate, em que um deseja dominar o outro, numa relação de luta e combate. Segundo Fernandes (2012) “Essas relações, se observadas pelas produções discursivas, revelam os diferentes lugares ocupados pelos sujeitos nas redes sociais; sendo esses lugares determinantes das formas de ação e das enunciações”.

É levando em conta essa relação de poder que analisaremos os discursos dessas comunidades, pois conforme Foucault (1987), os discursos são marcados pelo desejo e pela relação de poder, e entendemos que as mulheres têm o desejo de se libertar das amarras simbólicas e reais do discurso machista e, de ter poder, isto é, de se apoderar de seus próprios corpos e de suas vidas. Elas têm o desejo de serem vistas e ouvidas, de transgredir os discursos que as escravizam, que as colocam em uma posição subalterna. A nosso ver, as mulheres buscam no espaço digital uma forma de se deslocar do lugar que lhes é imposto. Sendo assim, pela própria prática discursiva das comunidades, ao estabelecer novos sítios de significação, elas descobrem que dizer e se fazer visível e audível são maneiras de resistir à opressão e violência e constituir uma força.

Cabe apontar que esse desejo funciona e se dimensiona na relação com o discurso patriarcal, que ainda é dominante. O patriarcalismo é um sistema social que coloca o homem como autoridade e lhe dá privilégios. Sobre patriarcalismo Nye (1995, p. 121) afirma que

Todo poder exige o consentimento por parte do oprimido. O consentimento das mulheres é obtido por meio da socialização. As mulheres nem sempre são governadas pela força. A vontade masculina de que a mulher assuma um papel subordinado é mascarada nas teorias de uma “natureza” feminina. Instituições de socialização, sobretudo a família, garantem que essa “natureza” reapareça em cada geração pela mediação entre estrutura individual e social. Por vezes, no entanto, é empregada força bruta- mediante leis que tornam o aborto ilegal, ou os maus-tratos e violência à esposa. Descrições jocosas da violência contra as mulheres nos meios de massa, pornografia, e anedotas misóginas, tudo isso são meios de utilizar a violência para afirmar o poder masculino. A afirmação do poder patriarcal implica um extenso repertório de estratégias e atitudes. [...] É a estrutura social que forma o modo como os homens sentem sobre o amor, as mulheres, o casamento e a família. Os homens no poder criaram “a mulher” para assegurar aquele poder: ‘Numa sociedade patriarcal, a dominância masculina deve ser mantida a todo custo, porque a pessoa que domina não pode conceber qualquer alternativa senão a de, por sua vez, ser dominado’.

Esse patriarcalismo é perpetuado por várias instituições, ordenando os sentidos sobre a mulher como objeto para o poder do homem e naturalizando-os. Esses sentidos tentam calar os sentidos de novas discursividades, como a feminista, por exemplo, porque é assim, por interdição e exclusão que os discursos funcionam. Nas palavras de Foucault (1999, p. 9):

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar.

Os discursos patriarcais que ditam o que as mulheres devem ou não fazer, que cerceiam a liberdade da mulher de se comportar de forma *sui generis* são formas de interdição, de desautorização, pois tais discursos colocam as mulheres à margem da sociedade e ao mesmo tempo dão poder aos homens, ratificando um sentido de superioridade. Consequentemente, um efeito limite desse discurso é de que o homem, nessa posição privilegiada de poder, se sinta no direito e efetivamente agrida a mulher. Tais agressões são tanto verbais quanto físicas, porque, como também nos explica Foucault (1987), o corpo é castigado para ser disciplinado/ doutrinado. As mulheres que ocupam essa posição de vítimas/submissas, na maioria das vezes, não reclamam ou se rebelam contra a violência, pois são objetivadas e subjetivadas por/nesse discurso que é também praticado e repetido em diversas práticas discursivas, ou seja, a vontade de verdade diz de como os saberes são postos e distribuídos na sociedade, os discursos que atestam a inferioridade da mulher, por exemplo,

pautam-se nas teorias biológicas, com recorrência a outros saberes e isso faz com que esses discursos se legitimem, ganhem *status* de verdadeiro e, conseqüentemente, se repliquem na sociedade. Conforme aponta Foucault (1999, p.17):

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.

Os sentidos para a mulher como objeto de poder masculino e como seu oposto, numa relação de diferença antagônica, vão se disseminando a partir de práticas discursivas. Consoante Bourdieu (2012, p. 16):

Arbitrária em estado isolado, a divisão das coisas e das atividades (sexuais e outras) segundo a oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/ baixo, em cima/ embaixo, na frente/ atrás, direita/esquerda, reto/curvo (e falso), seco/ úmido, duro/ mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora (público) / dentro (privado) etc., que para alguns, correspondem a movimentos do corpo (alto/ baixo/ subir e descer, fora/ dentro/ sair entrar). Semelhantes na diferença, tais oposições são suficientemente concordes para se sustentarem mutuamente, no jogo e pelo jogo inesgotável de transferências práticas e metáforas; e também suficientemente divergentes para conferir, a cada uma, uma espécie de espessura semântica, nascida da sobredeterminação pelas harmonias, conotações e correspondências. Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo, em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as “naturalizam”, inscrevendo-as em um sistema de diferenças, todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo, sobretudo por todos os ciclos biológicos e cósmicos.

Tornou-se, por exemplo, tão comum insultar a mulher no discurso machista que subjetiva tantos de nós, que há vestígios do machismo sendo praticado pelas próprias mulheres. Essa naturalização do machismo pode ser explicada a partir da disciplina. Foucault (1999) alega que a disciplina que vem como técnica no/do discurso, controla a produção de sentidos e hábitos, impondo limites e regras. O discurso religioso é um bom exemplo disso. A Bíblia cristã, assim como outros livros sagrados, cujas interpretações são tomadas como verdades, possui diversas regras e limitações, sobretudo para as mulheres, impondo, por exemplo, que estas sejam submissas ao homem. Ainda segundo o autor, “o discurso tem

existência transitória destinada a se apagar cuja duração não nos pertence”. (FOUCAULT, 1999). O discurso se desloca, ele vai e vem, é repetido, é reformulado, de acordo com uma conjuntura dada em um dado período e de acordo com as práticas dos sujeitos. Não é necessário determinar a origem dos dizeres, nem saber por quanto tempo ele será enunciado, mas podemos conhecer as condições de sua produção e compreender os seus efeitos de sentido. Nessa perspectiva é que se constroem os discursos dessas comunidades em análise, segundo postula Foucault:

Em suma, pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que “se dizem” no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, *são ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer. [...] É certo que esse deslocamento não é estável, nem constante, nem absoluto. Não há de um lado, a categoria dada uma vez por todas, dos discursos fundamentais ou criadores; e, de outro, a massa daqueles que repetem, glosam e comentam. (FOUCAULT, 1999, p. 22 e 23)

Para o autor, os discursos são sempre disseminados a partir das relações de poder, que se exercem primeiramente sobre o corpo. No caso do corpo da mulher, ele é constantemente discursivizado como um corpo frágil, dócil e submisso. Nas palavras de Moore (2000, p. 16):

Os discursos sobre sexualidade e gênero frequentemente constroem mulheres e homens como tipos diferentes de indivíduos ou pessoas. Essas pessoas marcadas por gênero que corporificam diferentes princípios de agência- como no caso de muitas culturas ocidentais, onde a sexualidade masculina e pessoas do gênero masculinos são retratadas como ativas, agressivas, impositivas e poderosas, enquanto que a sexualidade feminina e pessoas do gênero feminino são vistas como essencialmente passivas, fracas, submissas e receptivas. Esses discursos marcados por gênero são em todos os casos construídos através da imbricação mútua com diferenças de raças, classe, etnicidade e religião.

Esses discursos se associam às práticas abusivas de poder e controlam o corpo feminino, o marcam, determinando suas ações, posturas. Com relação a essa tentativa de disciplinar os corpos, Foucault expõe:

[...] uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isto constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que seu sentido ou sua validade sejam ligados a quem sucedeu ser seu inventor. [...] A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras. (FOUCAULT, p. 30- 36)

Nas comunidades *Marchas das Vadias* e *Não me Kahlo*, contudo, são atribuídos outros sentidos ao corpo da mulher, sentidos estes que, tempos atrás não seriam possíveis, pois conforme Louro (2000, p. 8), “os corpos são significados pela cultura, e, continuamente, por ela alterados”. Segundo Louro, (2000, p. 9) “Reconhecer-se numa identidade supõe, pois responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência”. Notamos que as ⁴ativistas que participam das comunidades são sujeitos que se identificam com os discursos ali praticados, isto é, se veem como membros de um grupo feminista. Nessa discursividade, o corpo é bastante explorado nas comunidades como forma de protesto, as mulheres o significam como espaço para manifestar e exigir seus direitos. O corpo é um dos espaços primordiais em que se manifestam as relações de poder entre discursos, devido a sua visibilidade e porque todo sujeito é sujeito de um corpo, é com ele que começam os processos de identificação social. Como explica Hashiguti (2015, p. 49):

A identificação social é um processo intimamente relacionado ao corpo, pois pressupõe a relação com o outro, cujo corpo é olhado, e que também olha, a partir de posições historicamente determinadas, mas em movimento. Sujeito e corpo não se separam em sua significação no campo do visível. Como materialidade simbólica, o corpo é atravessado por diferentes discursos, sejam eles o político, o estético, o religioso, o higienista, que se constituem de sentidos que também se movem na história em seu próprio entrelaçamento.

As comunidades analisadas dizem de formas contemporâneas de organização social urbana e digital, com peso político e fazem visíveis os discursos sobre o feminino, sobretudo sobre o corpo da mulher e também discursos sobre como a internet tem possibilitado formas de resistência, militância, reivindicações, participação política, principalmente, para países como o Brasil, com todos os seus problemas de desigualdade.

As postagens que nelas encontramos se valem tanto da materialidade verbal quanto da materialidade imagética para acionar a memória social e atrair os ativistas para a causa, criando uma discursividade própria para as comunidades. Isso faz com que se constituam as posições sujeito ativistas que se identificam com o tema. Sobre a relação entre imagem e a constituição de sentidos, Gregolin (2011, p. 92) afirma que: “As imagens nunca aparecem isoladas, estão sempre rodeadas de elementos verbais e, portanto, devemos pensar que a relação entre materialidades (verbal e imagética) é operadora de memória”. Nesse sentido, e ainda pela condição do espaço digital e das práticas contemporâneas de significação das comunidades virtuais, que se sustentam em grande parte em elementos visuais, a memória

⁴ Entendemos que a posição- sujeito feminista é uma posição que pode ser ocupada por qualquer indivíduo, mas na análise em questão observaremos o que é dito e feito visível pela mulher.

discursiva dessas comunidades vai se construindo, em grande parte, através de um arquivo de imagens e ícones. As comunidades analisadas fazem uso das linguagens verbais e imagéticas para disseminar seus discursos e ideologias. São campanhas e movimentos, notícias que seguem uma tradição de convocação ou disseminação por meio de cartazes e panfletos, como no exemplo a seguir:



Imagem 1: Cartaz divulgado na comunidade *Não me Kahlo* no site *Facebook*
Postagem datada de 27/08/2016⁵

Na descrição deste enunciado imagético, podemos observar que as protagonistas do discurso e do evento divulgado são mulheres. Elas são as debatedoras do tema, são responsáveis pela festa e pelo som e se referem umas às outras como “minas brilhantes” discurso este que não se faz visível apenas pela expressão utilizada, mas também pelo ícone usado ao redor da palavra “festa”, que parece ser uma tentativa de representar visualmente o brilho que as feministas têm. Elas são feitas visíveis também pelos seus corpos que aparecem

⁵

Disponível em:
<https://www.facebook.com/NaoKahlo/photos/a.382671338573205.1073741828.313545132152493/654290528077950/?type=3&theater> Acesso em: 28/08/2016 às 23h45.

em diversas poses, ora de frente, ora de lado, abraçados uns aos outros, ou até mesmo sobre os outros. Em todas as poses, as mulheres aparecem sorrindo, e em diferentes trajes que apontam para a diversidade em seu próprio grupo. Esse tipo de recurso, o visual, é amplamente acessado e é determinado pela natureza do discurso eletrônico como praticado na internet hoje. Dizer, na comunidade virtual, é ao mesmo tempo, poder fazer ver. Essa dinâmica será melhor explorada em nossas análises nos Capítulos 3 e 4.

Os discursos na contemporaneidade circulam muito comumente por esses meios digitais, tornando-se cada vez mais necessário uma teoria que abarque tanto os discursos verbais quanto os não verbais. Conforme aponta Gregolin (2011, p. 9): “O fio condutor é a intuição de que é necessário promover a inserção de uma teoria semiológica no interior da análise do discurso no sentido de conferir à AD uma caixa de ferramentas que possibilite a descrição/ interpretação do discurso da/ na contemporaneidade”. Os discursos enunciados nas comunidades só podem ser compreendidos a partir da análise das duas materialidades, um depende do outro para constituir sentidos, sendo assim, improvável analisar somente os discursos verbais:

Pêcheux compreende a imagem como um objeto não transparente, pois a estrutura das imagens obedece a regularidades discursivas próprias e, nesse sentido, possui uma opacidade causada pela impossibilidade de reconstituição de um trajeto determinado pela memória. É no jogo entre esquecimento e memória que se pode apreender o discurso imagético. (GREGOLIN, 2011. p. 13)

As imagens postadas nas comunidades são imagens que dizem de um sujeito que se subjetiva como autônomo, independente e que se mostra bem diferente do que os discursos tradicionais o “pintam”. As mulheres buscam nessas comunidades ressignificar seus corpos, como forma de resistência, já que estes são subjetivados pelo discurso machista como corpos inferiores, frágeis e são ainda alvos do olhar masculino, hétero, que se respalda no discurso dominante para ter poder sobre o corpo feminino. De acordo com Hashiguti (2015, p. 71):

No âmbito do visual, a identificação social do sujeito é um processo que se relaciona à sua condição corpórea, isto é, ao fato de que ele é sujeito de/ em um corpo, e à apreensão desse corpo pelo olhar. [...] A relação entre o corpo e o olhar vai além daquela que existe entre uma materialidade simbólica que é olhada pelo/ no discurso. É uma relação entre duas espessuras materiais que, no jogo simbólico dos sentidos, se entrelaçam como materialidades em contato no gesto interpretativo. O corpo é o sujeito em sua materialidade, o sujeito em si, sujeito de corpo de linguagem, que funciona por ser constituído por e na memória discursiva, que é espaço de interpelação. O olhar, por sua vez, é tanto o gesto de interpretação opticamente possível no discurso, como a espessura material que, como corpo, significa também quando olhada no discurso. É o olhar-gesto que interpreta o olhar- espessura material.

A subjetivação é construída pela exterioridade, ou seja, de fora para dentro, no caso, a subjetivação do corpo feminino como inferior, como objeto, é um processo que se dá a partir do olhar do outro para esse corpo, olhar esse que molda esse corpo, que o define, o constrói, o olhar do homem hétero patriarcal que, embora não tenha plena consciência disso, também é vítima desse sistema social.

Para entendermos melhor como o homem exerce esse poder e como objetiva esse corpo, podemos olhar, por exemplo, para a vestimenta feminina, que ao longo dos tempos, tem sido usada como um meio de rotular a mulher, ou seja, o tamanho da roupa, o aspecto da roupa dita, conforme o discurso machista, o caráter da mulher. Sendo assim, as comunidades fazem referência a esses discursos machistas para criar um contra discurso a fim de denunciar tais preconceitos e propor um novo olhar para a mulher de hoje.

As comunidades buscam transgredir tais discursos e usam as imagens como uma forma de chamar a atenção das mulheres e dos militantes e agregar seguidores para a causa. Torna-se, portanto, imprescindível uma teoria semiológica relacionada com o discurso para compreendermos os diversos sentidos que emergem com essas imagens nas comunidades analisadas. De acordo com Pêcheux (2007, p. 55):

A questão da imagem encontra assim a análise de discurso por outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória “perdeu o trajeto” de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições).

Consideramos que seja possível relacionar imagem e discurso sem prejuízo de fundamentação, já que a Análise do Discurso nos possibilita deslocamentos a fim de investigar novos objetos:

Pêcheux propõe que, a partir de então, a Análise do Discurso abandone sua obsessão pelos textos escritos por grandes atores sociais e passe a incorporar produções ordinárias, de sujeitos no cotidiano. Ao mesmo tempo, essa ampliação do objeto se estende também à materialidade discursiva e abre-se a possibilidade de que sejam incorporadas textualidades não verbais. (GREGOLIN, 2011, p. 86)

Portanto, a análise de discursividades verbais e imagéticas, em que o corpo aparece como personagem principal, presentes nas comunidades analisadas é possível de ser realizada pela perspectiva discursiva e pode contribuir para a compreensão do funcionamento das ideologias, das relações de poder, dos sentidos e os valores atuais que interpelam os sujeitos na contemporaneidade.

1.2. Regularidades enunciativas

Para Foucault, em *Arqueologia do Saber*, o discurso não tem uma origem própria, ele é descontínuo, sem procedentes, “sem corpo”, “o vazio de seu próprio rastro”. Dessa forma, a análise de discurso não se pauta na busca pela origem e determinação desses discursos, mas no acontecimento em si, no momento de enunciação desses discursos, como o autor nos mostra a seguir:

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença de origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância. (FOUCAULT, 2010, p. 28)

Seguindo o pensamento foucaultiano, a análise do discurso deve se voltar para o enunciado, na sua peculiaridade. O analista deve partir da descrição do acontecimento e, além disso, considerar as condições de produção que envolvem o momento histórico em que tal enunciado irrompeu. É preciso analisar a sua emergência, a relação entre outros grupos de enunciados, o espaço em que esse enunciado aparece etc. Nas palavras do autor:

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente: trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionando a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. A questão pertinente a tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte? (FOUCAULT, 2010, p. 31)

O enunciado é, portanto, único, não é possível haver outro em seu lugar, mas há ressonâncias dele em outros lugares, pois ele se repete em diferentes formas ao longo da cadeia discursiva. As regularidades enunciativas se dão no campo da repetição, da sucessão de ordens, na simultaneidade de relações. Elas são sequências enunciativas que dizem de uma mesma formação discursiva. Para Foucault, em *Arqueologia do Saber*, o importante é medir a sua extensão, até onde esse enunciado se repete, por quais canais ele se difunde, em que grupos circula etc. De acordo com suas palavras:

A descrição arqueológica se dirige às práticas discursivas a que os fatos de sucessão devem-se referir, se não quisermos estabelecê-los de maneira selvagem e ingênua, isto é, em termos de mérito. No nível em que se coloca, a oposição originalidade-banalidade não é, portanto, pertinente: entre uma formulação inicial e a frase que- anos, séculos mais tarde- a repetiu mais ou menos exatamente, ela não estabelece nenhuma hierarquia de valor; não faz diferença radical. Procura somente estabelecer a regularidade dos enunciados. Regularidade não se opõe, aqui, à irregularidade que, nas margens da opinião corrente, ou dos textos mais frequentes, caracterizaria o enunciado desviante (anormal, profético, retardatário, genial ou patológico); designa, para qualquer performance verbal (extraordinária ou banal, única em seu gênero ou mil vezes repetida), o conjunto das condições nas quais se exerce a função enunciativa que assegura e define sua existência. A regularidade, assim entendida, não caracteriza uma certa posição central entre os limites de uma curva estática- não pode, pois, valer como índice de frequência ou de probabilidade; especifica um campo efetivo de aparecimento. Todo enunciado é portador de uma certa regularidade e não pode dela ser dissociado. Não se deve, portanto, opor a regularidade de um enunciado à regularidade de outro (que seria menos esperado, mais singular, mais rico em inovações), mas sim a outras regularidades que caracterizam outros enunciados. (FOUCAULT, 2010, p. 162, 163).

Não é preciso buscar a origem do enunciado, o trabalho do analista se dá em investigar as condições de produção em que tal enunciado emergiu e os diversos sentidos estabilizados a partir dele. É preciso analisar os pontos em que os discursos se assemelham para entender o efeito de sentido que tal regularidade suscita.

Uma certa forma de regularidade caracteriza, pois, um conjunto de enunciados, sem que seja necessário- ou possível- estabelecer uma diferença entre o que seria novo e o que não seria. Mas as regularidades não se apresentam de maneira definitiva. [...] Temos, portanto, campos homogêneos de regularidades enunciativas (eles caracterizam uma formação discursiva), mas tais campos são diferentes entre si. Ora, não é necessário que a passagem a um novo campo de regularidades enunciativas seja acompanhada de mudanças correspondentes em todos os outros níveis dos discursos. Podemos encontrar performances verbais que são idênticas do ponto de vista da gramática (vocabulário, sintaxe e, de uma maneira geral, a língua); que são igualmente idênticas do ponto de vista da lógica (estrutura proposicional, ou sistema dedutivo no qual se encontra situada); mas que são *enunciativamente* diferentes. (FOUCAULT, 2010, p. 164).

Ao explorarmos esse conceito em nosso *corpus*, exploraremos como surgem as regularidades enunciativas e como se repetem tanto em dizeres como em imagens nas comunidades virtuais. Isto é, verificaremos, na espessura dos materiais analisados, as regularidades enunciativas que conferem certa unidade ao discurso feminista e uma posição de ativismo digital. Trabalharemos, portanto, com o conceito de regularidades enunciativas como um de nossos conceitos fundamentais no processo analítico.

1.3. Dispositivo

Segundo Agamben, o dispositivo foucaultiano é um conjunto de coisas, de saberes que compõem uma rede. Esses saberes fazem parte de uma sociedade, são discursos, instituições, leis, comportamentos, enfim, tudo o que determina, rege a vida em uma sociedade. O dispositivo tem como objetivo controlar os homens de determinada sociedade, ele é que vai designar o que se pode e deve ser dito, o que pode e deve ser feito. É um conjunto de práticas que tem como finalidade doutrinar, controlar e governar os homens. Nas palavras de Agamben:

Chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc; cuja conexão com o poder é em certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - porque não - a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata - provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam - teve a inconsciência de se deixar capturar. (AGAMBEN, 2005, p. 5)

Com tamanho alcance dos dispositivos, ou seja, eles estão em todos os lugares, em todas as palavras, gestos e situações; houve uma “proliferação dos processos de subjetivação”. Tais processos de subjetivação são fomentados pelos dispositivos que ditam comportamentos e atitudes. Ainda consoante Agamben (2005, p. 14):

Todo dispositivo implica, com efeito, um processo de subjetivação, sem o qual o dispositivo não pode funcionar como dispositivo de governo, mas se reduz a um mero exercício de violência. Foucault assim mostrou como, em uma sociedade disciplinar, os dispositivos visam através de uma série de práticas e de discursos, de saberes e de exercícios, a criação de corpos dóceis, mas livres, que assumem a sua identidade e a sua "liberdade" enquanto sujeitos no processo mesmo do seu assujeitamento. O dispositivo é, na realidade, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações, e enquanto tal é uma máquina de governo.

Com base nas ideias defendidas por Agamben podemos pensar que o feminismo, conforme praticado na contemporaneidade, tem se constituído como um dispositivo de poder, já que implica um determinado comportamento às mulheres, dita regras de conduta, impõe um ideal a ser defendido etc. Nesse dispositivo, elas se subjetivam como mulheres num movimento de resistência contra a posição desprivilegiada e oprimida possível no discurso machista. No discurso machista, seus corpos são doutrinados, são submetidos a diversas

regras de etiqueta, de bons modos e costumes, ou seja, o corpo feminino é o tempo todo disciplinado pelo olhar machista que interdita das mulheres a autonomia sobre seus próprios corpos, e que as objetiva como produto (HASHIGUTI et. al., 2016, no prelo).

Um dispositivo feminista, por outro lado, como prevemos, deve fazer resistência a essa opressão, subjetivar o corpo da mulher como independente, autônomo e de direitos, fazendo com que seja possível, às mulheres, se subjetivarem como sujeitos de si e de seus corpos, numa posição de poder equilibrada com os outros sujeitos numa sociedade.

O dispositivo está intrinsecamente ligado ao discurso, pois um se constrói a partir do outro, o dispositivo é uma rede de saber/ poder, formas de subjetivação, ideologias dominantes que capturam os sujeitos sem que eles se deem conta. Dessa forma, o discurso se mostra um dos mais antigos dispositivos, pois a linguagem ao mesmo tempo em que liberta o homem, o aprisiona, o condiciona a uma rede de saberes e não outra.

Nesta pesquisa, buscamos compreender como o dispositivo tem funcionado nos espaços digitais e nos materiais escolhidos para análise.

1.4. Subjetivação e objetivação

O corpo feminino há tempos é alvo de dominação, sendo vigiado e punido, conforme nos lembra Sohn (2009, p. 153): “Os corpos são portadores de valores, inculcados pelos gestos, mas também pelos discursos científicos que proliferam desde a *Belle Époque*. São igualmente lugar de poder e muito especialmente o corpo das mulheres, que é ‘um forte trunfo de gestão e de controle coletivo’”. Os discursos machistas, por exemplo, possibilitam o exercício do poder sobre a mulher, controlando seus corpos e ditando regras a fim de discipliná-las. Tais discursos corroboram para o processo de objetivação da mulher, pois revelam a posição-sujeito mulher dominada. Muitas mulheres acabam se identificando com essa posição, pois foram constituídas sujeitos por esses discursos em suas famílias, nas comunidades.

Os processos de objetivação e subjetivação dizem sobre as maneiras de constituição do sujeito. Com relação ao processo de objetivação, Fernandes (2012, p. 89) pontua:

Quanto à objetivação, Foucault (1995a, p. 231-232) enumera três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos: 1) “o modo de investigação, que tenta atingir o estatuto de ciência”. O sujeito vislumbrado como objeto de um campo de saber; 2) “práticas divisórias” O sujeito dividido no seu interior em relação aos outros [...] os criminosos e os ‘bons

meninos”’; 3)” o modo pelo qual um ser humano torna-se um sujeito. Por exemplo[...] como os homens aprendem a se reconhecer como sujeitos de ‘sexualidade’. Em todos os casos, a objetivação resulta, ou é efeito, da produção da subjetividade.

O processo de objetivação se dá dos discursos outros que constituem os sujeitos, a partir dos dizeres sobre os sujeitos que produzem a subjetividade destes, ou seja, são discursos enunciados, já postos que interferem ou não na produção da subjetividade dos sujeitos.

Já o processo de subjetivação, ocorre de fora para dentro, é um processo contínuo, ininterrupto. Os sujeitos estão, a todo momento, se constituindo a partir dos discursos de outros. Ou seja, o exterior é determinante para a construção do interior. São nos discursos ditos, ou seja, em enunciados em que a posição-sujeito é marcada, dada que a subjetividade vai se construindo, o sujeito é aquilo que dizem que ele é. No social, por exemplo, o sujeito assume diversas posições, e todas elas possuem um tipo específico de saber/poder, todas elas já possuem uma subjetividade implícita, a qual o sujeito deve assumir para estar naquela posição. Segundo Fernandes (2012, p. 76):

Nos estudos foucaultianos comumente designados de fase genealógica e nos denominados ética/ estética da existência, a subjetividade, vista da exterioridade, apresenta-se como uma construção histórica sob determinadas condições e se dá na relação com o discurso. Uma vez que o sujeito é produzido nas relações discursivas, conforme venho pontuando, há uma relação subjetividade e discurso. [...] O estudo de Prado Filho (2015) reitera que discorrer sobre a subjetivação não significa entrar na interioridade do sujeito, requer apreendê-la pela exterioridade. Não se trata de uma relação do sujeito consigo mesmo da ótica da interioridade, mas do governo de si. Nisto se dá a subjetivação, atesta Prado Filho (2015).

Devido à recorrente objetivação da mulher como um sujeito inferior ao homem hétero, as mulheres que não se identificam com tais discursos buscaram nas redes sociais uma forma de se mostrarem contrárias a esses discursos. As comunidades analisadas buscam dar visibilidade a uma mulher bem diferente da mulher enunciada/ vista nestes discursos. As comunidades apresentam mulheres fortes, empoderadas, mulheres que resistem e transgridem todo o preconceito e doutrinação criados socialmente. Essa transgressão se dá a partir de processos de subjetivação, elas se subjetivam, por exemplo, donas de seus próprios corpos e feministas, ou seja, mulheres que lutam pelos direitos femininos. Segundo Hashiguti (2015, p. 97):

Para a Análise do Discurso, a consideração do corpo como fato de análise é relevante por tratar de um tema relacionado ao subjetivo, àquilo que funda o sujeito em sua condição simbólica, a uma materialidade que o constitui, que

é afetada pela memória discursiva e que também determina sentidos. A leitura do corpo como linguagem possibilita e reafirma o deslocamento do corpo biológico, natural, para o corpo simbólico, cujos sentidos se constituem na e pela história em sua origem ideológica.

Esse tipo de subjetivação é feito visível nas comunidades a partir das postagens. Na comunidade *Não me Kahlo*, por exemplo, dentre os 21 álbuns de fotos postadas, há 17 que tratam da violência contra a mulher, do corpo da mulher, da causa feminista e do machismo. Nesses álbuns, as mulheres se posicionam contra tais violências e se subjetivam como mulheres fortes, mulheres corajosas que têm coragem de denunciar seus agressores e de fazer vir à tona toda a violência sofrida.

Já na comunidade *Marcha das Vadias*, dentre os 20 álbuns de fotos postadas, há no total, 995 postagens feitas sobre a violência contra a mulher, sobre o assédio e o corpo feminino. Na Marcha também há um processo de subjetivação dessas mulheres que não se reconhecem nos discursos machistas e opressores.

Percebemos, portanto, que há alguns temas que têm maior atenção da comunidade, ou seja, há temas que são mais explorados nas comunidades devido à necessidade das mulheres que compartilham da mesma ideologia disseminada nos coletivos feministas. Faremos no capítulo IV uma análise mais minuciosa sobre os principais temas encontrados nas postagens das comunidades analisadas nos fundamentando nos conceitos de objetivação e subjetivação.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1. Metodologia de pesquisa

Adotamos, nesta pesquisa, uma metodologia de caráter qualitativo, analítico-descritivo e interpretativista. As materialidades do *corpus* proclamado são materialidades verbo- visuais, ou seja, são materialidades verbais e imagéticas que enunciam e tornam visível o feminino nos espaços digitais. Tais materialidades foram captadas com o objetivo de analisar como o corpo da mulher é objetivado nesses espaços de dizer e dizeres. Não temos como objetivo, portanto, trabalhar com uma quantidade fechada ou pré-estipulada de enunciados ou de imagens, mas, como em todo processo analítico discursivo, observamos os efeitos de sentidos e as formas de estabilização e os deslocamentos de sentido. Orientamo-nos, portanto, pelo interesse no tema do corpo feminino. Assim, nosso olhar perscruta o *corpus* com essa orientação temática.

Retomando nossa pergunta inicial de pesquisa, isto é, como o corpo feminino, como espaço potencial para a violência do homem, é discursivizado e feito visível pela própria mulher no espaço digital? Entendemos que o feminismo é um dispositivo de saber/poder e, por isso, buscamos verificar como o dispositivo feminista se apresenta como forma de resistência e uma possibilidade de subjetivação feminina e na relação com o dispositivo machista e de violência contra a mulher. Tomando como base teórica os conceitos de regularidades enunciativas, de dispositivo e de objetivação e subjetivação e entendendo que as práticas discursivas acontecem na espessura das materialidades, nós analisamos as materialidades presentes nas comunidades compreendendo que, como elementos de um dispositivo, elas ecoam, repetem e regularizam sentidos em seu funcionamento e que, nessas comunidades, as mulheres podem fazer seus corpos mais legíveis e visíveis para si mesmas e para os outros. Por isso, o título do trabalho: o corpo da/pela mulher, já que estudaremos o corpo da mulher dito e feito visível por ela mesma e por outros nesses espaços digitais.

Seguindo as orientações metodológicas discursivas, nossas etapas foram as seguintes: iniciamos com uma descrição das comunidades eleitas para análise. A descrição é já um movimento analítico, no sentido de que ao descrever já nos posicionamos com certo distanciamento que nos permite observar seu funcionamento discursivo. Pela descrição

inicial, podemos também já começar a entender as condições de produção da emergência, repetição e regularização dos sentidos. Depois, entramos numa segunda etapa, em que selecionamos e analisamos materiais específicos que se refiram ao tema particularmente enfocado. Esses materiais também são descritos e a relação entre o verbal e a imagem analisada. Finalmente, a partir da relação com a teoria discursiva e com outras teorias, refinamos e voltamos a todo o momento para o *corpus* para compreender melhor seu funcionamento. É assim, um constante batimento entre teoria e análise em que nada está completamente fechado ou acabado. É importante mencionar que a seleção do *corpus*, na perspectiva discursiva, é já um recorte (ORLANDI, 2002) que o analista faz no batimento com a mobilização teórica, ou seja, o *corpus* selecionado é um gesto de interpretação do analista e não existe completamente constituído antes da entrada no processo de análise.

As materialidades linguístico verbo- visuais selecionadas vão desde fotos, imagens, cartazes, charges, desenhos, até montagens com palavras de ordem feitas pelas próprias idealizadoras. Vamos explorar as materialidades que tratam do corpo da mulher, sobretudo, o corpo que sofre violência. As comunidades foram criadas como forma de resistência ao machismo presente na sociedade brasileira. A partir da necessidade de agregar pessoas interessadas em promover ações que busquem a luta pelos direitos das mulheres e a efetivação dos direitos já conquistados é que as autoras de *Não me Kahlo* criaram a comunidade na data de abril de 2015. Já a comunidade *Marcha das Vadias* foi criada em maio de 2012 para enfatizar a ideia de que a mulher não é responsável pela agressão que sofre, ou seja, o objetivo é desconstruir a ideologia de culpabilização da mulher tão disseminada na sociedade brasileira. Conforme o site Marcha das Vadias CWB:

O movimento Marcha das Vadias surgiu no Canadá, batizado de *Slutwalk*. O movimento surgiu porque, em janeiro de 2011 na Universidade de York, um policial, falando sobre segurança e prevenção ao crime, afirmou que “as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias, para não serem vítimas de ataque”. A reação de indignação foi imediata, pois esse pensamento transfere a culpa da agressão sexual para a vítima, insinuando que, de alguma forma, é a vítima que provoca o ataque. No dia 03 de abril de 2011, na cidade de Toronto, aconteceu a primeira *Slutwalk*, uma passeata pelo fim da culpabilização da vítima em casos de agressão sexual. Aqui no Brasil organizou-se, no mês seguinte, a “Marcha das Vadias”, movimento de enfrentamento à violência doméstica. Ao longo de 2011 diversas cidades brasileiras realizaram suas marchas e, em 2012, mais de 20 cidades organizaram a primeira “Marcha Nacional das Vadias”.⁶

⁶ Texto extraído do site Marcha das Vadias CWB. Disponível em: <https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/> Acesso em: 20 jun. 2017.

Pressupomos que as comunidades consideram seu público como sujeitos ativos, participantes da economia, da política e da sociedade e os tomamos em nossa pesquisa, como sujeitos históricos que assumem posições discursivas. Ao examinar os discursos presentes nessas comunidades, refletiremos, portanto, sobre as condições de produção, os efeitos de sentidos e as materialidades discursivas utilizadas.

A escolha do *corpus* selecionado se deu devido ao efeito de militância mais pronunciada, que se repete nos dizeres e, sobretudo, pela disseminação da ideologia feminista. Os textos têm potencialidades polêmicas, têm um efeito de sentido de denúncia, pois expressam a necessidade de as mulheres se fazerem ouvidas em meio a ideologias sexistas dominantes. Os discursos enunciados nessas comunidades são reflexos da opressão do feminino e contra-argumentam isso na sociedade brasileira. Eles existem devido a uma necessidade latente de se fazer visível o preconceito que ainda existe contra a mulher. Os discursos na rede são as práticas feministas, a luta diária da mulher para ser dona de seu próprio corpo, pela sua autonomia e pelo respeito e igualdade em todo e qualquer espaço social.

2.2. *Corpus*

“*Não me Kahlo*” é uma comunidade no *Facebook* que se intitula feminista. Essa comunidade conta, hoje⁷, com 1.244.110 curtidas de seus seguidores. O layout da comunidade tem como mural de fundo uma foto de diversas flores coloridas que representam a feminilidade. Ao centro dessa foto há o nome da comunidade escrito com letras brancas, as palavras “não” e “me” são escritas com letras cursivas, minúsculas e menores, já a palavra “Kahlo” está escrito em letra de forma, todas as letras são maiúsculas e são maiores conferindo maior destaque a ela.

A utilização da palavra “Kahlo” não é desmotivada, já que ela brinca com os diversos sentidos que esta palavra remonta, fazendo um jogo entre a palavra “calo”- 1ª pessoa do presente do indicativo do verbo calar, tornando visível a causa da comunidade: dar voz às mulheres. Com essa grafia, o nome da comunidade também faz referência à Frida Kahlo, famosa pintora mexicana e ícone da luta feminista, visto que sua história foi de sofrimento e dor. Sua arte materializava uma posição feminina e intelectual. A imagem de perfil da comunidade é um desenho da metade do busto da pintora, destacando o cabelo, o qual ela

⁷ O número de curtidas foi conferido em 25 de junho de 2017.

usava preso e com algumas flores e também há um destaque particular para as sobrancelhas da pintora, sua marca registrada, pois eram grossas e unidas.



Imagem 2: Imagem-ícone da comunidade *Não me Kahlo* no Facebook⁸

A página no Facebook é bem colorida, faz referência também às pinturas de Frida Kahlo que tinham cores fortes e vibrantes. A imagem de fundo da comunidade, por exemplo, é estampada por flores, margaridas nas cores rosa, azul e amarela.

Tal imagem relaciona o movimento com a arte e a sensibilidade, por isso explora tanto as cores e uma flor como a margarida como objeto. A margarida, cujo nome científico é *Chrysanthemum leucanthemum*, é uma flor campestre que parece frágil, mas que se adapta a vários tipos de solo e pode se proliferar facilmente.

⁸

Disponível em:
<https://www.facebook.com/NaoKahlo/photos/a.313545858819087.1073741825.313545132152493/493456400828031/?type=1&theater>. Acesso em 28/08/2016, às 23h47.



Imagem 3: Imagem-ícone da comunidade Não me Kahlo no Facebook⁹

No passado, ela era considerada a flor das donzelas e representava pureza, juventude, afeto, virgindade, simplicidade, modéstia e sensibilidade. Como flor em arranjos e buquês, a margarida, muitas vezes, aparece como coadjuvante, acompanhando flores que são consideradas mais nobres e luxuosas. As cores fortes dessas flores na imagem de fundo da *Não Me Kahlo* possibilitam deslizar esses sentidos para uma discursividade feminista, que também enuncia sensibilidade, afeto, união, resistência, persistência e que tem necessidade de se proliferar e se tornar mais visível.

A comunidade também está disposta no Twitter e tem um blog próprio. O *Facebook* tem um espaço para identificação chamado “sobre”, nesse espaço, há uma descrição sucinta da comunidade que se autointitula, nas próprias palavras das idealizadoras: “Coletivo Feminista *Não Me Kahlo*: espaço para estudo e debate sobre o feminismo, respeitando a pluralidade e individualidade”. Mais abaixo há o endereço de e-mail disponibilizado para os seguidores para algum tipo de contato e há ainda uma descrição mais longa e detalhada sobre a comunidade esclarecendo a razão de sua criação.

A comunidade interpela seus seguidores a partir das postagens feitas na página que vão desde fotos, palavras, frases e pensamentos de ordem em prol do movimento feminista, até vídeos, montagens, matérias, artigos, depoimentos, expostos para o público. A partir dessas postagens na página, os seguidores participam da comunidade, interagem entre si e com as próprias idealizadoras curtindo, compartilhando o material que é exposto e,

⁹

Disponível em: <https://www.facebook.com/NaoKahlo/photos/a.313547832152223.1073741827.313545132152493/463445413829130/?type=1&theater> Acesso em: 28/08/2016, às 23h47.

principalmente, comentando. Os comentários são essenciais para a manutenção da comunidade, visto que a proposta inicial da página é ser um espaço para reflexão e discussão de assuntos relacionados ao movimento feminista.

Os seguidores então dão vida à comunidade, pois desenvolvem, através das ferramentas do *Facebook*, diversas discussões, reflexões, ora expondo determinadas realidades, ora se identificando com algumas postagens específicas. Há também diversos depoimentos, desabafos, denúncias, que vão de tons melancólicos e oprimidos até atitudes mais enérgicas e violentas. Assim como em outras comunidades da rede social, a comunidade também conta com um espaço onde é registrado o número de curtidas dos seus seguidores e o número de pessoas “que estão falando sobre isso”, ou seja, que estão discursando sobre as causas feministas. Nesse espaço há gráficos e números que registram essa participação dos usuários do *Facebook*. Tal espaço é uma ferramenta fornecida pela rede social *Facebook*, assim como há também em outras redes sociais que possibilitam maior autonomia e participação dos usuários das redes a partir de ações como “curtir” e “compartilhar” as fotos, vídeos etc. Outra ferramenta disponível à comunidade é a chamada “Linha do tempo”, que é onde as idealizadoras fazem as postagens para o público. Nessa linha do tempo é possível acompanhar as postagens de forma cronológica, já que ela informa o dia, o mês, o ano da publicação e, até mesmo, a hora em que a postagem foi publicada.

Na mesma linha segue a comunidade “*Marcha das Vadias*” que também é uma comunidade do *Facebook* que luta pelos direitos das mulheres. Há várias páginas do mesmo movimento, mas elegemos a do grupo *Marcha das Vadias SP* devido ao conteúdo das postagens que é sempre polêmico e se refere ao corpo feminino que sofre violência e que tem grande número de curtidas, a comunidade contabiliza hoje¹⁰, 21.394 curtidas em sua página e devido à repercussão do movimento que culminou na realização de uma marcha em diversas cidades do Brasil. A página foi aberta em maio de 2012 para se opor à declaração dada pelo policial em Toronto que culpabilizava as mulheres vítimas de estupro pela maneira como se vestiam. A comunidade tem como informações uma breve descrição do movimento, o endereço do site do movimento e também alguns endereços que contêm uma descrição mais detalhada da ideia. Nesta descrição detalhada há uma explicação sobre a escolha do nome “*Marcha das Vadias*”, segundo as idealizadoras, a ideia é desconstruir o teor pejorativo do termo vadia, palavra amplamente usada em nossa sociedade brasileira para se referir às

¹⁰ O número de curtidas foi conferido em 25 de junho de 2017.

mulheres como promíscuas, vulgares etc. A utilização do termo é um contra discurso que visa a ressignificar a palavra “vadias” dando-lhe outros sentidos.

O *layout* da comunidade é bastante polêmico, na imagem de fundo, que o administrador da página escolhe para ficar no topo da página e sempre exposto para o usuário, há a imagem de um cartaz fazendo menção à legalização do aborto.



Imagem 4: Foto da capa da comunidade Marcha das Vadias SP no site *Facebook* Postagem datada de 28/09/2015¹¹

É possível notar que a comunidade trata de temas que são considerados por muitos como polêmicos em relação às mulheres. Ao deixar essa imagem como fundo estático, a comunidade enuncia já uma posição política com relação à mulher e à gestão que faz do seu corpo. Já a imagem de perfil é uma imagem repleta de símbolos femininos nas cores vermelha, roxa e preta e as iniciais do nome do movimento: MDV(Marcha das Vadias). Suas cores escuras ao fundo fazem o contraste para a impressão do branco falhado no escrito, como se tivesse sido pintado com *spray* de grafite, que lembra um movimento social urbano.

11

Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240326572739315.42421.240302076075098/858316884273611/?type=1&theater> Acesso em 31/08/2016, às 22h23.

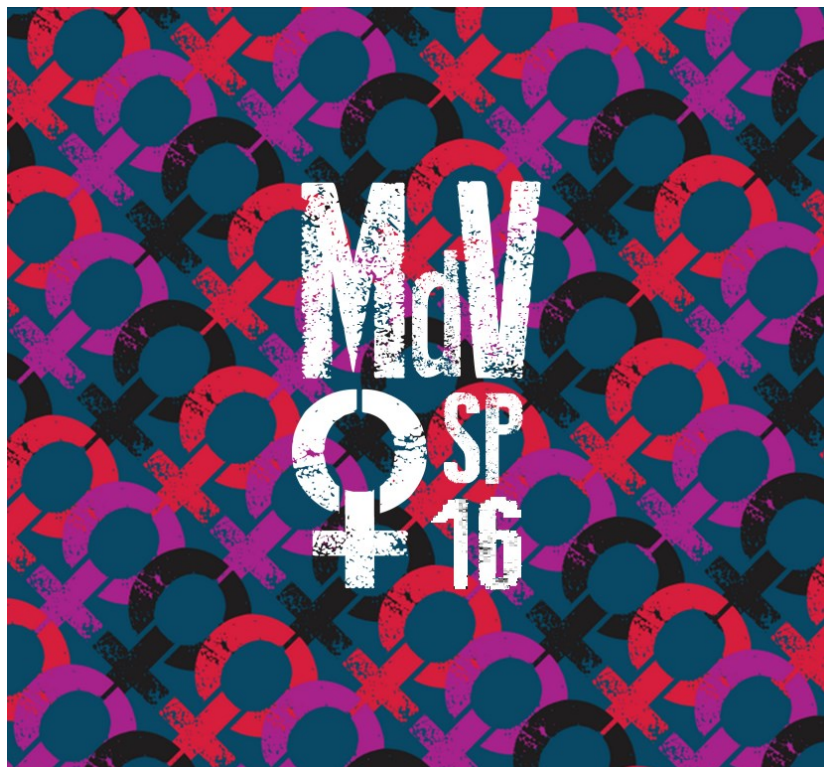


Imagem 5: Imagem de perfil da comunidade Marcha das Vadias SP no site *Facebook*
Postagem datada de 26/02/2016¹²

Há também o nome do lugar de origem dessa comunidade, no caso essa comunidade foi criada em São Paulo. Há também o número 16 que parece fazer referência ao ano de 2016, ano em que a Marcha saiu às ruas.

A página também convoca seus seguidores a partir de palavras e frases de ordem, bem como imagens e fotos contendo diversas imagens polêmicas e chamativas. Há também vídeos sobre diversos assuntos, tais como a cultura do estupro, o aborto, o feminicídio entre outros. Na página também há diversas campanhas, anúncios de palestras sobre temas relacionados à luta feminista, comerciais que condenam a violência contra a mulher etc.

A *Marcha das Vadias* também conta com um espaço aberto ao público para comentar as postagens e dessa forma interagir com os demais seguidores e militantes da mesma causa. Os seguidores também podem curtir o que é postado na página e ainda compartilhar com demais pessoas fazendo o papel de multiplicador e divulgador daqueles ideais.

12

Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240302586075047.42414.240302076075098/917073171731315/?type=1&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 22h30.

A página, atualmente, possui muitos seguidores e pessoas que a curtem e disponibiliza uma opção para o seguidor convidar demais amigos para curtir a página em questão. É como o dispositivo funciona: como uma corrente sem fim, que vai se disseminando através dos que compartilham da mesma ideologia proposta pela comunidade, o nó em uma rede que vai produzindo sentidos e repercutindo discursos. A partir da criação dessa comunidade é que o movimento *Marcha das Vadias* tomou vida no espaço real e foi às ruas. A versão paulistana da *Marcha das Vadias* aconteceu pela primeira vez em 4 de junho de 2011. No ano seguinte, assumiu a forma de um coletivo feminista que, juntamente com centenas de outros coletivos feministas, disseminou as marchas pelas cidades brasileiras. A Marcha acontece em mais de 25 cidades do Brasil, entre elas: São Paulo, Vitória, Recife, Fortaleza, Salvador, Rio de Janeiro, Goiânia, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Campinas, Ponta Grossa, Pelotas, Florianópolis, Porto Alegre, João Pessoa, Campina Grande, Santa Maria, Londrina, São José do Rio Preto e Cuiabá. A Marcha luta pela autonomia da mulher sobre seu próprio corpo e também pela não-culpabilização das mulheres vítimas de violência e abuso sexual, discriminação e preconceito.

CAPÍTULO III

FEMININO E FEMINISMO NO *CORPUS* DE PESQUISA

As comunidades *Não me Kahlo* e *Marcha das Vadias* se intitulam feministas¹³, mas é preciso entender primeiramente o que é feminismo, de que mulheres essas comunidades tratam e suas propostas de militância. É importante esclarecer que nosso interesse maior não é promover o movimento feminista em si, mas analisar como o corpo feminino é discursivizado/ enunciado nesses espaços digitais e entender os discursos que ali circulam que nos possibilitem compreender mais como o tema da violência ao corpo feminino tem sido enfocado pelas próprias mulheres justamente como forma de exercício da resistência. Portanto, torna-se imprescindível traçar um paralelo entre um termo e outro a fim de analisar seus respectivos sentidos e efeitos de sentidos em circulação.

O termo feminino vem do latim *femininus* e surgiu na biologia na relação com o termo masculino. Um termo utilizado para diferenciar o corpo do homem do corpo da mulher, principalmente, devido à função reprodutora desta. Nesse discurso, essa distinção se dá única e exclusivamente com relação às diferenças biológicas entre os sexos. Historicamente, entretanto, essa diferença foi sendo discursivizada de maneira a constituir uma identificação para a mulher como o sexo frágil, sentimental e vulnerável, seja por não ter a mesma força física que o homem, seja por ser ela quem carrega no ventre o filho e o amamenta, não se separando dele. Tal identificação se constituiu como oposto do masculino, com a inferiorização da mulher, num discurso que subjetiva, vários de nós, nessa divisão antagônica de sexo. Pautamo-nos em Simone de Beauvoir (1970) porque essa autora faz uma discussão minuciosa sobre esse corpo feminino biológico, discussão esta bastante profícua para nossos estudos. Conforme Beauvoir (1970, p.10):

A mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas. O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão. "A fêmea é fêmea em virtude de certa *carência* de qualidades", diz Aristóteles. "Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural". E Sto. Tomás, depois dele, decreta que a mulher é um homem incompleto, um ser "ocasional". (...) A

¹³ O feminismo do qual tratamos diz respeito ao declarado pelas comunidades, ambas as comunidades se dizem feministas e buscam transgredir os discursos machistas engendrados pelo patriarcalismo presente em nossa sociedade.

humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a êle; ela não é considerada um ser autônomo. "A mulher, o ser relativo...", diz Michelet.

Ancorada nessa premissa biológica, ou seja, num discurso científico em que a mulher é objetivada como biologicamente inferior ao homem, houve uma naturalização e disseminação desse sentido, de forma que as mulheres se subjetivaram assim. Anteriormente a esse discurso, também o discurso religioso, praticado pela igreja cristã ocidental já sustentava o sentido da submissão da mulher ao homem, enunciando-a como um complemento para o homem. Conforme os ensinamentos bíblicos postulados, por exemplo, em Efésios 5:22: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor"; em Gênesis 2:18: "E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele" e em Gênesis 2:22: "E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão".

Esses e muitos outros versículos bíblicos enunciam o sentido de que o homem é o ser dominante, o que lhe confere poder, já que a igreja é um dos aparelhos ideológicos do estado (ALTHUSSER, 1998) que, junto com o discurso científico, tem grande poder para perpetuar ideologias como forma de dominação. A partir do discurso religioso também foi dividido o trabalho, ou seja, as funções que cada sujeito deve exercer na sociedade. A posição sujeito mulher foi determinada pela condição de ter de amamentar e cuidar dos filhos, sendo objetivada então, como um ser incapaz de liderar uma família, restando-lhe apenas as funções de progenitora e dona de casa. O homem, por não ter em seu corpo a condição de gerar e amamentar foi subjetivado como superior e a ele foi incumbido, então, o dever de promover o sustento, proteger e chefiar a família. Esse processo de objetivação e de subjetivação dos sujeitos constituiu a estruturação familiar, a partir dos papéis que cada sujeito exerce na sociedade e conferiu ao homem certo *status*, pois ele passa a deter o poder sobre a mulher e sobre os filhos. Essa determinação de funções e papéis criou o modelo de sociedade patriarcal que se perpetua até os dias de hoje através de uma relação de poder. Torna-se, entretanto, um tanto laborioso entender como as mulheres aceitaram tal submissão e como essa ideologia se manteve ao longo dos tempos. Nas palavras de Moore (2000, p. 16):

Cada indivíduo tem uma história pessoal, e é na interseção dessa história com situações, discursos e identidades coletivas que reside a relação problemática entre estrutura e práxis, e entre o social e o indivíduo. Assim, resistência e obediência não são apenas tipos de agência, são também formas ou aspectos da subjetividade.

Essa obediência é, portanto, efeito dos diversos discursos que constituem o sujeito, já que ele é se constitui por processos de objetivação/ subjetivação em uma conjuntura histórica e ideológica dada, e nas suas relações sociais, a partir das práticas cotidianas. Assim, tais discursos vão sendo enunciados e reproduzidos, pois operam no nível do inconsciente e na ordem discursiva, isto é, da repetição e da regularização de sentidos. Como esclarece Moore (2000, p. 17):

Discursos sobre gênero e categorias de gênero não são poderosos porque oferecem descrições acuradas de práticas e experiências sociais, mas porque, entre outras coisas, produzem homens e mulheres marcados pelo gênero, como pessoas que são definidas pela diferença. Essas formas de diferença são o resultado da operação da significação e do discurso, e quando postas em jogo fazem surgir os efeitos discursivos que produzem a própria diferença de gênero, assim como categorizações de gênero.

O sujeito concebido na perspectiva discursiva é heterogêneo, fragmentado, contraditório, e se constitui como posição no discurso, numa relação de injunção. Ele não tem, portanto, controle de si ou do seu dizer. Essa relação explica o fato de o sujeito se constituir socialmente, de maneira inconsciente, e pela linguagem, e de estar sempre se constituindo junto ao sentido. É dessa forma que emerge, por exemplo, a resistência a determinados discursos e práticas sociais, como é o caso do feminismo.

Para que a mulher resista a discursos que a colocam em posições inferiores é preciso que ela se desloque desse lugar e provoque a mudança. Novamente, de acordo com o pensamento de Beauvoir (1970, p. 12 e 13):

Por que as mulheres não contestam a soberania do macho? Nenhum sujeito se coloca imediata e espontaneamente como inessencial; não é o Outro que definindo-se como Outro define o Um; êle é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. De onde vem essa submissão na mulher?(...) Se a mulher se enxerga como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno. [...] As mulheres — salvo em certos congressos que permanecem manifestações abstratas — não dizem "nós". Os homens dizem "as mulheres" e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito.

No entanto, com relação aos discursos e práticas sociais que depreciam as mulheres, ao longo dos tempos, pudemos observar que houve um incômodo por parte das mulheres que não se reconheciam ou não se identificavam com tal posição desprivilegiada, ou seja, houve mulheres que não se subjetivaram como submissas, que não aceitaram tais práticas e discursos e iniciaram um processo de desconstrução dessa ideologia machista e opressora que ainda impera em nossa sociedade.

A palavra feminismo surgiu pela primeira vez na França e nos Países Baixos em 1872. O termo foi inventado pelo filósofo francês Charles Fourier em 1837. Mas o movimento feminista surgiu muito antes disso, a partir das ideias iluministas, sobretudo, após a Revolução Francesa em 1789. A revolucionária Olímpia de Gouges, por exemplo, redigiu uma declaração reclamando direitos às mulheres iguais aos dos homens, principalmente, no que se refere à participação das mulheres na política. A declaração na época não foi aceita, mas foi um passo importante para a emancipação e autonomia das mulheres que, posteriormente, foram à luta em busca de seus direitos.

No Brasil, o movimento feminista tem sua origem no século XIX, com a luta das mulheres pelo direito ao voto, desde então passou por diversas “ondas”, ou seja, diversas fases, as quais as mulheres cada vez mais exigiam seus direitos e espaço na sociedade. Houve sem dúvidas, muitas conquistas e maior visibilidade na sociedade brasileira, já que as mulheres passaram a ser reconhecidas pela Constituição que até então não as considerava cidadãs de direito. O papel da mulher na sociedade brasileira teve uma mudança significativa não só para as mulheres daquela época, mas também para as mulheres das épocas posteriores. De acordo com Rago (1998, p. 11):

O feminismo propõe uma nova relação entre teoria e prática. Delineia-se um novo agente epistêmico, não isolado do mundo, mas inserido no coração dele, não isento e imparcial, mas subjetivo e afirmando sua particularidade. Ao contrário do desligamento do cientista em relação ao seu objeto de conhecimento, o que permitiria produzir um conhecimento neutro, livre de interferências subjetivas, clama-se pelo envolvimento do sujeito com o seu objeto.

O movimento feminista provocou deslocamentos de sentidos desde a sua criação até seus desdobramentos. De fato, houve uma ruptura com a forma de pensamento vigente na época e uma abertura para novas discussões sobre temas antes proibidos/ censurados pela hegemonia do período.

Em meio a tantos discursos de resistência que eclodiram, podemos citar o de Simone de Beauvoir que em 1949, com a publicação de seu livro *O segundo sexo*, introduziu um novo olhar sobre a questão de gênero. A autora deu o pontapé inicial para o que seria posteriormente a evolução do pensamento sobre essas ideologias sexistas que distinguiam os sujeitos a partir do gênero. Beauvoir problematiza essa ideologia estanque, definidora, pautada em dualismos e dicotomias que definem o homem e a mulher biologicamente. Sua famosa frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher” provocou reações e suscitou novos olhares para a questão de gênero.

Beauvoir analisa em seu livro a posição subalterna da mulher na sociedade. Ela faz uma retomada à biologia para explicar que fisiologicamente não há sexo melhor ou mais importante que o outro, a cada um é estabelecida uma função distinta, mas ambos são importantes para a perpetuação da espécie. Porém, a autora explica que o corpo da mulher é mais complexo que o do homem, pois a ela foi incumbida a função de “subordinação à espécie”, pois ela gera o filho e o carrega no ventre durante a gestação e o período de desenvolvimento e maturação do feto e em decorrência dessa função, seu corpo sofre diversas alterações, por isso, para a autora, a mulher é subalterna à espécie, já que se encerra nessa atividade que lhe é individual, que é intrínseca dela, como explicado a seguir:

Vê-se que muitos desses traços provêm ainda da subordinação da mulher à espécie. Tal é a conclusão mais notável desse exame: é ela, entre todas as fêmeas de mamíferos, a que se acha mais profundamente alienada e a que recusa mais violentamente esta alienação; em nenhuma, a escravização do organismo à função reprodutora é mais imperiosa nem mais dificilmente aceita: crises da puberdade e da menopausa, "maldição" mensal, gravidez prolongada e não raro difícil, parto doloroso e por vezes perigoso, doenças, acidentes são características da fêmea humana. Dir-se-ia que seu destino se faz tanto mais pesado quanto mais ela se revolta contra êle, afirmando-se como indivíduo. Comparada com o macho, este parece infinitamente privilegiado: sua vida genital não contraria a existência pessoal; desenvolve-se de maneira contínua, sem crise e geralmente sem acidente. (BEAUVOIR, 1970, p. 52)

Mesmo reconhecendo a subordinação da mulher numa certa história de descrição da espécie, a autora defende que essa condição não é obrigatória ou imutável. Para Beauvoir, a mulher não precisa necessariamente ser mãe para ser mulher, ou seja, não é um útero que define que o sujeito é mulher. Da mesma forma, as teorias que comparam fisiologicamente o homem e a mulher a partir do tamanho de cérebro, pela força ou pelos hormônios, não mais sustentam o discurso de diferença entre os gêneros pela inferioridade. Conforme aponta Beauvoir (1970, p. 54), na relação com o homem, a mulher teria que vir a ser:

Ê somente dentro de uma perspectiva humana que se podem comparar o macho e a fêmea dentro da espécie humana. Mas a definição do homem é que êle é um ser que não é dado, que se faz ser o que é. Como o disse muito justamente Merleau-Ponty, o homem não é uma espécie natural: é uma idéia histórica. A mulher não é uma realidade imóvel, e sim um vir-a-ser; é no seu vir-a-ser que se deveria confrontá-la com o homem, isto é, que se deveria definir suas *possibilidades*.

A autora defende ainda que a definição da mulher como um ser inferior é algo histórico e social, não biológico. E que cabe a ela aceitar esse lugar que lhe é imposto socialmente, ou resistir de forma a se deslocar dessa posição, pois: “O corpo da mulher é um

dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é êle tampouco que basta para a definir. Êle só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade”. (BEAUVOIR, 1970. p.57). A representação da mulher como o Outro do homem, um outro inferior, é um sentido que se construiu ao longo da história discursivamente, ou seja, através das práticas discursivas e sociais.

O surgimento de comunidades como *Marcha das Vadias* e *Não me Kahlo* só foi possível neste momento histórico, em que ser mulher e falar sobre ser mulher é possível, enunciável. É preciso lembrar que nesse falar, nem toda mulher é feminista e que feminismo não é sinônimo de feminino. Entretanto, entendemos que o surgimento do feminismo se deu a partir da necessidade de desconstruir esses discursos que posicionam a mulher como subalterna e que essa discursividade é a que lança luz às mulheres e lhes constitui um espaço para falar de si e uma forma de resistir à dominação masculina que Beauvoir explica.

As comunidades *Marcha das Vadias* e *Não me Kahlo* são feministas porque buscam o empoderamento das mulheres. A comunidade *Marcha das Vadias* é um movimento feminista que procura negar que a mulher é o Outro- inferior do homem e busca lhe dar poder. Uma das maneiras de fazer isso é promover a autonomia e o controle sobre o próprio corpo. O movimento apoia, por exemplo, o aborto e a resistência e denúncia de assédios e violência sexual. A resistência também é enunciada já no próprio nome da comunidade. O termo *vadia*, hoje, segundo o dicionário online Caldas Aulete, é definido como “mulher de vida licenciosa; vagabunda”. Já no dicionário Dicio, outro dicionário online, *vadia* aparece com a seguinte entrada: “Aquele que possui modos de vida considerados amorais”.

Sua língua na Internet Dicionário Caldas Aulete Gramática básica Dicionário analógico

Página principal O que é Palavra do dia Downloads Convide um amigo

Aulete DIGITAL **Lexikon**

Verbetes Novo

vadia

(va.di.a) A A A A

sf.

1. Bras. Pop. Pej. Mulher de vida licenciosa, sem ser necessariamente prostituta;
VAGABUNDA: "Malandra! Nossa Senhora não protege vadias!" (Machado de Assis, O caso da vara, in: Páginas recolhidas.)

[Fem. de vadio.]

Imagem 6: Print Screenshot da página do dicionário Aulete. Imagem datada de 25/06/2017¹⁴



Imagem 7: Print Screenshot da página do dicionário Dicio. Imagem datada de 25/06/2017¹⁵

O dicionário Priberam da Língua Portuguesa, também traz uma acepção relacionada a valores morais em certo discurso de moralidade: “Mulher que se comporta de modo considerado devasso ou imoral”.



Imagem 8: Print Screenshot da página do dicionário Priberam. Imagem datada de 25/06/2017¹⁶

¹⁴ Disponível em: <http://www.aulete.com.br/vadia>. Acesso em: 25/06/2017, às 16h30.

¹⁵ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/vadia/>. Acesso em: 25/06/2017, às 16h35.

Os sentidos que temos hoje da palavra “vadias” são sentidos que foram sendo ressignificados ao longo do tempo. A palavra “Vadia” vem do Latim *VAGATIVUS*, “o que anda sem destino”, de *VAGARE*, “andar sem propósito, sem destino”. Esse sentido foi deslizando para a dimensão pejorativa, pois uma pessoa que gastava seu tempo andando ao léu não seria uma pessoa que desempenharia um papel importante para a sociedade ou seria relevante. É importante observar que quando a palavra se refere a homens os sentidos são esses, ou seja, o corpo masculino não aciona nenhuma memória de um corpo indigno, pelo contrário, em nossa cultura, o sentido de vadio é até exaltado na literatura e em algumas letras de músicas populares, em que toma o termo vadio como um herói brasileiro por viver a vida desregrada, sem compromissos, sem se submeter às burocracias, às exigências sociais e ao sistema capitalista, como se o malandro fosse um personagem que simbolizasse a resistência ao sistema imposto pela sociedade. Mas quando se refere à mulher os sentidos têm conotação imediatamente sexual.

Ao se referir à mulher, a palavra vadia é associada automaticamente à imoralidade, ao que é devasso, termos que são usados para acionar a memória discursiva de um corpo obsceno, de um corpo vulgar, de um corpo feito para o sexo. O termo vadias está historicamente associado ao corpo da mulher, por uma relação de injunção, já que o corpo feminino carrega esse construto histórico-ideológico de ser um corpo que incita o prazer ao homem.

A comunidade retoma o acontecimento em Toronto (2011), quando o policial Michael Sanguinetti fez um proferimento dizendo que “as mulheres evitassem se vestir como vadias (*sluts*, no inglês original), para não serem vítimas de estupros, após uma onda de ataque às estudantes no campus da Universidade de Toronto. Numa tentativa de ressignificar o termo com uma carga ideológica pejorativa ao longo da história, a comunidade toma o “vadias” como um termo engrandecedor, deslocando do sentido original e agregando novos sentidos, mostrando que ser vadia, na perspectiva da comunidade é ser uma mulher de atitude, autônoma, que é dona de si e que não se sujeita à dominação machista. É importante observar que o movimento usa o corpo da mulher como suporte para inscrição de discursos que negam os discursos dominantes e se apoiam também na transcendência destes, pois não pratica a mesma técnica do discurso machista, isto é, a comunidade não “ataca” os homens chamando-os também de vadios ou de outros termos ultrajantes, pelo contrário, ela agrega novos valores a um termo marcado de sentidos negativos com relação à figura da mulher. Essa é uma forma

¹⁶ Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/vadia>. Acesso em: 25/06/2017, às 17h.

de desconstruir o machismo que impera socialmente e de valorizar a mulher por aquilo que ela quer ser e não por aquilo que querem ou determinam que ela seja.



Imagem 9: Postagem da comunidade Marcha das Vadias Sampa no site *Facebook*
Postagem datada de 08/05/2013¹⁷

Nesta postagem, busca-se definir o que é ser vadia, numa tentativa de ressignificar a palavra “vadia” dando um novo sentido a ela. Para a comunidade, ser vadia é ser uma mulher corajosa para viver a vida. O termo coragem nos chama a atenção, pois é um termo comumente associado ao homem e não à mulher. Segundo o dicionário Aulete¹⁸, coragem é: “Atitude firme (sem hesitação, sem temor ou sem fraqueza) diante de situações perigosas ou difíceis; Força moral e perseverança no enfrentamento de situações emocionalmente difíceis”. Essa firmeza e força moral de que o dicionário fala são sentidos geralmente associados ao homem hétero em nossa sociedade. A mulher é tida na sociedade como instável emocionalmente e, por isso, a bravura, o destemor não são associados à figura dela. Notamos que há no fio desse discurso, um discurso outro que busca ser rompido pela Marcha que defende que para ser mulher na sociedade atual, é preciso ter coragem para enfrentar preconceitos. Há, por exemplo, uma referência ao sexo, que para a sociedade atual, ainda é um tema tabu, um assunto velado. Mas na discursividade da comunidade, esse tema se faz visível e dizível porque o próprio espaço permite tal visibilidade. Nos dizeres: “sexo deve ser legal, prazeroso e bom para qualquer ser humano”, a comunidade deslegitima os dizeres que

¹⁷

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/365426650229306/?type=3&theater>. Acesso em: 31/08/2016, às 23h.

¹⁸ Definição disponível em: <http://www.aulete.com.br/coragem> Acesso em: 01/09/2017, às 23h.

atestam o prazer sexual apenas para os homens e garante equidade para ambos os gêneros com relação ao ato sexual. A comunidade investe em uma nova discursividade para provocar deslocamentos nos sentidos da palavra vadia e do que é ser mulher na sociedade atual.



Imagem 10: Postagem da comunidade Marcha das Vadias SP no site *Facebook*
Postagem datada de 17/05/2013¹⁹

Nessa postagem há novamente a tentativa de ressignificar o termo vadias, atribuindo a ele um sentido outro diferente do comumente significado na sociedade. “Vadia é quem usa o corpo para fazer a revolução”, o corpo é enunciado como um suporte, um meio para fazer a revolução, há a legitimação da exposição do corpo feminino, marca registrada da Marcha que, geralmente, é realizada por mulheres seminuas, expondo seus corpos em reivindicação pela autonomia dele. O corpo se faz visível então, não só no enunciado, mas também na imagem que dá visibilidade ao corpo tatuado com a palavra *slut* em inglês que foi traduzida para o português como “vadias”. A visibilidade do corpo como suporte e o enunciado funcionam numa relação metalinguística em que enunciado e imagem dizem de um mesmo objeto.

Não podemos deixar de observar também que o enunciado propõe que a mulher use o próprio corpo para fazer a revolução, há um empoderamento desse corpo, legitimando-o e tornando-o autônomo. A revolução enunciada pode ser entendida como esse processo de subjetivação e empoderamento do corpo feminino como um corpo que resiste e que luta. O ato de tatuar esse corpo também é uma forma de resistência, já que a tatuagem ainda é um

19

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.24030207607509/8/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

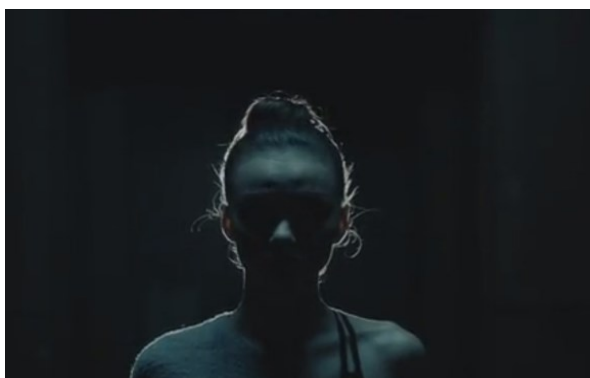
tabu na nossa sociedade. Segundo Beauvoir (1970, p. 29): “A presença no mundo implica rigorosamente a posição de um corpo que seja a um tempo uma coisa do mundo e um ponto de vista sobre esse mundo: mas não se exige que esse corpo possua tal ou qual estrutura particular”.

O feminismo da comunidade busca ressignificar o corpo feminino, de forma que esse corpo tenha visibilidade e ganhe outros sentidos. A comunidade apresenta outras materialidades tais como as audiovisuais, há uma propaganda da empresa Libresse, por exemplo, uma empresa de absorventes, que chamou nossa atenção em particular, por se tratar de um vídeo que busca desconstruir o tabu da menstruação das mulheres. A comunidade, ao postar o vídeo, faz militância em prol de mais mulheres representadas em propagandas desse tema e que elas sejam mais realistas, já que, a maioria das peças publicitárias apresentam mulheres lindas, bem sucedidas, sorrindo, vestidas de calça branca, mas não dão visibilidade ao que a menstruação representa de fato: o sangue, o desconforto das cólicas, o inchaço do corpo etc. sintomas que, muitas vezes, impossibilitam as mulheres de realizarem algumas atividades. A comunidade busca dar visibilidade a mulheres reais, comuns, que sangram pela condição de serem mulheres e, que mesmo com todo o incômodo, não se deixam abalar, não retrocedem, continuam adiante e mostram-se resilientes. Nas palavras de Beauvoir: (1970, p.47 e 48):

No momento da puberdade, a espécie reafirma seus direitos. Sob a influência de secreções ovarianas, o número de folículos em via de crescimento aumenta, o ovário congestiona-se e cresce, um dos óvulos chega à maturidade e o ciclo menstrual se inicia; o sistema genital adquire seu volume e sua forma definitiva, o soma feminiza-se, o equilíbrio endócrino estabelece-se. É digno de nota o fato de assumir esse acontecimento o aspecto de uma *crise*; não é sem resistência que o corpo da mulher deixa a espécie instalar-se nela e esse combate enfraquece-a e faz com que corra perigo. [...] Muitas secreções ovarianas têm sua finalidade no óvulo, na maturação, na adaptação do útero a suas necessidades; para o conjunto do organismo, constituem mais um fator de desequilíbrio do que de regulação; a mulher é adaptada às necessidades do óvulo mais do que a ela própria. Da puberdade à menopausa, é o núcleo de uma história que nela se desenrola e que não lhe diz respeito pessoalmente. Os anglo-saxões chamam a menstruação *the curse*, "a maldição"; e, efetivamente, não há nenhuma finalidade individual no ciclo menstrual.

A materialidade audiovisual postada na comunidade trata exatamente do corpo da mulher, particularmente, o corpo que menstrua. Há uma tentativa de desconstruir os discursos sobre o corpo feminino ser um corpo frágil por causa da menstruação. Faremos a seguir uma sequência de imagens de acordo com as ações apresentadas no vídeo para explicar como essa materialidade foi construída e como o sentido vai se deslocando ao longo da filmagem. A

sequência será como uma narrativa do vídeo a fim de o recriarmos a partir da materialidade imagética. O vídeo tem duração de 1 minuto e 10 segundos. Ele inicia com a imagem de uma mulher de frente, uma bailarina, há um foco maior em seu rosto, mesmo o cenário de fundo sendo todo escuro. Ao mesmo tempo em que surge essa primeira mulher, há uma voz de fundo, voz feminina, cantando à capela em um tom dramático, melancólico que confere um clima tenso aos primeiros segundos do vídeo. Em seguida aparece mais uma mulher, ainda com o rosto em foco, mas agora esse rosto aparece de perfil e sangrando. Na terceira sequência de imagem, há três mulheres também com o foco em seus rostos, rostos sem machucados.



Imagens 11 e 12: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013²⁰

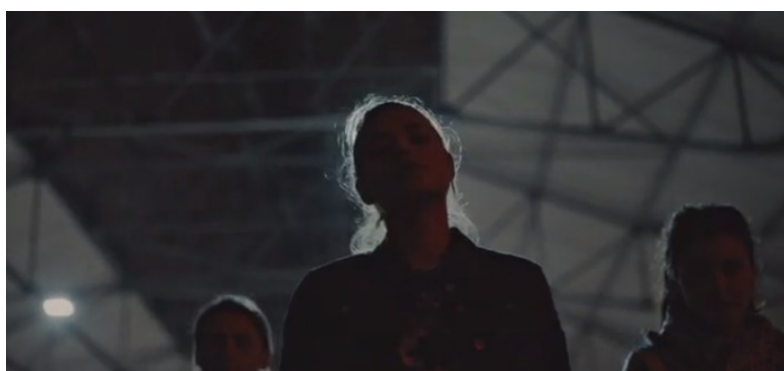


Imagem 13: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013²¹

²⁰

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

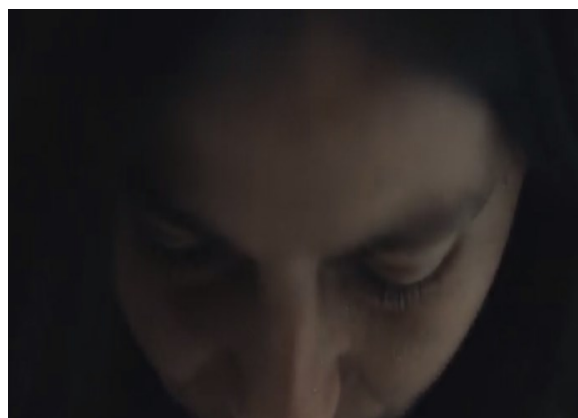
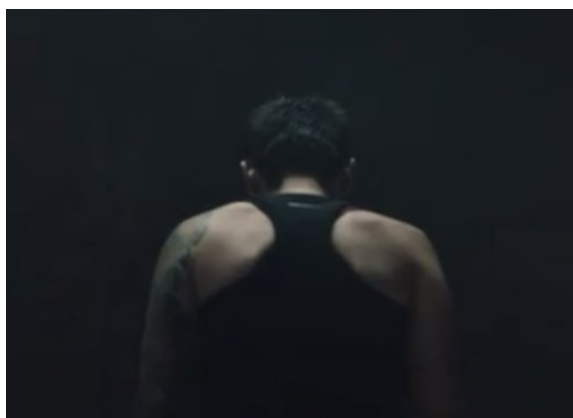
²¹

Disponível

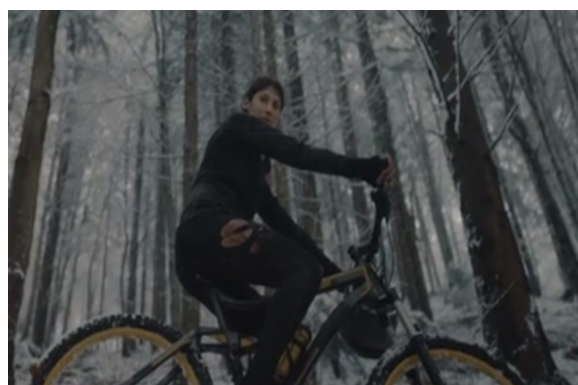
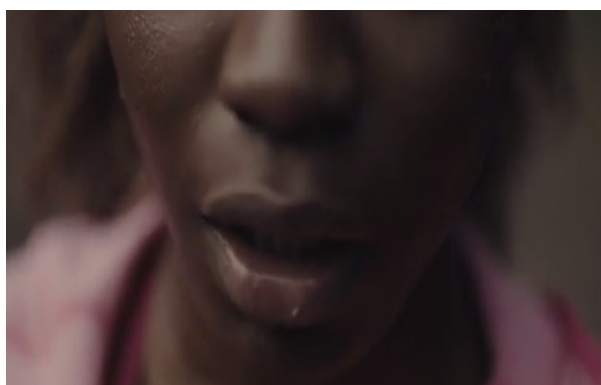
em:

<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

Na quarta imagem que surge na sequência, outras partes do corpo dessas mulheres começa a se fazer visível, nesta imagem, há uma mulher branca de costas, em seguida, aparece outra cujo foco está em seus olhos que estão fechados, a próxima mulher é negra e o foco agora é somente em sua boca, e, por último nessa sequência de cenas, há a imagem do corpo feminino por inteiro: uma mulher branca aparece na tela de corpo inteiro em uma bicicleta. Notamos que há uma preocupação em tornar visível não somente o corpo feminino por inteiro, mas as suas partes, em particular, cada qual com a sua anatomia e função. Há uma tentativa de esquadrihar e individualizar esse corpo, de lançar um olhar cuidadoso, específico, um olhar meticoloso sobre ele.



Imagens 14 e 15: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013²²



Imagens 16 e 17: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013²³

22

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

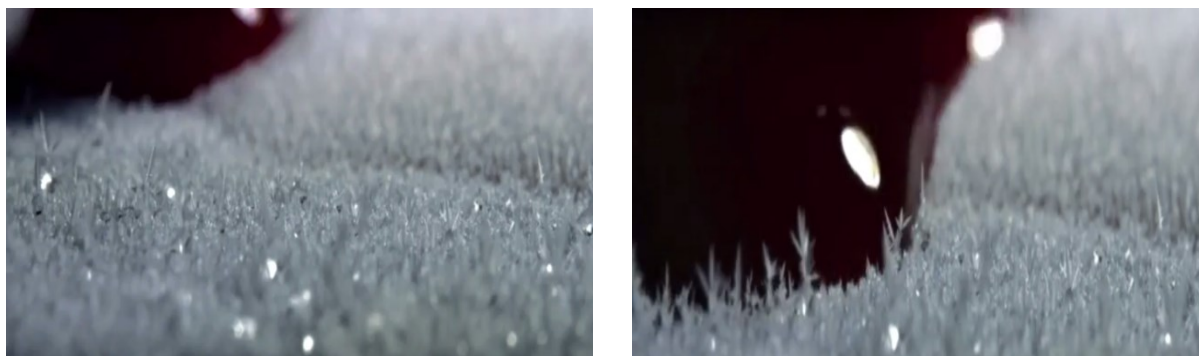
23

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

A sequência de *closes* nas partes dos corpos femininos é interrompida com a imagem de uma gota de sangue se derramando pelo gelo, essa imagem também está em *close*, é dada ênfase para o sangue que escorre, que segue seu curso. Interrompida também é a voz feminina que estava cantando ao fundo até então. Essa voz cessa e há ênfase ao barulho do sangue escorrendo, bem como ao som natural dos movimentos das mulheres em ação. Há apenas o som ambiente que confere uma atenção maior às cenas que vão se seguir.



Imagens 18 e 19: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013²⁴

Após a imagem do sangue escorrendo, aparece uma mulher com o rosto machucado, ela apresenta um corte no nariz e está sangrando, não é possível saber ainda como nem porque ela está machucada. Podemos observar também que o *close* focaliza não só o nariz cortado sangrando, mas também o olhar da mulher, que é um olhar fixo, para frente, um olhar de fúria, que torna visível sua frustração por ter sido golpeada e, provavelmente, estar perdendo a luta/ competição. Não é um olhar de vítima, é um olhar competitivo, com desejo de vingança.

Em seguida, há uma série de imagens de mulheres praticando algum tipo de esporte: mulheres jogando futebol americano, uma mulher praticando corrida ao ar livre, uma mulher correndo para o mar com uma prancha de surf para pegar ondas e, novamente, o vídeo volta para a imagem da mulher ferida, trata-se de uma praticante de boxe, há uma retomada no vídeo para mostrar o momento em que ela foi golpeada e caiu no chão, assim, o telespectador entende finalmente, como ela machucou o seu rosto, conforme já mostrado anteriormente. O vídeo não segue uma narrativa linear, ele vai e volta, mostra os corpos marcados, feridos para depois mostrar como os ferimentos ocorreram numa tentativa de atrair a atenção do público alvo e despertar um interesse em ver a propaganda até o fim.

24

Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

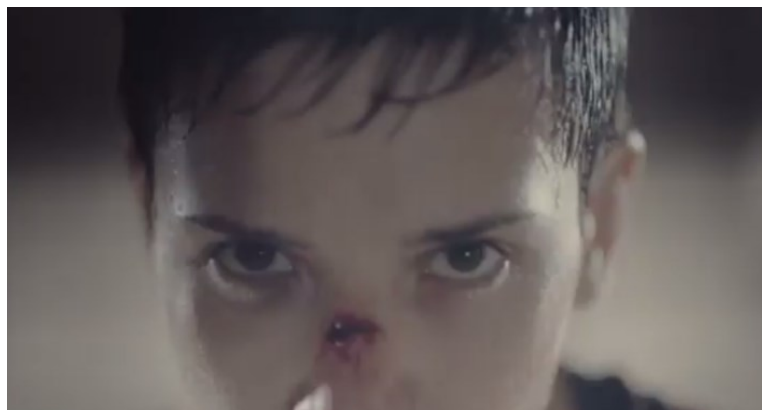
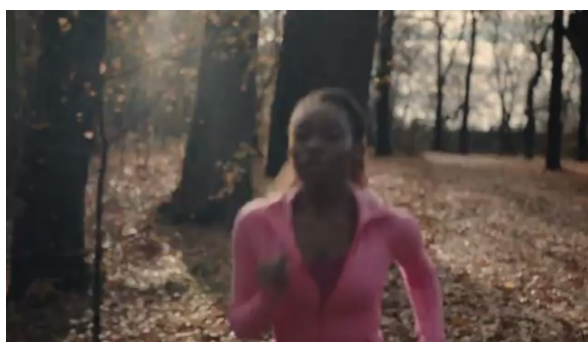


Imagem 20: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013²⁵



Imagens 21 e 22: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013²⁶



Imagens 23 e 24: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013²⁷

²⁵

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

²⁶

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

²⁷

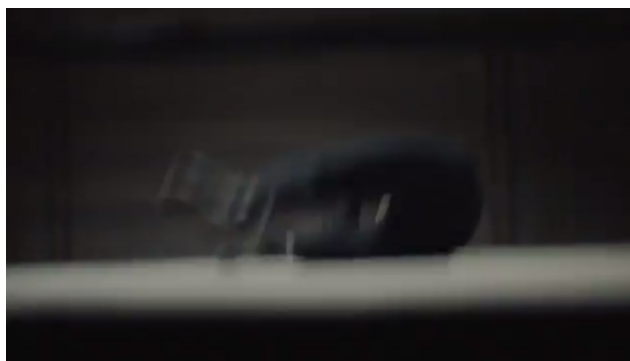
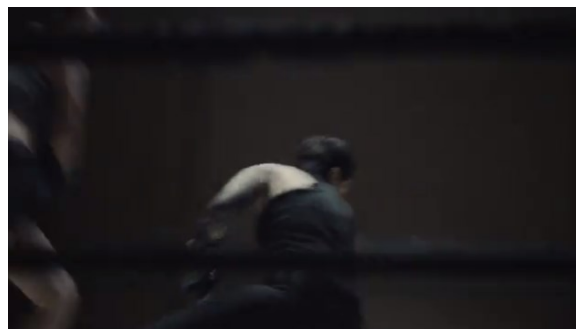
Disponível

em:

<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.



Imagem 25: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013²⁸



Imagens 26, 27 e 28: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013²⁹

Após a cena da mulher boxeadora sendo golpeada e caindo no chão, as outras mulheres aparecem também se machucando e sangrando. Observamos que todas elas, em

²⁸ Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

²⁹ Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

algum momento de suas atividades físicas se ferem e começam a sangrar. Agora o *close* se fixa no sangue especificamente.



Imagens 29 e 30: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013³⁰



Imagens 31 e 32: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013³¹



Imagens 33 e 34: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013³²

30

Disponível

em:

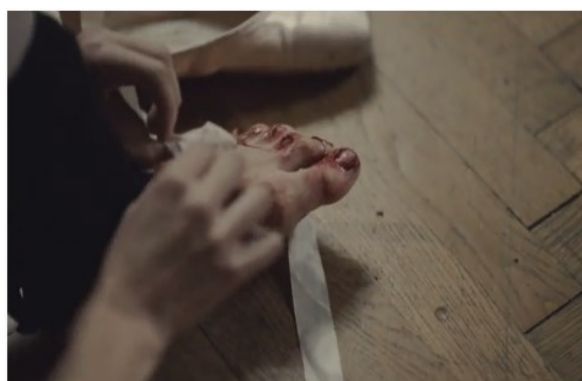
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

31

Disponível

em:

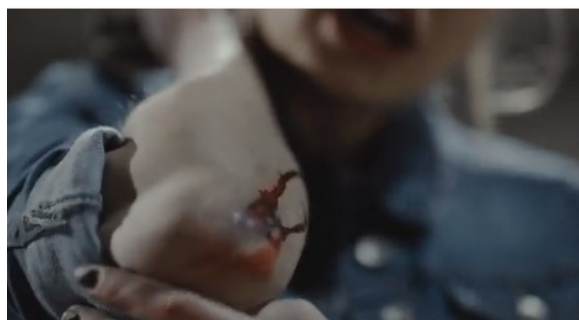
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.



Imagens 35 e 36: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013³³



Imagens 37 e 38: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013³⁴



Imagens 39 e 40: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013³⁵

³² Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

³³ Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

³⁴ Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

³⁵ Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.



Imagens 41 e 42: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013³⁶



Imagem 43: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013³⁷

O fato de as mulheres, no vídeo, tornarem visíveis seus ferimentos bem como o sangramento, diz de um sujeito resistente, pois sangrar não as impede de continuar a exercer as atividades que realizavam antes; mostrando assim a força da mulher, seu poder de adaptação e superação de uma condição que lhe é imposta naturalmente, mas que não precisa necessariamente ser entendido e tomado como uma barreira ou uma fraqueza.

Em seguida, o corpo ferido, golpeado, machucado continua em evidência na sequência das cenas, mas agora o *close* é para fazer visível um corpo forte, cuja diferença com o masculino não significa como menos. As cenas a seguir fazem visíveis corpos que se levantam, que se regeneram e que seguem em frente. O corpo feminino nesse vídeo é subjetivado como um corpo resistente, que supera as adversidades e se mantém em pé.

Notamos que, no momento em que as mulheres aparecem se levantando dos tombos ou se recuperando de seus ferimentos inicia-se a música novamente, mas a trilha sonora não é

³⁶ Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

³⁷ Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

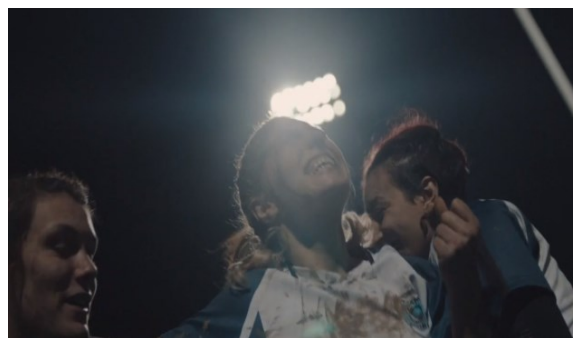
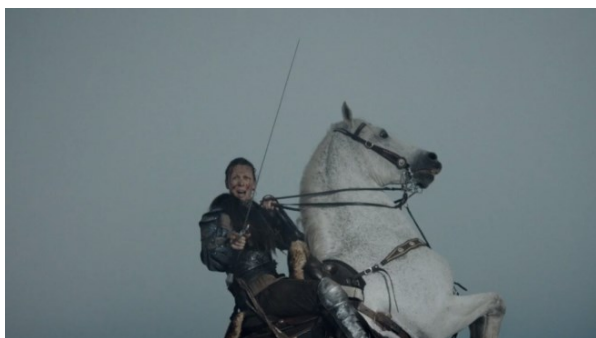
mais melancólica. A música intitulada *Native Puppy Love*, pertence ao grupo musical *A Tribe Called Red*. Segundo o site Wikipédia³⁸: “Este é um grupo de música eletrônica canadense que mistura música de dança instrumental hip hop, reggae, moombahton e dubstep com elementos de música das Primeiras Nações, particularmente canto vocal e baterias. Com sede em Ottawa, o grupo é composto por três Djs”.

É uma música com batidas fortes, a instrumentalidade soa como palavras de ordem, como se a música deslizasse o sentido das quedas e machucados para o ânimo, e vitalidade dessas mulheres, devolvendo-lhes a coragem para que elas se levantem e tentem novamente. De acordo com Milanez (2016):

Neste contexto, observo não uma separação entre som e imagem, mas concluo que eles fazem parte de um mesmo campo. Ambas se referem a uma modalidade de imagem que se desdobra em acústico e visual. O que ouvimos são orientações das imagens sonoras que nos atravessam, o que vemos são visualidades que tem eco e significado no entrelaçamento desses dois tipos de imagens (MILANEZ, 2014). O áudio e o visual são, então, a duplicação de um mesmo estado imagético em um quintal mútuo entre duas casas. O território de avizinhamiento entre sonoridade e visualidade os congregam em um mesmo campo, o da verbo-visualidade.

A subjetivação acontece também no enunciado disponibilizado ao fim do vídeo: “No blood should hold us back.”, mas especificamente no pronome *us* (“nós”, em português, isto é, “nós mulheres”). Fazer parte de um grupo de mulheres, se identificar por ele é responder por um “nós” e se dizer. De acordo com Fernandes (2012, p. 81):

Foucault (2004b,p. 145) considera que “o cuidado de si sempre toma forma no interior de redes ou de grupos determinados e distintos uns dos outros”. Trata-se de uma produção de subjetividade pela exterioridade, na qual as relações discursivas têm lugar. Nessa produção, o saber é fundamental para definir, e até mesmo possibilitar, por exemplo, o pertencimento a um grupo, pois é nele que se encontram os preceitos sob a forma de discursos pelos quais o sujeito será capturado. Pelo saber, os grupos, e mesmo as seitas, diferenciam-se e funcionam como exterioridade ao sujeito constitutivo da subjetividade. O sujeito busca, ou é levado a, pertencer a lugares, a portos que lhe asseguram a existência.



³⁸ Texto disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/A_Tribe_Called_Red. Acesso em: 05 jun. 2017.

Imagens 44 e 45: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013³⁹



Imagens 46 e 47: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013⁴⁰

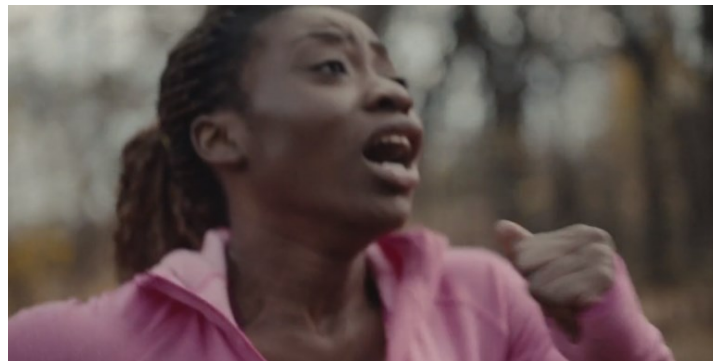


Imagem 48: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013⁴¹

³⁹ Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

⁴⁰ Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

⁴¹ Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.



Imagem 49: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013⁴²

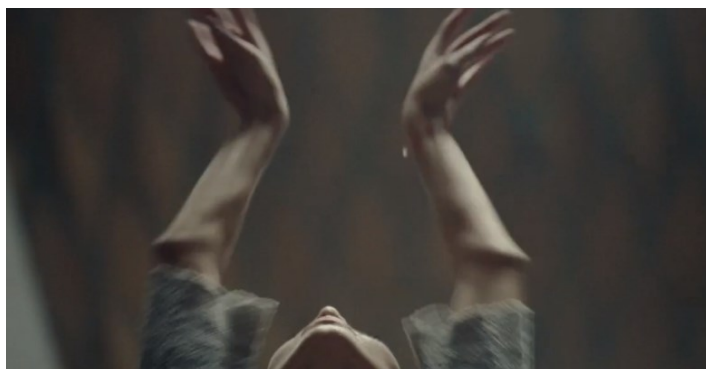


Imagem 50: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013⁴³

A partir das imagens mostradas no vídeo, e da maneira como a comunidade faz o vídeo circular, postando-o como um conteúdo legítimo para estar ali, consegue desconstruir o sentido de fragilidade feminina tida como inferioridade, mostrando mulheres de corpos que sangram e continuam suas atividades e com seus objetivos. A comunidade procura desvelar os mitos que existem por trás do ato de menstruar e que por muito tempo, se perpetuaram em nossa sociedade impedindo as mulheres de fazerem muitas atividades. Dessa forma, a comunidade atinge determinado grupo de mulheres que assim como as do vídeo se subjetivam fortes, resistentes, livres e que encaram a menstruação da maneira mais natural possível.

A cena final faz visível a mulher boxeadora que foi golpeada no começo, golpeando sua adversária e fazendo-a sangrar também e, consequentemente, cair no chão. O soco final

⁴² Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

⁴³ Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

coincide com uma buzina ao fundo que sinaliza que o *round* acabou e que ela é a vencedora, bem como o comercial em questão que também se encerra logo em seguida.

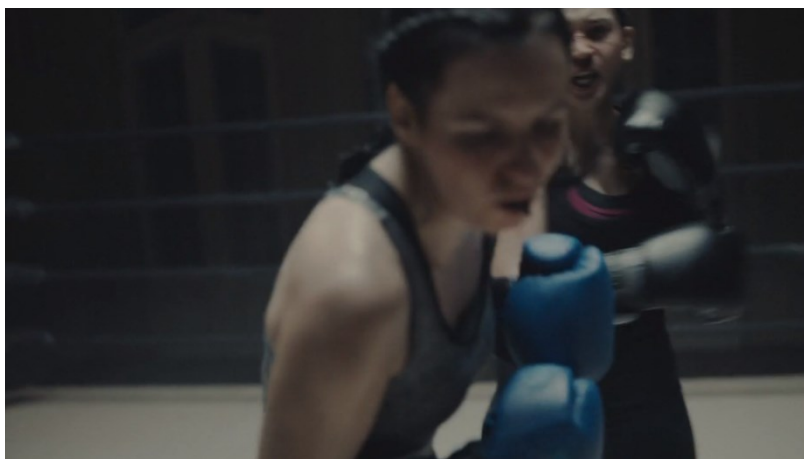


Imagem 51: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013⁴⁴

Ao fazer visível a mulher como personagem principal nesse vídeo, a comunidade que é de mulheres para mulheres possibilita a subjetivação feminina como perseverante e forte. Os dizeres que acompanham a postagem da comunidade também enunciam essa subjetivação. Acima do vídeo há o seguinte enunciado: “Menstruar não deveria nos impedir de fazer nada, mas daí a colocar nas propagandas mulheres irreais, de calça branca, sem olheiras, cabelos esvoaçantes ao vento com perfume floral... bom... Por propagandas mais realistas, por mais tipos de mulheres representadas! Olha só”. O enunciado faz visível que há uma objetivação das mulheres em comerciais de produtos femininos como mulheres perfeitas, inabaláveis mesmo durante a menstruação. Nos comerciais, há uma idealização da mulher e um apagamento da menstruação.

O vídeo postado na comunidade, ao contrário, chama a atenção para o fato de que sim, as mulheres menstruam e que isso não é motivo para não estar bem, pois faz parte do corpo feminino sangrar. As especificidades do corpo feminino são assumidas e aceitas e tratadas de forma confortável pela comunidade. Não há, portanto, uma tentativa de mascarar as características próprias do corpo feminino, mas fazê-las visíveis como possíveis, enunciáveis e como motivo de orgulho. O sangramento específico da mulher, por seus ciclos menstruais, é, portanto, ressignificado, igualado a outros tipos de sangramento do corpo biológico, ativo,

44

Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

que sangra pelas condições biológicas de um corpo natural. Ao final do vídeo, aparece o nome da empresa que o promoveu imerso em sangue espalhado pela tela inteira.

A comunidade se posiciona, portanto, em defesa de mulheres que se subjetivam autônomas, independentes, resistentes, fortes, que não negam sua condição biológica, mas também não se inferiorizam ou se sentem submissas por isso. Há mais uma vez, a busca pelo empoderamento das mulheres, uma tentativa de desconstruir os discursos que criam empecilhos para as mulheres e as objetivam como um ser menor por causa do período menstrual.

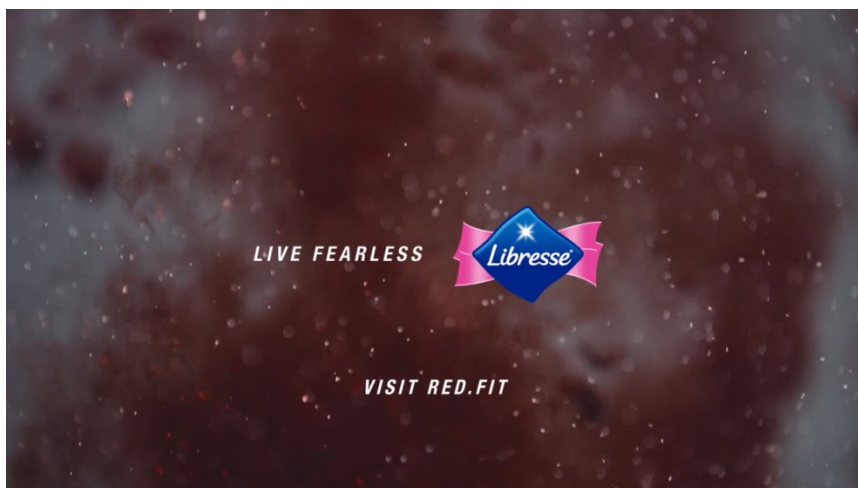


Imagem 52: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2013⁴⁵

45

Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/364088663696438/?type=3&theater> Acesso em: 31/08/2016, às 23h03.

CAPÍTULO IV

O FEMINISMO COMO DISPOSITIVO

As comunidades *Marcha das Vadias* e *Não me Kahlo* se constituíram e fortaleceram a partir das redes sociais e do seu potencial para alcançar a massa virtual, ou seja, para atingir grande quantidade de pessoas. A partir da internet e dos recursos digitais oferecidos pelas redes sociais, essas comunidades criaram um espaço para desenvolver a luta pela causa feminista e assim atingir o máximo possível do seu público alvo e disseminar sua causa. A ordem digital é fundadora do dispositivo feminista que estamos analisando, e que se refere ao movimento social baseado e organizado por redes sociais. Segundo Agamben (2005, p.15) “O dispositivo é, na realidade, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações, e enquanto tal é uma máquina de governo”.

A internet se tornou então uma importante ferramenta na conquista de seguidores e sujeitos que se identificam com a causa, sendo, portanto, um dispositivo de poder, pois a internet captura os sujeitos, os molda, ditando um novo comportamento nos espaços digitais. As comunidades analisadas, por exemplo, são espaços onde as mulheres têm visibilidade para si mesmas, ou seja, podem dizer de si e para si numa discursividade que é feminista e apoia ser feminina. Dessa forma, nas comunidades analisadas há um apelo pela valorização da mulher, nesses espaços elas se subjetivam como donas de seus corpos, e se deslocam da posição submissa/ objeto do/para o desejo masculino para uma posição autônoma e privilegiada. Conforme Agamben (2005, p. 13):

[...] temos assim duas grandes classes, os seres viventes (ou as substâncias) e os dispositivos. E, entre os dois, como terceiro, os sujeitos. Chamo sujeito o que resulta da relação e, por assim dizer, do corpo-a-corpo entre os viventes e os dispositivos. Naturalmente as substâncias e os sujeitos, como na velha metafísica, parecem sobrepor-se, mas não completamente. Neste sentido, por exemplo, um mesmo indivíduo, uma mesma substância, pode ser o lugar dos múltiplos processos de subjetivação: o usuário de telefones celulares, o navegador na internet, o escritor de contos, o apaixonado por tango, o não-global etc.etc. À ilimitada proliferação dos dispositivos, que define a fase presente do capitalismo, faz confronto uma igualmente ilimitada proliferação de processos de subjetivação. Isto pode produzir a impressão de que a categoria da subjetividade no nosso tempo vacila e perde consistência, mas trata-se, para sermos precisos, não de um cancelamento ou de uma superação, mas de uma disseminação que acrescenta o aspecto de mascaramento que sempre acompanhou toda a identidade pessoal. Não seria provavelmente errado definir a fase extrema da consolidação capitalista que estamos vivendo como uma gigantesca acumulação e proliferação dos dispositivos. Certamente, desde que apareceu o *homo sapiens* havia dispositivos, mas dir-se-ia que hoje não haveria um só instante

na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo.

O discurso dessas comunidades é um contra discurso que vai ao embate do discurso machista disseminado. É uma arena de disputa de poderes, um lugar em que a mulher se tem como personagem, tema e interlocutora principal. Sendo assim, o feminismo, que também é um dispositivo de poder, já que defende uma ideologia e dita um determinado comportamento, viu nas redes sociais uma maneira de disseminar seu discurso e, assim, interpelar mais seguidores.

Uma das estratégias de poder das comunidades é convocar seguidores e apoiadores da causa. As postagens incitam a participação dos seguidores e provocam neles uma reação, pois os sujeitos agem no meio digital. Muitos se sentem interpelados pelas imagens e dizeres ali postados e curtem e compartilham o que ali é colocado. Dessa forma, há uma rede de grande alcance que faz com que a comunidade ganhe força e visibilidade no meio virtual. O feminismo então, ganha novos sentidos no meio digital.

Castells (2005, p. 17) pontua que nossa sociedade está passando por um processo de transformação das estruturas: “É um processo multidimensional, mas está associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos 60 e que difundiram de forma desigual por todo o mundo”. Para ele, sociedade em rede significa:

[...] uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. A rede é uma estrutura formal. É um sistema de nós interligados. (CASTELLS, 2005, p. 20)

Os discursos sobre a mulher da *Marcha das Vadias* vão se construindo nessas condições de produção. É no espaço digital que eles se formulam, circulam e são significados e ressignificados mobilizando novos sentido para o sujeito mulher e para o corpo feminino. É na forma como esses vídeos e materiais aparecem e são compartilhados nesses espaços, que as comunidades constituem textualidade em sua prática digital.



Imagem 53: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 05/06/2016⁴⁶

O uso de palavras de ordem e o uso do modo imperativo também apontam o maior objetivo da comunidade: despertar o interesse dos internautas pela causa feminista. Nesse *post*, em particular, há um apelo somente às mulheres, evidenciado pelo uso da palavra “Mulheres” como vocativo na construção: “Mulheres, uni-vos!”, mas há também várias postagens que se referem aos sujeitos em geral já que a comunidade também é solidária com a luta dos que estão à margem na sociedade, como por exemplo, as travestis, os gays, pessoas transexuais etc. A comunidade também milita em prol do respeito e reconhecimento desses sujeitos que, assim como as mulheres, resistem aos lugares sociais que lhes são impostos e clamam por visibilidade em uma sociedade que está cada vez mais embebida de seu ego e de seus julgamentos.

46

Disponível em:
<https://www.facebook.com/CartazesLgbt/photos/a.228904437209393.37771.228900067209830/869936403106190/?type=3&theater> Acesso em 30/08/2016, às 23h11.



Imagem 54: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 10/03/2016⁴⁷

A partir dessas e de muitas outras postagens feitas por essas comunidades observamos o processo de desconstrução do discurso machista a partir de dispositivos como as redes sociais e o feminismo, que também são formas de controle de sujeitos que buscam a partir da refutação de tais discursos o deslocamento desse lugar social imposto a eles. Essa desconstrução se dá, por exemplo, na visibilidade que a comunidade feminista dá aos gays, às lésbicas, aos transexuais e travestis em suas postagens. Na imagem analisada, por exemplo, há um convite ao usuário do *Facebook* para conhecer os canais comandados por travestis, mulheres e homens transexuais, esse convite é enunciado pelo verbo no imperativo: “Conheça”, de forma direta e objetiva. O convite também é reforçado na exposição das imagens desses *youtubers* que aparecem na postagem em uma foto de seus rostos em *close*, colocados um ao lado do outro numa tentativa de equipará-los e naturalizá-los talvez. Na imagem, os *youtubers* estão sérios, têm o olhar para frente, fixo, como se estivessem olhando de volta para os usuários, também com um olhar analítico, já que são sujeitos constantemente julgados e o principal inquisidor é o olhar do outro.

Por fim, ao analisarmos tais discursos compreendemos melhor a militância promovida por essas comunidades e como as mulheres e os que se sentem marginalizados pelo discurso

⁴⁷ Disponível em: <http://www.nlucon.com/2016/03/conheca-os-canais-no-youtube-comandados.html>
Acesso em 30/08/2016, às 23h11.

dominante se identificam com a causa se subjetivando de outra forma, agora, com poder sobre seu próprio corpo, com mais coragem de se expor e denunciar seus agressores, enfim, há um empoderamento desses sujeitos que até então foram silenciadas pelas ideologias dominantes. O dispositivo feminista funciona dessa forma, dando visibilidade e voz aos marginalizados. Nas seções a seguir, exploramos algumas formas de objetivar o corpo feminino e se subjetivar como mulheres que resistem à dominação e submissão que compreendemos em funcionamento nas comunidades e que entendemos serem regularidades no nosso *corpus* de pesquisa.

4.1. O corpo que não se quer docilizado

A doutrinação dos corpos é uma técnica de poder e disciplinação. O termo é cunhado por Foucault (1999) em *Vigiar e Punir*: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. O corpo da mulher é constantemente alvo de transformações, é constantemente julgado e dito pelo homem como seu oposto, já que há uma construção histórica de que é um corpo feito para isso, para ser domesticado. Nas palavras de Foucault (1999, p. 110):

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”.

Para ter domínio sobre o corpo do outro há discursos que circulam em nossa sociedade que “esquadrinham” o corpo, ditando como ele deve se portar, que roupas deve vestir, que lugares pode frequentar, há literalmente uma ditadura do corpo, uma vigilância que a todo momento modela os corpos para viver em sociedade. Não é possível viver em sociedade sem se submeter a esse esquadrinhamento, mas é possível resistir a ele. O corpo da mulher é um objeto dessa mecânica de poder, os dizeres que perpetuam as técnicas de como docilizá-lo têm sido repetidos desde muito tempo até os dias de hoje em formulações que legitimam esse

poder, formulações estas que são possíveis num discurso machista e resolutas como a denunciada pela comunidade *Marcha das Vadias* no *post* a seguir:



Imagem 55: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/02/2014⁴⁸

Na imagem, temos uma garota adolescente deitada no sofá da sala sem camiseta, com os seios à mostra, tentando se refrescar do calor que sente. O pai assim que se depara com tal cena, interpela a mãe perguntando-lhe de forma bastante ofensiva e grosseira: “que sem-vergonhice é essa que deu na nossa filha?”. O que chama a atenção, primeiramente, é o fato de o pai associar a exposição dos seios da filha à falta de vergonha, objetivando-a como vulgar, imprópria, como se refrescar do calor deixando os seios à mostra fosse uma atitude imoral, vulgar e abominável de se fazer em um ambiente familiar, já que ele nomeia esse fato como sem-vergonhice. Observamos como a disciplinarização e a docilização do corpo feminino ocorrem nas diferentes instituições (na família, no comercial de televisão, na ciência, na religião), conforme explicava Althusser (1998). O fato de os personagens no quadrinho aparecerem com os mesmos trajes, isto é, ambos usam um short verde é uma tentativa de equipará-los, subjetivando-os como sujeitos iguais sem separação de gênero. Esse gesto de colocá-los com a mesma cor de roupa diz da posição da comunidade que busca romper padrões e provocar sentidos outros para o corpo feminino. Conforme expõe Milanez (2016):

48

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/photos/a.240913249347314.42545.240302076075098/471742619597708/?type=3&theater> Acesso em 02/09/2016, às 23h11.

A cor nesse sentido é tomada como um elemento “cromático-discursivo” (MILANEZ, 2012, p. 579), ou seja, a cor articula um discurso que se materializa e produz significado em relação a quem ou a que ela se refere, em que condição de aparecimento e em qual aspecto do tempo da imagem em relação às outras imagens. O cromático-discursivo é um modo de reinscrição do acontecimento na história das imagens em circulação audiovisual.

A noção de docilidade está para a ordem do manipulável, este é um corpo que passa pelo processo de adestramento, condicionamento, mas a comunidade tenta ressignificá-lo usando, por exemplo, a cor para mobilizar novos sentidos.

Em segundo lugar, observamos a contradição no discurso do pai que se incomoda com a postura da filha, a nosso ver, parece que ele se sente ofendido de ver o corpo da filha exposto, como se ela estivesse profanando a santidade de sua casa expondo-se dessa forma. Em contrapartida, ele próprio apresenta-se sem camiseta, tem o corpo seminu e não se sente nem um pouco constrangido com relação a isso. Sobre as contradições Foucault expõe:

Analizando a verdade das proposições e as relações que as unem, podemos definir um campo de não-contradição lógica: descobriremos, então, uma sistematicidade; remontaremos do corpo visível das frases à pura arquitetura ideal que as ambiguidades da gramática, a sobrecarga significativa das palavras, mascararam, sem dúvida, tanto quanto traduziram. Mas podemos inversamente, seguindo o fio das analogias e dos símbolos, reencontrar uma temática mais imaginária que discursiva, mais afetiva que racional e menos próxima do conceito que do desejo; sua força anima as figuras mais opostas, para, entretanto, fundi-las logo em uma unidade lentamente transformável; o que se descobre, então, é uma continuidade plástica, é o percurso de um sentido que toma forma em representações, imagens e metáforas diversas.

É visível como o homem se subjetiva empoderado, ou seja, ele sabe que tem poder suficiente para se expor em todo e qualquer lugar diferentemente da mulher que não tem esse mesmo prestígio. Nesse quadrinho, retomamos a exposição do corpo feminino, em seminudez, como uma estratégia do dispositivo feminista para deslocar sentidos sobre o corpo feminino, para provocar aquele que olha. O corpo desnudo é também uma estratégia para resistir e provocar sentidos.

O corpo do homem não é imoral, não é obsceno, não é representado na imagem como algo que incita o desejo, isto é, não é objetivado como o da mulher. O olhar que temos sobre o corpo da mulher é um olhar machista que a vê como objeto, um olhar sexualizado, mesmo ele sendo pai, há um olhar erotizado para o corpo da filha, esse olhar é contaminado pelas ideologias moralistas, machistas da sociedade que vigia e pune constantemente o corpo feminino:

Em *Vigiar e Punir*, Foucault (1975) explica-nos como a docilização acontece na dimensão micro das atividades cotidianas, no controle dos gestos, dos espaços possíveis de habitar, na instituição de formas de vigilância (como o olhar da revista, neste caso), no controle dos corpos para a manutenção de um discurso. Esse discurso, em seu efeito de verdade, acaba por estabelecer as normas sociais de comportamento e de conduta. (HASHIGUTI et. al., 2016, p. 7, no prelo).

Por fim, observamos a reação da mãe diante de tal situação. Sua resposta ao marido, ou seja, seu contra argumento é uma forma de resistência à atitude machista-moralista do esposo, ela o responde quando indagada sobre o comportamento da filha, da seguinte maneira: “Alguma coisa sobre estar calor demais para machismos”. Sua resposta materializa que ela diz de uma posição que é contra tais discursos, ou seja, a mulher não compactua com as ideologias sexistas impostas pela sociedade e pelo seu marido. Aqui, o feminino se mostra consoante ao feminismo e procura se subjetivar como um ser livre e autônomo usando o corpo feminino como suporte para resistir.

4.2. O corpo violentado

A violência também é um dispositivo de controle, é uma forma de disciplinar os corpos e de mantê-los dóceis. Infligir dor ao corpo é uma maneira bem sucedida de dominá-lo. A violência contra a mulher é uma construção histórica e social e tem em sua gênese uma relação com as categorias de gênero, classe, raça bem como uma relação com o poder/ saber. De acordo com Moore (1994- p. 16 e 17)

Os discursos sobre sexualidade e gênero frequentemente constroem mulheres e homens como tipos diferentes de indivíduos ou pessoas. Essas pessoas marcadas por gênero corporificam diferentes princípios de agência- como no caso de muitas culturas ocidentais, onde a sexualidade masculina e pessoas do gênero masculino são retratadas como ativas, agressivas, impositivas e poderosas, enquanto pessoas do gênero feminino são vistas como essencialmente passivas, fracas, submissas e receptivas. Esses discursos marcados por gêneros são em todos os casos construídos através da imbricação mútua com diferenças de raça, classe, etnicidade e religião. [...] Discursos sobre gênero e categorias de gêneros não são poderosos porque oferecem descrições acuradas de práticas e experiências sociais, mas porque, entre outras coisas, produzem homens e mulheres marcados por gênero, como pessoas definidas pela diferença. Essas formas de diferença são o resultado da operação da significação e do discurso, e quando postas em jogo fazem surgir os efeitos discursivos que produzem a própria diferença de gênero, assim como categorizações de gênero.

No Brasil, essa visão dicotômica entre homem e mulher, ecoou durante o processo de colonização, momento em que os colonizadores impuseram ao colonizados a dicotomia homem/ mulher de maneira violenta.

É importante observar que, frequentemente, quando cientistas sociais pesquisam sociedades colonizadas, a busca pela distinção sexual e logo a construção da distinção de gênero resultam de observações das tarefas realizadas por cada sexo. Ao fazê-lo, eles/elas afirmam a inseparabilidade de sexo e gênero, característica que desponta principalmente das primeiras análises feministas. (LUGONES, 2014. p. 937)

Mais uma vez a distinção se dá a partir de um conhecimento tomado como “empírico”, ou seja, a partir de observações feitas sobre as diferentes tarefas executadas pelos indígenas, acentuando assim, a diferenciação por gêneros. Assim como as mulheres, os indígenas também são sujeitos submissos que tiveram seus corpos docilizados a fim de silenciá-los e coloca-los à margem, submissos aos colonizadores.

Todo o processo de colonização foi realizado de maneira impositiva, a partir de uma relação de poder entre colonizador e colonizado. O colonizador deteve todo o poder sobre o colonizado, principalmente sobre seu corpo e identidade. Segundo Lugones (2014. p. 938):

A “missão civilizatória” colonial era a máscara eufemística do acesso brutal aos corpos das pessoas através de uma exploração inimaginável e terror sistemático (por exemplo, alimentando cachorros com pessoas vivas e fazendo algibeiras e chapéus das vaginas de mulheres indígenas brutalmente assassinadas). A missão civilizatória usou a dicotomia hierárquica de gênero como avaliação, mesmo que o objetivo do juízo normativo não fosse alcançar a generalização dicotomizada dos/as colonizados/as.

O processo de colonização foi realizado há mais de quinhentos anos, mas ainda observamos, nos dias atuais, os resquícios de seus desdobramentos. No Brasil, ainda existe uma memória de colônia que assombra os brasileiros e dá vida aos discursos sexistas.

Conforme Louro (2000, p. 6) “Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura”, sendo assim, é preciso pontuar que há uma dominância do discurso machista que se traduz numa cultura machista, construída social e historicamente e que tem hábitos e por costume fazer uso da violência para reiterar sua hegemonia.

Entretanto, observamos que, o corpo feminino objetivado como um corpo inferior no discurso machista e dominante; é, na comunidade analisada, subjetivado como um corpo autônomo, como um ponto de luz para se fazer visível e refutar as práticas dominadoras e

machistas. Assim se dá o funcionamento do dispositivo, o corpo visível e enunciável, resistindo e produzindo discursos em constante subjetivação.

A refutação, de acordo com o *Dicionário de Análise do Discurso* (CHARADEAU & MAINGUENEAU, 2004, p. 422), é entendida como “[...] um ato reativo argumentativo de oposição. Do ponto de vista do uso, ‘refutar’ tende a designar quaisquer formas de rejeição explícitas de uma posição [...]”.

A proposta da comunidade em análise é dar visibilidade a esse corpo que é violentado, disciplinado, silenciado, para que ele possa ser visto não sob a ótica viril, mas por uma ótica feminina que, a partir de discursos que refutam a prática machista, busca um novo olhar para esse corpo: o olhar feminino. Para entendermos melhor o processo de objetivação/subjetivação que ocorre nas postagens das comunidades analisada, elegemos postagens que dão visibilidade aos corpos femininos violentados.

O corpo, segundo Fernandes (2012, p. 60) “está investido de um sujeito de ação, que está posto em relação a outros sujeitos, definidos e distintos entre si pelas suas posições”. Ele é tomado como força produtiva e como submisso em uma relação de poder/saber. Ainda sobre o corpo, conforme Hashiguti (2015, p. 19), “na linguagem, o corpo é espessura material significante, é o sujeito inscrito no/pelo discurso a partir de seu corpo, corpo que significa para si e para o outro na relação com o olhar”, sendo assim, entendemos que o corpo significa, provoca e desloca sentidos e que o corpo feminino é significado pela comunidade num processo de subjetivação como um corpo não dócil, não submisso. Nas palavras de Foucault:

O corpo está também diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder tem alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica [...] o corpo é investido por relações de poder e dominação. (FOUCAULT, 2003b, p.25)

A comunidade se posiciona em objeção a todo e qualquer tipo de violência contra a mulher e tenta combater tais práticas a partir de suas postagens. Nas postagens é possível notar que os discursos são contra discursos que vão ao embate dos discursos machistas a fim de desconstruí-los e transgredi-los. O corpo da mulher é naturalizado pelos discursos machistas como um corpo frágil, ífero e erotizado, pois é um produto de diferentes tecnologias sociais, epistemologias, práticas institucionalizadas e cotidianas. Tal naturalização tem se perpetuado na história e na sociedade a partir de práticas e discursos outros que vão reafirmando e repetindo esse efeito de verdade sobre esse corpo. Segundo Lauretis (1994, p.

208) “Poderíamos dizer que, assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, ‘o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais’, por meio do desdobramento de ‘uma complexa tecnologia política’”.

A objetivação se faz tão poderosa que até mesmo as próprias mulheres se subjetivam assim, ou seja, multiplicam esses dizeres, posicionando-se como subalternas e condescendentes a esse discurso. Para entendermos melhor como funciona esse processo de objetivação/ subjetivação do corpo feminino na comunidade *Marcha das Vadias*, tomamos o conceito de subjetivação de Foucault, nas palavras de Fernandes (2012, p. 74):

[...] a subjetivação consiste justamente no processo constitutivo dos sujeitos, pela produção da subjetividade que possibilita, em acepção foucaultiana, a objetivação dos sujeitos. [...] Ainda que, por vezes, essa subjetividade seja compreendida como de natureza lírica, expressão de uma interioridade pura, na qual residiria uma verdade original do sujeito, são os discursos exteriores que a determinam, modificam-na, possibilitam a criação de mundos- espaços socialmente construídos- reservados exclusivamente à segregação desses sujeitos [...]

Observamos que as imagens postadas assim se dão em decorrência das condições de possibilidades e produzem diferentes efeitos de sentidos nos sujeitos. As imagens e os discursos dizem desse corpo ora objetivando-o, ora subjetivando-o, em um processo duplo, pois não há subjetivação sem objetivação. O rosto feminino em evidência, em *close*, se mostra uma regularidade enunciativa nas postagens, pois na maioria delas esse corpo agredido é o foco e ganha visibilidade. Por regularidade enunciativa entendemos que é um “conjunto das condições nas quais se exerce a função enunciativa que assegura e define sua existência” (Foucault, 2010, p. 164) as regularidades enunciativas são, portanto, as práticas discursivas e os discursos que são repetidos, multiplicados em diferentes lugares e por diferentes sujeitos.

Na postagem a seguir, a violência se mostra como uma forma de disciplinar os corpos e de mantê-los dóceis e, assim, os discursos machistas são consolidados por essas práticas violentas. O corpo da mulher exposto em foco é uma regularidade, na verdade, o corpo todo é representado pelo rosto, que é castigado, ferido e objetivado como um corpo apto a sofrer violência.



Imagem 56: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/06/2016⁴⁹

A postagem feita pela comunidade *Marcha das Vadias*, em junho de 2016, apresenta a imagem de Johnny Depp, um famoso ator hollywoodiano e sua ex-mulher, Amber Heard, na foto, com o rosto marcado pela agressão cometida por ele. Notamos que o rosto precisa se fazer visível com as marcas da violência para refutar o discurso da violência contra a mulher, o olhar da mulher agredida é sempre um olhar lateral, vago, esse rosto/ corpo agredido não olha para frente, talvez por se sentir fragilizado, envergonhado por estar em uma posição vulnerável, diferente do olhar direto e empoderado da sequência na Imagem 54 que analisamos acima. É importante observar que, a violência sofrida pelas mulheres não é restrita à classe social ou econômica, pois atinge todos os setores da sociedade, ou seja, qualquer homem, do mais pobre ao milionário, do anônimo ao famoso é legitimado pelos discursos machistas a se sentir superior às mulheres e, conseqüentemente, a infligir tal superioridade com violência.

Aliada à foto temos o discurso da comunidade que reflete sobre as perguntas machistas⁵⁰ que muitos fazem às mulheres agredidas, o discurso da culpabilização da vítima é latente, no final, a culpa é sempre da vítima, que não denunciou o agressor, que aceitou a violência, que não “caiu fora simplesmente” entre outros:

"Essa é uma pergunta que as vítimas de violência doméstica ouvem sempre.
'Por que você não caiu fora simplesmente?' Mas não é incomum que

⁴⁹ Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/2016/06/02/perguntas-amber-_n_10266268.html Acesso em: 02 de setembro de 2016, às 23h15.

⁵⁰ Neste estudo, nosso objetivo não é discutir ou analisar o discurso machista, mas, como podemos compreender na relação dialógica com o discurso feminista, ele aparece no corpus de análise. Partimos da premissa, portanto, de que ele dialoga com os sentidos em circulação no/do discurso feminista.

mulheres em relacionamentos abusivos fiquem com seus companheiros, por razões que são inteiramente suas. Talvez a mulher ame seu companheiro. Talvez pense que as coisas vão melhorar. Talvez pense que pode ajudar a resolver o problema dele. Talvez não queira abrir mão de seus sonhos para o futuro. Talvez tenha medo do que vai acontecer se ela abandonar o companheiro. Não temos como saber exatamente o que aconteceu no relacionamento entre Amber Heard e Johnny Depp. Mas o fato de ela não tê-lo deixado antes não prova nada quanto a ela falar a verdade. Já o fato de ainda estarmos fazendo essas perguntas revela muito sobre o quão pouco as pessoas entendem a violência doméstica." (Texto extraído da comunidade Marcha das Vadias)

A comunidade, ao refletir sobre tais dizeres, se posiciona contra essa cultura sexista e esclarece que o fato de a mulher não denunciar é também devido à opressão que sente da sociedade machista que é sempre dominante e que impõe, a todo momento, seu poder sobre as mulheres, controlando, por exemplo, seus corpos, principalmente, com o auxílio da violência:

No dispositivo da violência, localizado na história da cultura ocidental, as normatizações dos corpos e identidades têm se relacionado, muitas vezes, com um *discurso machista-moralista*, a partir do qual se constitui o sujeito universal masculino, heterossexual, que é essencializado como macho dominante. Nesse quadro interpretativo, a figura masculina heterossexual aparece naturalizada como sendo aquela que age por instinto (violento, sexual, por exemplo), enquanto o corpo feminino – objeto privilegiado para sofrer práticas de violência, tais como a agressão, as ofensas morais e o estupro –, é objetificado como *corpo para o sexo*, capaz de erotizar o outro, mas que é, em si, deserotizado. (HASHIGUTI, S. T., LEMES, F., PAIVA, T. I. 2016, p.7, no prelo)

Outra regularidade enunciativa presente nos discursos das comunidades é o posicionamento dos internautas que acompanham a comunidade e que se manifestam a partir da ferramenta disponibilizada pelo *Facebook* para tal interação: os comentários nas postagens. Em um deles, uma das usuárias, que parece ser um sujeito que compartilha dos mesmos ideais da comunidade, se subjetiva como alguém que não faz esses tipos de perguntas às mulheres vítimas de violência, ou seja, ela não se inscreve nessa posição machista, pelo contrário, seu comentário mostra que ela se subjetiva contra tais práticas violentas e é contra o silenciamento dessas mulheres. A comunidade é então, um dispositivo que permite esse deslocamento e resistência. Esse posicionamento se faz visível no enunciado da ativista: “As pessoas que fazem esse tipo de pergunta costumam ser as primeiras a quererem colocar panos quentes quando a violência doméstica acontece dentro do próprio círculo familiar”.

A formulação “As pessoas que fazem esse tipo de pergunta” enuncia o lugar de onde essa internauta fala, ou seja, ela usa a terceira pessoa do discurso para falar sobre os discursos de culpabilização da vítima, porque esse discurso não a constitui, pelo contrário, ela se

posiciona contra tais dizeres. Já a formulação “Botar panos quentes” significa em nossa sociedade, abafar, esconder, mascarar, calar; e é exatamente contra tais atitudes que a ativista se posiciona ao fazer o comentário, ela enuncia estar indignada diante desses discursos e ainda enfatiza que a violência doméstica se legitima com a condescendência dos próprios familiares, ou seja, a família acaba “botando panos quentes” e não denunciando a agressão física por sentir vergonha ou por não querer expor um problema tão íntimo em público e acaba dando força para que o ato venha a se repetir. São nessas microestruturas que o discurso da violência contra a mulher ganha legitimidade e força para continuar se perpetuando na sociedade brasileira.

É importante salientar que nem todos os comentários são de pessoas que concordam com o posicionamento político e ideológico da comunidade. Como a comunidade é pública, há participação de quaisquer pessoas, portanto, há muitos discursos machistas presentes nas postagens também, os quais muitos deles são banidos, apagados pelas idealizadoras que se dão ao direito de excluir de sua página postagens desrespeitosas e ofensivas.

Ainda sobre a relação subjetivação/ objetivação, verificamos que as comunidades se subjetivam feministas na estratégia de saber/ poder. Com base no pensamento foucaultiano:

Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através dos antagonismos das estratégias. Por exemplo, para descobrir o que significa, na nossa sociedade, a sanidade, talvez devêssemos investigar o que ocorre no campo da insanidade; e o que se compreende por legalidade, no campo da ilegalidade. E, para compreender o que são as relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistências e as tentativas de dissociar estas relações. (FOUCAULT, 1995, p.234)

A comunidade faz visível o corpo subjugado, maltratado e violentado justamente para seu posicionamento contra os discursos machistas. Os discursos enunciados pela *Marcha das Vadias Sampa* enunciam suas formas de resistência a esses discursos e, consequentemente, tornam visíveis as tentativas de dissociação. A relação de poder se faz visível então, tanto nos discursos verbais quanto nos discursos imagéticos como podemos visualizar na postagem a seguir:



Imagem 57: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 9 de junho de 2013⁵¹

Na imagem, temos a foto de uma manifestante da Marcha das Vadias em mais uma das manifestações feitas pelo grupo, realizada em Guarulhos, no dia 08 de junho, sendo agarrada à força por um policial militar do sexo masculino. É nítido que no exato momento da abordagem policial, houve abuso de poder, abuso este que é legitimado pelos discursos e práticas machistas. Mas a comunidade refuta tal abuso, por exemplo, dando voz a internautas que se identificam com a causa da comunidade e se posicionam contra a agressão apresentada na imagem e denunciam o abuso em seus enunciados, esses internautas/ usuários da rede agem sobre ela e também mobilizam sentidos, uma vez que se posicionam como *testemunhas*, *juízes e denunciadores* do assédio e da violência.

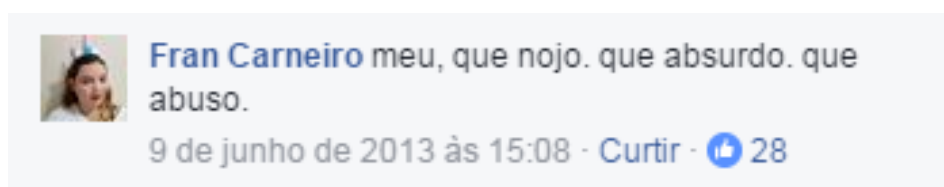


Imagem 58: Comentário na postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 9 de junho de 2013⁵²

⁵¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/search/photos/?q=marcha%20das%20vadias%20sampa> Acesso em: 27 de abril de 2017, às 20h.

⁵² Disponível em: <https://www.facebook.com/search/photos/?q=marcha%20das%20vadias%20sampa> Acesso em: 27 de abril de 2017, às 21h.



Imagem 59: Comentário na postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 9 de junho de 2013⁵³

Mais uma vez, a violência é imposta ao corpo feminino, corpo este que é contido por uma relação de força, que se torna visível, por exemplo, pelos dedos do policial que cravam a pele da manifestante causando-lhe dor. A dor é materializada no semblante da manifestante, que aparece de olhos fechados demonstrando a dor física que lhe está sendo aplicada. O homem reitera seu poder, aplicando a violência e, impedindo que o corpo feminino manifeste contra os discursos machistas, ou seja, há o uso da força para silenciar/ dissociar o discurso de resistência. De acordo com Butler (2000, p. 110-111):

A categoria do "sexo" é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de "ideal regulatório". Nesse sentido, pois, o "sexo" não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla. Assim, o "sexo" é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o "sexo" é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o "sexo" e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas.

O sexo masculino aparece nessa imagem como o sexo forte, dominante, autoritário, subjetivação que se se torna possível não só pela aplicação da violência, mas também pela posição do homem que está sendo violento, não é um homem qualquer, é um policial militar, cujo corpo também foi domesticado, a começar pelo uso da farda que representa e torna visível sua posição social de autoridade, cuja função social é a de assegurar o cumprimento das leis, de estabelecer a ordem, de ser disciplinado e infringir a disciplina conforme propõe o pensamento foucaultiano:

O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia; e se é verdade que deve aprender aos poucos o ofício das armas- essencialmente lutando- as manobras como a marcha, as atitudes como o porte da cabeça se originam,

⁵³ Disponível em: <https://www.facebook.com/search/photos/?q=marcha%20das%20vadias%20sampa>
Acesso em: 27 de abril de 2017, às 21h20.

em boa parte, de uma retórica corporal da honra. [...] Segunda metade do século XVIII: o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi “expulso o camponês” e lhe foi dada a “fisionomia de soldado”. (FOUCAULT, 1987, p. 117)

É importante observar que o momento da abordagem não é um momento estático, mas é um momento de confronto em que o homem aperta literalmente a manifestante contra o seu peito numa tentativa de imobilizá-la, de transformar esse corpo que protesta, que vai às ruas, que fala, que se faz visível e audível, em corpo dócil, útil, disciplinado, que não confronta, que é obediente e silenciado, conforme aponta Foucault: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Ainda nas palavras de Foucault (1987, p. 118):

Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgente; em qualquer sociedade, o corpo está no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições obrigações. [...] A escala, em primeiro lugar, de controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalha-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica- movimentos, gestos, atitudes, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. A modalidade enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade- utilidade, são o que podemos chamar de “disciplinas”.

Nessa postagem também é possível observar a mesma regularidade enunciativa da postagem anterior: há a foto da vítima e do agressor, o olhar da vítima nunca é um olhar fixo, é sempre um olhar de dor, de vergonha, indignação. A violência cometida pelo agressor assim como na imagem da postagem anterior também é evidenciada nessa imagem, não só na imagem como também nas manifestações dos usuários da rede que, a partir de comentários, posicionam-se ora contra, ora a favor de tal violência.

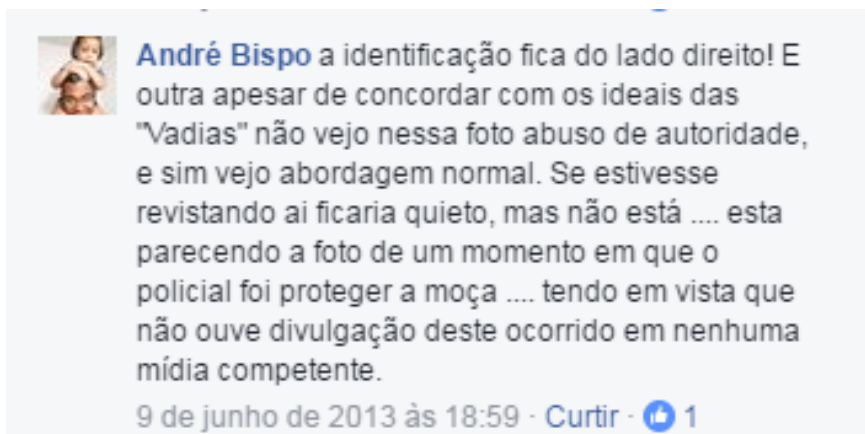


Imagem 60: Comentário na postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 9 de junho de 2013⁵⁴

Atentamos para o fato de que, no comentário acima, o internauta vê a atitude do policial como uma “abordagem normal”, ou seja, a forma violenta como o oficial agarra a manifestante é uma ação comum para o internauta. Nesse comentário, é perceptível a naturalização da violência contra a mulher, naturalização esta dada pelo homem, pelo olhar masculino e hétero, essa naturalização é uma forma de subjetivação. O internauta afirma que não há violência, que a abordagem é um “momento em que o policial foi proteger a moça”, para ele, agressão é sinônimo de proteção, agarrar com força uma mulher significa protegê-la. Se não existisse essa naturalização da violência contra a mulher, talvez a manifestante teria sido abordada por um policial do sexo feminino, por exemplo, talvez a “proteção” dita pelo internauta seria feita de outra forma, mas não, a violência é tão legitimada em nossa sociedade, tão cristalizada, que a abordagem violenta é sempre justificada e mascarada. Segundo Bourdieu (2012, p 18), “O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depósito de princípios de visão e de divisão sexualizantes”, o corpo feminino foi, portanto, construído como um corpo débil, domesticado, por isso, o policial se sente no direito e poder de se agarrar ao corpo da manifestante da maneira como ele fez conforme a imagem evidencia.

Os comentários se mostram como regularidades enunciativas porque vão replicando em diferentes formulações os mesmos discursos que objetivam as mulheres. A mulher, por fazer parte de uma marcha que sai às ruas para reivindicar o direito pelo próprio corpo, é objetivada como prostituta, ou seja, a resistência ao discurso opressor alimenta mais violência. O internauta faz uma crítica aos programas do governo para a camada marginalizada da

⁵⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/search/photos/?q=marcha%20das%20vadias%20sampa>
Acesso em: 27 de abril de 2017, às 21h.

sociedade e ainda compara as manifestantes com prostitutas. Há no comentário a seguir, um discurso hegemônico, que condena a diversidade e coloca à margem os que não se encaixam no padrão branco, hétero e submisso da sociedade brasileira. O processo de objetivação nesse enunciado se faz visível no pedido pela volta do militarismo no país, ou seja, o internauta insiste pelas práticas de normatização dos corpos aplicadas pelo exército brasileiro.

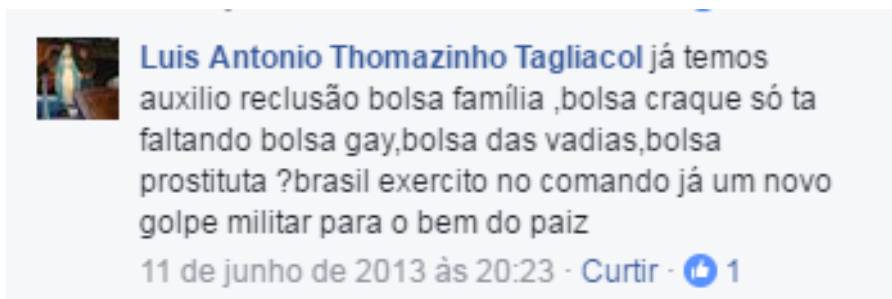


Imagem 61: Comentário na postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 9 de junho de 2013⁵⁵

O discurso machista é latente em nossa sociedade e afeta até mesmo as mulheres, a naturalização se dá de modo tão eficaz que a divisão da sociedade em sexos não é questionada, é tomada como certa e concreta. Conforme Bourdieu:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas ‘sexuadas’), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. BOURDIEU, 2012. p. 17)

Não só a divisão dos sexos, mas também a normatização de que a mulher é um ser inferior estão para a ordem das coisas, como podemos ver no comentário da internauta a seguir. Ela que fala de um lugar desprivilegiado por ser também mulher, se identifica com os discursos machistas e repudia a *Marcha das vadias*, deslegitimando assim, o movimento dessas mulheres que lutam em prol de visibilidade e direitos pelo próprio corpo.

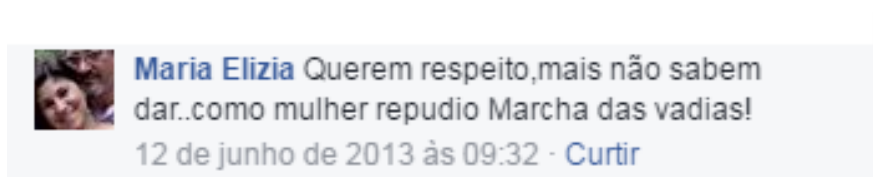


Imagem 62: Comentário na postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 9 de junho de 2013⁵⁶

⁵⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/search/photos/?q=marcha%20das%20vadias%20sampa>
Acesso em: 27 de abril de 2017, às 21h.

Na formulação da internauta aparece a seguinte sentença: “Querem respeito, mas não sabem dar”, formulação esta que se refere ao fato de as mulheres da marcha saírem às ruas, um espaço público e acessível a todos, com os seios à mostra para reivindicar o poder sob seus corpos, é visível a ideologia puritana e machista em que a internauta se inscreve, ideologia esta que tirou o direito das mulheres de mostrar os seios publicamente, mas quando são os homens que saem sem camisa pelas ruas, tal ato é aceito pela sociedade.

O comentário enuncia, então, que essa mulher se subjetiva na ideologia reguladora e a pratica, pois repudia o ato de sair às ruas com os seios à mostra. É interessante observar que a posição dela na sociedade, posição sujeito mulher é uma posição também subjugada como a posição das manifestantes e simpatizantes da Marcha das Vadias. Mas mesmo pertencendo à mesma categoria social, essa mulher não se identifica com o ideal da comunidade, pois está inserida em outra formação discursiva. Ela concorda com a objetivação que é feita do corpo da mulher e, assim, como os discursos machistas enunciam, ela se posiciona contrária à liberdade da mulher, à autonomia do corpo feminino. Há uma contradição em seu discurso.

Os discursos que objetivam as mulheres se fazem visíveis, principalmente, na negativa a eles, como podemos evidenciar no comentário a seguir:

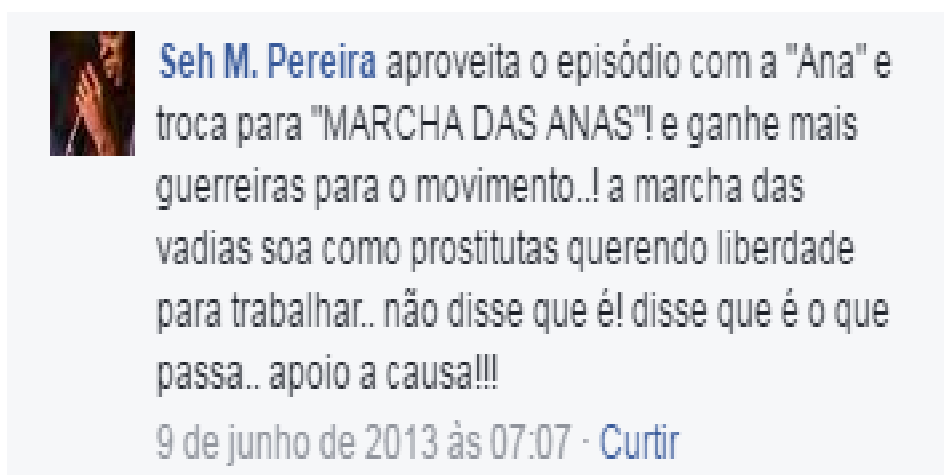


Imagem 63: Comentário na postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 9 de junho de 2013⁵⁷

O internauta se posiciona contrário ao uso do termo “vadias” para nomear a marcha, para ele o termo soa como “prostitutas querendo liberdade para trabalhar”, ou seja, ele não se

⁵⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/search/photos/?q=marcha%20das%20vadias%20sampa>
Acesso em: 27 de abril de 2017, às 21h.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/search/photos/?q=marcha%20das%20vadias%20sampa>
Acesso em: 27 de abril de 2017, às 21h.

identifica com a posição da comunidade, para ele, o termo vadias continua tendo a mesma memória discursiva negativa de sempre. O internauta tenta se mostrar a favor do movimento com a assertiva: “Não disse que é! Disse que é o que passa” e nessa contradição acaba reafirmando sua postura machista e preconceituosa. Segundo Foucault (1999) “A contradição é a ilusão de uma unidade que se oculta ou que é ocultada: só tem lugar na defasagem existente entre a consciência e o inconsciente, o pensamento e o texto, a idealidade e o corpo contingente da expressão”. Ele diz que apoia a causa, mas pede pela troca do nome do movimento. É na contradição, na negação de ressignificar o termo vadias que o internauta se objetiva como um sujeito que não apoia de fato o movimento, ou seja, na tentativa de velar seu machismo é que ele se mostra machista.

O movimento se pauta na negação dos discursos dominantes e na transcendência destes e não usa, por exemplo, a recíproca. As moderadoras permitem que comentários dessa natureza se façam visíveis na comunidade, mostrando assim, que é uma comunidade que busca desconstruir discursos machistas sem atacar os homens efetivamente.

Notamos então, que na comunidade *Marcha das Vadias Sampa*, os corpos resistem. Há uma “desidentificação com as normas regulatórias” (BUTLER, 1991). Os sujeitos se constituem em relações de poder que são construídas a partir dos discursos e das imagens. Entendemos que a *posição sujeito vadia* no discurso das comunidades está no âmbito da resistência e por isso provoca um deslocamento, uma movência, que foi possibilitada pelo discurso que objetiva essas mulheres como sujeitos submissos, como corpos que foram feitos para serem disciplinados e mantidos dóceis a partir de práticas violentas. O mesmo ocorre nas publicações feitas pela *Não me Kahlo*:



Imagem 64: Postagem da comunidade *Não me Kahlo* no site *Facebook*
Postagem datada de 8 fevereiro de 2016⁵⁸

“Esses monstros não admitem receber um não, não admitiram a gente não querer interagir com eles, não admitiram que a gente poderia estar na rua e querer brincar sozinhas sem ser assediadas violentamente por eles”. O corpo marcado faz visível a violência sofrida. Há uma naturalização da violência, que é cultivada a partir de interdiscursos machistas. A culpabilização da vítima é retomada, ao dizer “não”, ela se desloca da posição de vítima para a posição de culpada, pois no momento do acontecimento há um pré-construído, há uma ideologia machista dominante que impossibilita a recusa da mulher à investida de um homem em uma festa de carnaval. No dispositivo da violência, localizado na história da cultura ocidental, as normatizações dos corpos e identidades têm se relacionado, muitas vezes, com um *discurso machista-moralista*, a partir do qual se constitui o sujeito universal masculino, heterossexual, que é essencializado como macho dominante.

⁵⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/search/photos/NãomeKahlo> Acesso em: 27 de abril de 2017, às 21h30.

Nessa postagem, a figura masculina heterossexual aparece naturalizada como sendo aquela que age por instinto (violento, sexual, por exemplo), enquanto o corpo feminino – objeto privilegiado para sofrer práticas de violência, tais como a agressão física, as ofensas morais e o estupro-, é objetivado como *corpo para o sexo*, capaz de erotizar o outro, mas que é, em si, deserotizado. O corpo dócil da mulher funciona apenas como um objeto para a sexualidade masculina e sua resistência ao sexo, bem como suas formas de comportamento, são interpretadas como provocações ao homem cuja sexualidade é latente e potente.

Assim como os dizeres que usam o carnaval como uma desculpa para perpetuar a violência contra a mulher, há também dizeres outros que corroboram e dão continuidade a tal ideologia, como por exemplo, dizeres do tipo: “Há mulheres que gostam de apanhar”. Na tentativa de desconstruir essa ideologia machista, mais uma vez a comunidade Não me Kahlo se posiciona contra tais discursos usando o espaço digital como forma de denúncia e, sobretudo, como forma de transgressão.



Imagem 65: Postagem da comunidade *Não me Kahlo* no site *Facebook*
Postagem datada de 8 fevereiro de 2016⁵⁹

Os discursos machistas fazem visíveis as formas de opressão e repressão também. A imagem denuncia a mulher como um ser inferiorizado, que além de sofrer a violência é coagida pela sociedade a não denunciar os maus tratos. A violência é uma estratégia regular. Ela é enunciado tanto nos dizeres, na negativa de um discurso machista, quanto na imagem que revela a posição subalterna da mulher na sociedade brasileira, que na maioria das vezes, é dependente do marido e não vê possibilidade de se libertar da violência. A mulher aqui é colocada na posição de vítima da violência, violência esta que muitas vezes é sofrida porque a

⁵⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/search/photos/NãomeKahlo> Acesso em: 27 de abril de 2017, às 21h30.

sociedade não permite uma ascensão dessa mulher. Há, nesses dizeres, tanto o poder físico quanto o poder social e psicológico do homem sob a mulher. Observamos nesses dizeres que há uma tentativa de desconstruir o dispositivo da violência no dispositivo feminista. A comunidade funciona como um dispositivo feminista e tenta romper, fazer um furo no dispositivo da violência, refutando-o, negando-o e fazendo-o visível nas postagens.

As idealizadoras negam a categorização pela culpa e a responsabilidade por sofrer violência. Evidenciam, por exemplo, os efeitos tantos físicos quanto psicológicos da violência contra a mulher. A falta de reação não é um consentimento, a falta de reação é um silenciamento forçado, obrigado, motivado, pois a relação de poder que se instaura entre agressor e agredido é desigual, é injusta e, sobretudo, é respaldada por toda uma sociedade há muito tempo. É nítido, portanto, dentro de um mesmo dispositivo, o da violência, forças contrárias que partem de um mesmo discurso.

Para finalizar, segue outra postagem que torna visível como o corpo da mulher é enunciado e feito visível nos espaços digitais. Os dizeres e a imagem evidenciam a naturalização da violência de gênero que é perpetuada a partir de práticas discursivas e sociais, vistas pelos sujeitos machistas como piadas inocentes, rótulos involuntários, cantadas despropositadas, entre outras formas de coerção da mulher bem como a tentativa de doutrinação de seu corpo e de sua conduta.



Imagem 66: Postagem da comunidade *Não me Kahlo* no site *Facebook*
Postagem datada de 27 de março de 2016⁶⁰

⁶⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/search/photos/NãomeKahlo> Acesso em: 27 de abril de 2017, às 21h30.

“Foi só uma piada”. Dizeres desse tipo atestam a cultura do estupro e legitimam a violência contra a mulher. O corpo da mulher é alvo de piadas, assédios, abusos, constantemente, e a comunidade torna essas práticas visíveis para refutá-las. Na imagem há a hierarquia dessas práticas que começam nas micro instâncias e vão até as macro . A cultura do machismo é perpetuada por práticas dessa natureza. A partir disso, os discursos vão ganhando força e se tornam legítimos na sociedade sem necessariamente se saber qual é a sua origem.

Observamos também na postagem que refutar tais práticas é muito difícil, pois como a internauta diz em seu comentário: “Reclamei outro dia e passei por louca, que não sabe brincar, exagerada e tudo mais”. A naturalização de práticas sexistas é tão forte que a internauta na tentativa de desconstruí-las acaba sendo ridicularizada e ofendida novamente, objetivada como louca, exagerada, sem humor.

4.3. O corpo padronizado

Muitas são também as postagens sobre a estética do corpo feminino nessas comunidades. Outro tema bastante polêmico em nossa sociedade, a qual insiste em instaurar uma ditadura dos corpos, exigindo que as mulheres tenham um padrão definido de corpo para serem taxadas como bonitas. As feministas se posicionam contra tais padrões e evidenciam isso em seus *posts*, como o apresentado a seguir:



Imagem 67: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 17/01/2016⁶¹

61

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/mandibulaquadrinhos/photos/a.1441772286150785.1073741828.1440891689572178/1527250487602964/?type=3&theater> Acesso em 02/09/2016, às 23h25.

Na imagem, o tipo de corpo que se faz visível na comunidade não é o corpo visto em revistas e nos comerciais de televisão: corpos magros, com barrigas com pouca ou nenhuma gordura aparente, cabelos longos e lisos, mulheres altas, enfim, padrões que estão longe de ser verdadeiros, visto que para se chegar a eles é preciso algum tipo de intervenção cirúrgica, pois o corpo da brasileira geneticamente explicando, não é um corpo alto e magro, não tem o mesmo padrão dos corpos europeus, mas ainda assim nossa sociedade insiste em “copiar” e impor tais padrões e levar as mulheres a acreditarem que somente esses padrões são considerados bonitos socialmente.

As mulheres subjetivadas aqui são mulheres “normais”, sem intervenções estéticas, ou seja, o corpo feito visível aqui é um corpo que não condiz com os padrões sociais impostos, é um corpo com curvas, com formas avantajadas, os cabelos são encaracolados, assumem-se na imagem, as estrias, as celulites, a falta de simetria, itens muito cobrados pelos discursos ditatoriais da beleza. No discurso feminista as mulheres rechaçam tais padrões estéticos e se subjetivam como donas de seus próprios corpos, conhecem seus corpos, não têm vergonha deles, pelo contrário, se orgulham de suas curvas, amam seus corpos acima de tudo e de toda e qualquer imposição social e se sentem bem da forma como são e não da forma como querem que sejam.

Questões como peso, curvas, formas, tipos de cortes de cabelo etc. impostas pelos padrões sociais não fazem parte desse universo. Isso é já uma gestão do corpo e a dizibilidade/visibilidade possível de corpos no dispositivo feminista. A comunidade se posiciona contra tais padrões e constrói sua discursividade e visibilidade a partir dessas postagens.

Mesmo a comunidade se mostrando feminista e apoiando a liberdade da mulher, sobretudo, a liberdade de seus corpos, há alguns comentários machistas e preconceituosos de algumas pessoas. Como o comentário mostrado no post de Diego Thomaz De Almeida que diz: “Agora ser gorda é legal aff se toda mulher pensa assim onde nois vai para??”.

Esse sujeito se inscreve em uma posição machista que não reconhece que o corpo da mulher pode ter várias formas, peso e tipos que continuará sendo um corpo feminino e como qualquer outro corpo merece respeito. O sujeito compartilha da ideologia machista que oprime o corpo feminino infligindo-lhe padrões, rotulando-o, e depreciando os que não seguem a ditadura da beleza. Comentários dessa natureza demonstram o quanto a sociedade machista controla e oprime as mulheres, evidenciando assim, a urgência e importância de combater tais discursos.

A padronização dos corpos não é feita somente pela espessura do corpo, mas também pelo uso da roupa. As roupas também são dispositivos de poder, que impõem a disciplina aos corpos. As roupas ditam quanto o corpo pode ou não ser exposto e subjetivam as mulheres pela sua constituição.



Imagem 68: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 17/01/2016⁶²

O foco no corpo, que aparece a partir de determinado tipo de moda (roupas curtas), é uma tentativa de disciplinarização dos corpos. Há uma retomada do enunciado de referência, a mulher é subjetivada como vadia por causa da roupa que veste. A roupa legitima a violência. O corpo da mulher mais uma vez é visto como um objeto que provoca o homem, a roupa põe o corpo em evidência, corpo este que deve ser doutrinado e não exposto. Segundo Foucault (1999, p. 110):

A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

Em tal postagem, as mulheres se subjetivam como mulheres donas de seus corpos, e se deslocam da posição objeto do/para o desejo masculino. O discurso da comunidade é um

62

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/mandibulaquadrinhos/photos/a.1441772286150785.1073741828.1440891689572178/1527250487602964/?type=3&theater> Acesso em 02/09/2016, às 23h25.

contra discurso que vai ao embate do discurso machista que tenta justificar o estupro responsabilizando a mulher pela violência sofrida, ou seja, a mulher não é a vítima, é a culpada por ter provocado tal reação masculina devido às roupas que usa. No mesmo sentido segue a próxima postagem, que também explicita o discurso machista e a cultura do estupro a partir da roupa.

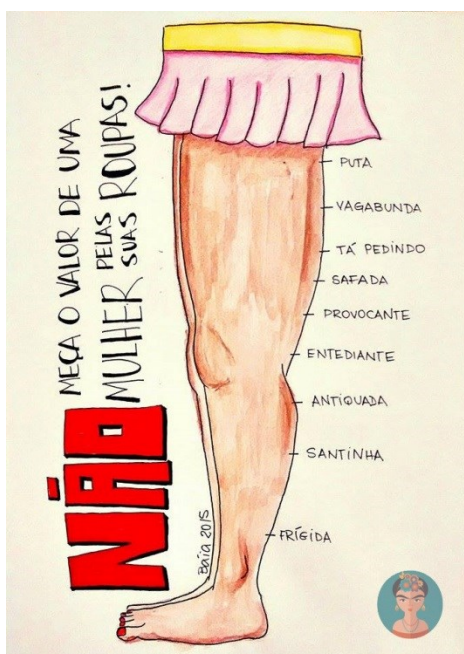


Imagem 69: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 17/01/2016⁶³

“Não meça o valor de uma mulher pelas suas roupas”. Na imagem temos a figura de pernas femininas vestidas com uma saia cujo comprimento é medido de acordo com os discursos que circulam na sociedade, tais como: puta, vagabunda, tá pedindo, safada, provocante, entediante, antiquada, santinha, frígida. Esses são alguns dos estereótipos da mulher que circulam em dizeres machistas da sociedade brasileira. A roupa determina o caráter da mulher, a rotula e a coloca em determinada posição social. A roupa determina se a mulher é uma potencial vítima ou não de agressão física. São nas micro instâncias, nos pequenos detalhes como a escolha da roupa por exemplo, que o poder se exerce e, assim, os processos de disciplinarização, como aponta Foucault (1999), p. 120):

Não se trata de fazer aqui a história das diversas instituições disciplinares, no que podem ter cada uma de singular. Mas de localizar apenas numa série de

63

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/mandibulaquadrinhos/photos/a.1441772286150785.1073741828.1440891689572178/1527250487602964/?type=3&theater> Acesso em 02/09/2016, às 23h25.

exemplos algumas das técnicas essenciais que, de uma a outra, se generalizam mais facilmente. Técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância: porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova “microfísica” do poder; e porque não cessaram, desde o século XVII, de ganhar campos cada vez vastos, como se tendessem a cobrir o social inteiro. Pequenas astúcias dotadas de um grande poder de difusão, arranjos sutis, de aparência inocente, mas profundamente suspeitos, dispositivos que obedecem a economias inconfessáveis, ou que procuram coerções sem grandeza, são eles entretanto que levaram à mutação do regime punitivo, no limiar da época contemporânea. Descrevê-los implicará na demora sobre o detalhe e na atenção às minúcias: sob as mínimas figuras, procurar não um sentido, mas uma precaução; recoloca-las não apenas na solidariedade de um funcionamento, mas na coerência de uma tática. Astúcias, não tanto de grande razão que trabalha até durante o sono e dá um sentido ao insignificante, quanto da atenta “malevolência” que de tudo se alimenta. A disciplina é uma anatomia política do detalhe.

Na postagem, há uma retomada ao tema da culpabilização da mulher, explícita no enunciado: “tá pedindo”. É importante salientar que quem olha e interpreta a mulher exibindo o corpo é o homem, que olha a partir de sua posição discursiva (HASHIGUTI, 2015) em um discurso machista, não sendo possível tomar como verdade e generalização o fato de que a mulher mostra seu corpo ao usar roupas curtas. Decotes, comprimentos e tipos de trajés não são usados somente ou unicamente para o olhar do outro ou para constituir o corpo objeto ou produto.

A exposição do corpo feminino sob estas condições de produção desvela, em imagem, os discursos machistas que perscrutam a sociedade brasileira no que diz respeito às mulheres. Expor o corpo que sempre foi “domesticado”, a partir de imagens e dizeres que estereotipam a mulher, como a história nos permite ver, foi a maneira que a comunidade e também os seus seguidores, que não se subjetivam em tal ideologia, encontraram de fazer visível a objetivação que a mulher sofreu e ainda sofre no Brasil.

4.4. O corpo subjetivado

A perspectiva discursiva das comunidades analisadas é a de sujeitos feministas que se posicionam contra discursos sexistas e preconceituosos, principalmente, em relação ao corpo da mulher. Para tanto, a mulher na comunidade Marcha das Vadias é subjetivada como heroína, como um sujeito de poderes, que luta desde a sua existência pelo seu lugar social, lugar esse que sempre foi à margem da sociedade.



Imagem 70: Postagem da comunidade *Marcha das Vadias SP* no site *Facebook*
Postagem datada de 08/03/2016⁶⁴

Na postagem em destaque, temos a imagem de Anita Garibaldi, que foi uma revolucionária brasileira que lutou ao lado de seu marido Giuseppe Garibaldi na Revolução Farroupilha, é conhecida como a heroína dos dois mundos porque lutou no Brasil e na Itália, e é sem dúvida, um símbolo de resistência, já que não foi uma mulher que se curvou para as condutas sociais. Conforme Fernandes (2012, p. 80): “A prática da subjetividade se apresenta, então, como uma atividade, uma forma de constituição do sujeito possibilitada por discursos que lhes são exteriores”. As mulheres das comunidades se subjetivam como heroínas, mulheres que lutaram em prol de uma causa e que ainda seguem lutando. A postagem é uma homenagem a essas mulheres que travaram essa luta pelos direitos e pela liberdade feminina e que, devido a elas, hoje, as mulheres têm maior visibilidade e voz na sociedade. A homenagem é um reconhecimento e um agradecimento a essas mulheres, pois elas encorajam as mulheres da atualidade a também lutarem por sua autonomia e empoderamento.

Além do discurso que reafirma tal poder das mulheres, subjetivando-as como heroínas, há também na postagem, o desenho do busto de várias outras mulheres de grande importância na história da luta feminista, tais como Maria da Penha, Malala Yousafzai, Cássia Eller, entre outras. Essas imagens ratificam a ideologia da comunidade que é a luta pela empoderamento

64

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/direitoshumanosbrasil/photos/pcb.997758236972213/997773056970731/?type=3&theater> Acesso em 02/09/2016, às 23h30.

das mulheres, a luta feminista. O dispositivo feminista se mostra então como uma forma de resistência na comunidade.

5. CONCLUSÃO

A Marcha das Vadias Sampa e a Não me Kahlo são comunidades que agregam ao corpo da mulher discursividades outras que subjetivam as mulheres como sujeitos visíveis e dizíveis por si mesmas e para si mesmas como personagens principais de suas vidas. Nosso interesse em abordar os dois tipos de materialidades, a linguística e a imagética, neste estudo, se explica pelo fato de compreendermos as duas formas de reação funcionando dialeticamente, numa relação entre duas forças distintas no dispositivo da violência: uma predominantemente machista e moralista, para quem é possível enunciar tal formulação, e outra anti-machista-moralista, para quem a possibilidade de enunciação de tal formulação existe somente como transgressão e resistência.

O dispositivo feminista em funcionamento nas comunidades analisadas, como compreendemos, busca desconstruir o dispositivo da violência e resistir ao discurso machista tornando visíveis as pequenas práticas discursivas e sociais que perpetuam o discurso de inferiorização da mulher. Tornando visíveis tais práticas de violência contra a mulher, as comunidades tentam desconstruir determinadas ideologias machistas e transgredir discursos sexistas e preconceituosos que circulam em nossa sociedade. A partir da denúncia e da ressignificação dos corpos femininos, as mulheres vão ganhando força para resistir ao machismo e se fazerem ser ouvidas e respeitadas em uma sociedade que necessita rever seus valores, principalmente, sobre o papel feminino.

A partir das análises feitas das materialidades encontradas nas comunidades em questão, podemos concluir que o feminismo pode ser pensado também como dispositivo por permitir a subjetivação e a objetivação do corpo feminino. De acordo com o que nos deparamos nas análises, ele pode ser apreendido em nosso gesto de interpretação pelas regularidades enunciativas que dele surgem. O dispositivo feminista também é uma forma de saber/ poder, pois subjetiva os corpos femininos como corpos autônomos, resistentes e individuais, não mais corpos do coletivo e provocam um furo no dispositivo da violência, refutando-o. Nesse dispositivo, as estratégias de saber/poder sobre o corpo feminino, que entendemos funcionar nas comunidades analisadas foram: a nudez, a violência e o próprio feminismo.

Concluimos, portanto, que o corpo da mulher é subjetivado nos espaços digitais, sobretudo nas comunidades feministas como um contra discurso aos discursos machistas-moralistas e que o feminismo permite tal subjetivação, já que luta em prol do empoderamento

das mulheres, buscando dar visibilidade a elas nesse espaço. O espaço digital se mostrou uma importante ferramenta na luta pela desconstrução dos controles impostos aos corpos femininos e, hoje, é sem dúvida, também um dispositivo de poder, já que dissemina ideologias e impõe condutas e determinados comportamentos online.

A partir do estudo, foi possível tornar visíveis diversas formas de coerção que o corpo feminino sofre em nossa sociedade para repensarmos tais ideologias e desconstruirmos essas redes de dominação para que as mulheres, sobretudo, o corpo feminino possam se soltar das amarras simbólicas e reais do poder masculino. Dessa forma, esse estudo se mostrou produtivo, pois nos possibilitou um olhar mais crítico e interessado ao corpo feminino, que carece de atenção e cuidados, e que precisa, sobretudo, ser de fato um corpo livre.

Não podemos deixar de observar que tal estudo foi importante para entendermos como o dispositivo feminista funciona hoje nos espaços digitais promovendo um espaço para as mulheres se fazerem visíveis e dizerem sobre seus corpos, fazendo um lugar social para sua existência, e para uma existência digna. Assim como a prova do Enem se tornou um espaço para essas mulheres silenciadas, o dispositivo feminista também se faz um espaço de dizer. Assim, pudemos entender melhor a força do dispositivo feminista bem como dos espaços digitais que permitem tal objetivação/ subjetivação e disseminam ideologias dominantes e de resistência.

O presente estudo nos forneceu, portanto, elementos profícuos para discutirmos as questões de gênero e as relações de poder/ saber em sala de aula para transformá-la também em um espaço de visibilidade, de dizeres e de resistência. Vislumbramos a possibilidade de levar o tema deste estudo para a sala de aula de redação em língua portuguesa trabalhando com materiais que possibilitem a reflexão e o posicionamento crítico, o deslocamento de sentidos e a compreensão de como sentidos cristalizados vão sendo repetidos e como podem ser ressignificados.

Nosso estudo foi também a nossa forma de resistir e explicar, pelo funcionamento da linguagem, como os gêneros sexuais vão se constituindo. Foi também uma forma urgente e necessária de digerir o incômodo de saber que a violência contra a mulher não é uma ficção.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Achard, P. O papel da memória. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999.

Agamben, G. O que é um dispositivo. Trad. Nilcéia Valdati. p. 9-16. 2005.

Althusser, L. P. Aparelhos Ideológicos de Estado. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

Barthes, R. Elementos de Semiologia. Tradução Izidoro Blikstein. 21ª ed., São Paulo, SP: Editores Colares, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina; tradução Maria Helena Kuhner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo" In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BUTLER, J. Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity. Nova York: Routledge, 1990. 172 p.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. A Sociedade em Rede. Do Conhecimento à Acção Política. Conferência. Belém (Por). : Imprensa Nacional, 2005.

CHARADEAU & MAINGUENEAU

Corbin, A.; Courtine, J. J.; Vigarello, G. História do corpo 3. As mutações do olhar. O século XX. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

COURTINE, J. J. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: UFSCar, 2009. 250 p.

CUNHA, B. M. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. Disponível em: <http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%C3%A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2016.

Deleuze, G. Foucault. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. 2ª ed. Editora Brasiliense, 1991.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Análise do discurso: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005. 118p.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Discurso e sujeito em Foucault. Apresentação de Vanice

Sargentini. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro. Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 5ª ed: setembro de 1999. São Paulo: Edições Loyola.

Foucault, M. O sujeito e o poder. In P. RABINOW e H. DREYFUS, Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

Foucault, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil Revista Sociedade e Estado - Volume 29 Número 2. Maio/Agosto 2014.

Gregolin, M. R. Análise do discurso e semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. In PIOVEZANI, C; CURCINO, L; SARGENTINI, V. Discurso, semiologia e história. São Carlos: Claraluz, 2011.

HASHIGUTI, Simone T. Corpo de Memória. Jundiaí, Paco Editorial, 2015. 116 p.

HASHIGUTI, S. T., LEMES, F., PAIVA, T. I. #EuNãoMereçoSerEstuprada: o corpo feminino no dispositivo da violência. 2016, no prelo.

HASHIGUTI, Simone T. Linguística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras: práticas e questões sobre e para a formação docente/ organização Simone T. Hashiguti. 1ªed. Curitiba, PR: CRV, 2013. 152p.

LAURETIS, Teresa De: "A Tecnologia do Gênero" in: HOLLANDA, Heloisa Buarque: Tendências e Impasses – o feminismo como crítica da cultura, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte, MG, Autêntica Editora, 2000. 127p.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. Estudos feministas, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014.

MEDRADO, B.; MÉLLO, R. P. Posicionamentos críticos e éticos sobre a violência contra as mulheres. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20nspe/v20nspea11> Acesso em 20 de agosto de 2016.

MILANEZ, N. As divas da linguagem- a audiovisualidade dos corpos no videoclipe. 2016, no prelo.

MOORE, Henrietta L. A passion for Difference. Essays in Anthropology and Gender. Bloomington e Indianapolis, Indiana University Press, 1994, p. 49-70. (Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Adriana Piscitelli.)

NYE, Andrea. Teoria feminista e as filosofias do homem/ Andrea Nye; tradução de Nathanael C. Caixeiro. – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 4ª edição. 2002.

Pêcheux, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 4ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, M. Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 3ª ed., Campinas: Ed. da UNICAMP, 313 p., 1975/1997.

Piovezani Filho, C.; CURSINO, I.; SARGENTINI, V. M. O discurso, Semiologia e História. 1ª ed. São Carlos: Claraluz, 2011. 284 p.

Revel, Judith. Michel Foucault: conceitos essenciais / Judith Revel; tradução Maria do Rosário, Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos : Claraluz, 2005.

SCHRAIBER, L. B., D'OLIVEIRA, A. F. L. P. Violência contra mulheres: Interface com a saúde. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v3n5/03.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2016.